EDIÇÃO DE COLECIONADOR

A FINAL CONTRA A PONTE, MINUTO A MINUTO
ONDE ANDAM OS HERÓIS DE 1977
PÔSTER DO TIME CAMPEÃO
A FILA, DE 1954 A 1977
109 FOTOS HISTÓRICAS
O TABELÃO DA CAMPANHA

CORINTHIANS 1977
30 ANOS DA LIBERTAÇÃO

O Timão já conquistou o Brasil e o mundo, mas o sofrido Paulistão está no coração da Fiel

Abril
R$ 0,00
EDIÇÃO 1311-A
7 893614 045368

Grite Goooooool sempre que o TIMÃO detonar em campo !

SMS PLACAR

Receba os gols e notícias do seu time em tempo real

Escolha o time	Para receber gols, envie	Para receber notícias, envie
Corinthians	**GOLCOR**	**NOTCOR**
América - RN	GOLAFC	-
Atlético - MG	GOLCAM	NOTCAM
Atlético - PR	GOLCAP	NOTCAP
Bahia	-	NOTBAH
Botafogo	GOLBOT	NOTBOT
Coritiba	GOLCTB	NOTCTB
Cruzeiro	GOLCRU	NOTCRU
Flamengo	GOLFLA	NOTFLA
Fluminense	GOLFLU	NOTFLU
Goiás	GOLGOI	NOTGOI
Grêmio	GOLGRE	NOTGRE
Internacional	GOLINT	NOTINT
Náutico	GOLNAU	-
Palmeiras	GOLPAL	NOTPAL
Paraná	GOLPAR	NOTPAR
Santos	GOLSAN	NOTSAN
São Paulo	GOLSPO	NOTSPO
Sport	GOLSPR	-
Vasco	GOLVAS	NOTVAS
Vitória	-	NOTVIT
Seleção Brasileira	GOLBRA	NOTBRA

Processo de assinatura é fácil e gratuito. Você só paga R$ 0,10 por mensagem recebida (R$ 0,28 por dia na TIM). Disponível em todas as operadoras, exceto SMS GOL na TIM. Você só será cobrado pelas mensagens recebidas após a confirmação da assinatura. Para mais informações, acesse **www.abril.com.br/celular**

Exemplo para assinar gols do Corinthians:

1 - Abra a opção 'Nova Mensagem de Texto', digite a palavra GOLCOR e aperte Ok

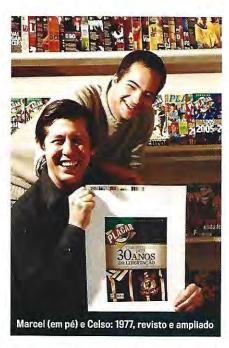
2 - Digite o número 22745 e aperte Enviar

3 - Você receberá uma mensagem de confirmação. Responda '1' para assinar e clique Enviar

4 - Pronto! Agora você receberá um SMS a cada gol do timão.

Acesse também www.abril.com/celular

SÉRGIO XAVIER FILHO **DIRETOR DE REDAÇÃO**

Marcel (em pé) e Celso: 1977, revisto e ampliado

Prepare o seu lenço

Lá se vão 30 anos daquela quinta-feira santa, 13 de outubro de 1977. É tanto tempo que as fotografias ficam amareladas, as lembranças embaralhadas e a importância histórica da data até esvaziada. O fim do jejum corintiano de 22 anos foi citado na reunião de pauta da edição mensal da Placar, mas não levamos mais do que cinco minutos para perceber que uma reportagem era pouco para retratar aquele 13 de outubro. Só mesmo uma revista especial, e uma revista especialíssima. A escolha do editor era óbvia. Só podíamos convidar uma pessoa, Celso Dario Unzelte, corintiano até a medula. Mais do que um torcedor, Celso é um estudioso, um pesquisador, autor do *Almanaque do Timão*, a obra mais completa que já se fez sobre o clube.

A missão confiada ao nosso editor era das mais espinhosas por se tratar de um assunto que há três décadas está na mídia. Ser original e contar fatos e histórias desconhecidas. E o que Celso nos trouxe surpreendeu a todos que achavam "saber tudo" sobre o Paulistão de 1977. Nas próximas páginas você descobrirá com quem ficou o "placar não-eletrônico" roubado naquela noite do Morumbi, saberá o paradeiro de cada um dos heróis da conquista, verá histórias emocionantes de torcedores, se deliciará com fotos de gente chorando ou comendo grama, literalmente. Tudo devidamente organizado pelo designer Marcel Votre (corintiano, claro). Não contem para ninguém, sobretudo para o meu pai gaúcho, mas eu, que nem sou corintiano, chorei em alguns trechos da revista.

Presidente e Editor: Roberto Civita

Vice-Presidentes: Jairo Mendes Leal e Mauro Calliari

Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Jose Roberto Guzzo

Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Diretora de Publicidade Corporativa: Thaís Chede Soares B. Barreto

Diretor Superintendente: Laurentino Gomes
Diretor de Núcleo: Alfredo Ogawa

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho
Redator-chefe: Arnaldo Ribeiro **Diretor de Arte:** Rodrigo Maroja **Editores:** Gian Oddi e Maurício Barros **Editor de Arte:** Rogerio Andrade **Repórter Especial:** André Rizek **Designer:** Antonio Carlos Castro **Revisão:** Renato Bacci **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Marco Aurélio **Internet:** Bruno D'Angelo (diretor), Paulo Tescarolo (editor), Douglas Kawazu (designer) **Colaboradores:** Alexandre Battibugli (editor de fotografia), RenatoPizzutto (fotógrafo), Marcel Votre (designer) , Celso Unzelte (editor de texto) **CTI:** Eduardo Blanco (chefe), Alexandre Ferreira, Fernando Batista, Cristina Negreiros, Leandro Alves, Luciano Neto e Marcelo Tavares
www.placar.com.br

Apoio Editorial: Beatriz de Cássia Mendes, Carlos Grassetti
Depto. de Documentação e Abril Press: Grace de Souza

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000, fax (11) 3037-5597 **PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores:** Marcos Peregrina Gomes, Mariane Ortiz, Robson Monte, Sandra Sampaio **Executivos de Negócio:** Claudia Galdino, Eliani Prado, Leticia di Lallo, Luciano Almeida, Marcello Almeida, Marcelo Cavalheiro, Márcia Soter, Nilo Bastos, Pedro Bonaldi, Regina Maurano, Rodrigo Floriano Toledo, Virginia Any, Willian Hagopian **PUBLICIDADE REGIONAL: Diretor:** Jacques Baisi Ricardo **PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO: Diretor:** Paulo Renato Simões **PUBLICIDADE - NÚCLEO MOTOR ESPORTES: Gerente de Vendas de Publicidade:** Ivanilda Gadioli **Executivos de Negócios:** Alessandra Damaro, Caio Souza, Márcia Marini, Nanci Garcia, Suzana Carreiro, Tatiana Castro Pinho **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Gerente de Marketing:** Fábio Luis **Analista de Publicações:** Marina Pires **Assistentes:** Barbara Robles e Maira Prioli **Gerente de Eventos:** Fabiana Trevisan **Assistente:** Gabriela Freua **Gerente de Projetos Especiais:** Gabriela Yamaguchi **Gerente de Circulação Avulsas:** Mauricio Paiva **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Junior **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES: Diretor:** Auro Iasi **Gerente:** Ana Kohl e Victor Zockun **Consultor:** Anderson Portela **Processos:** Ricardo Carvalho e Eduardo Andrade **ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávalos
Diretor de Vendas: Fernando Costa

Publicidade São Paulo www.publiabril.com.br, **Classificados** tel. 0800-7012066, Grande São Paulo tel. 3037-2700 **ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL:** Central-SP tel. (11) 3037-6564 **Bauru** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0378, e-mail: gnottos@gnottosmidia.com.br **Belém** Midiasolution Belem, tel. (91) 3222-2303, email: ana.midiasolution@veloxmail.com.br **Belo Horizonte** Escritório: tel. (31) 3282-0630, fax (31) 3282-0632 **Representante Triângulo Mineiro** F&C Campos Consultoria e Assessoria Ltda Tel/Fax: (16) 3620-2702 Cel. (16) 8111-8159 email: fmc.rep@netsite.com.br **Blumenau** M. Marchi Representações, tel. (47) 3329-3820, fax (47) 3329-6191 e-mail: mauro@mmarchiabril.com.br **Brasília** Escritório: tels. (61) 3315-7554/55/56/57, fax (61) 3315-7558, Representante: Carvalhow Marketing Ltda., tels (61) 3426-7342/3223-0736/3225-2946/3223-7778, fax (61) 3321-1943, e-mail: starmkt@uol.com.br **Campinas** CZ Press Com. e Representações, telefax (19) 3233-7175, e-mail: czpress@czpress.com.br **Campo Grande** Josimar Promoções Artísticas Ltda, tel. (67) 3382-2139 e-mail: karenb@josimarpromocoes.com.br **Cuiabá** Agronegócios Representações Comerciais, tels. (65) 9235-7446, e-mail: lucianooliveir@uol.com.br **Curitiba** Escritório: tel. (41) 3250-8000/8030/8040/8050/8080, fax (41) 3252-7110; Representante: Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (41) 3234-1224, e-mail: viamidia@viamidiapr.com.br **Florianópolis** Interação Publicidade Ltda. tel. (48) 3232-1617, fax (48) 3232-1782, e-mail: fgorgonio@interacaoabril.com.br **Fortaleza** Midiasolution Repres. e Negoc., telefax (85) 3264-3939, e-mail: simone.midiasolution@veloxmail.com.br **Goiânia** Middle West Representações Ltda., tels.(62) 3215-5158, fax (62) 3215-9007, e-mail: publicidade@middlewest.com.br **Manaus** Paper Comunicações, telefax (92) 3656-7588, e-mail: paper@internext.com.br **Maringá** Atitude de Comunicação e Representação, telefax (44) 3028-6969, e-mail: marlene@atituderep.com.br **Porto Alegre** Escritório: tel. (51) 3327-2850, fax (51) 3327-2855, Representante: Print Sul Veículos de Comunicação Ltda., telefax (51) 3328-1344/3823/4954, e-mail: ricardo@printsul.com.br **Recife** MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax (81) 3327-1597, e-mail: multirevistas@uol.com.br **Ribeirão Preto** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel (16) 3911-3025, email: gnottos@gnottosmidia.com.br **Salvador** AGMN Consultoria Public. e Representação, tel.(71) 3311-4999, fax: (71) 3311-4960, e-mail: abrilagm@uol.com.br **Vitória** ZMR - Zambra Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952, e-mail: samuel@zambramkt.com

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais **Núcleo Negócios:** Exame, Exame PME, Você S/A **Núcleo Tecnologia:** Info, Info Corporate **Núcleo Informação:** Revista da Semana **Núcleo Consumo:** Boa Forma, Elle, Estilo, Manequim, Revista A **Núcleo Comportamento:** Claudia, Nova **Núcleo Semanais de Comportamento** Ana Maria, Faça e Venda, Sou Mais Eu!, Viva Mais! **Núcleo Bem-Estar:** Bons Fluidos, Saúde!, Vida Simples **Núcleo Jovem:** Almanaque Abril, Aventuras na História, Bizz, Capricho, Guia do Estudante, Loveteen, Mundo Estranho, Superinteressante **Núcleo Infantil:** Atividades, Disney, Recreio **Núcleo Homem:** Men's Health, Playboy, Vip **Núcleo Casa e Construção:** Arquitetura e Construção, Casa Claudia **Núcleo Celebridades:** Bravo!, Contigo!, Minha Novela, Tititi **Núcleo Motor Esportes:** Frota S/A, Placar, Quatro Rodas **Núcleo Turismo:** Guias Quatro Rodas, National Geographic, Viagem e Turismo **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

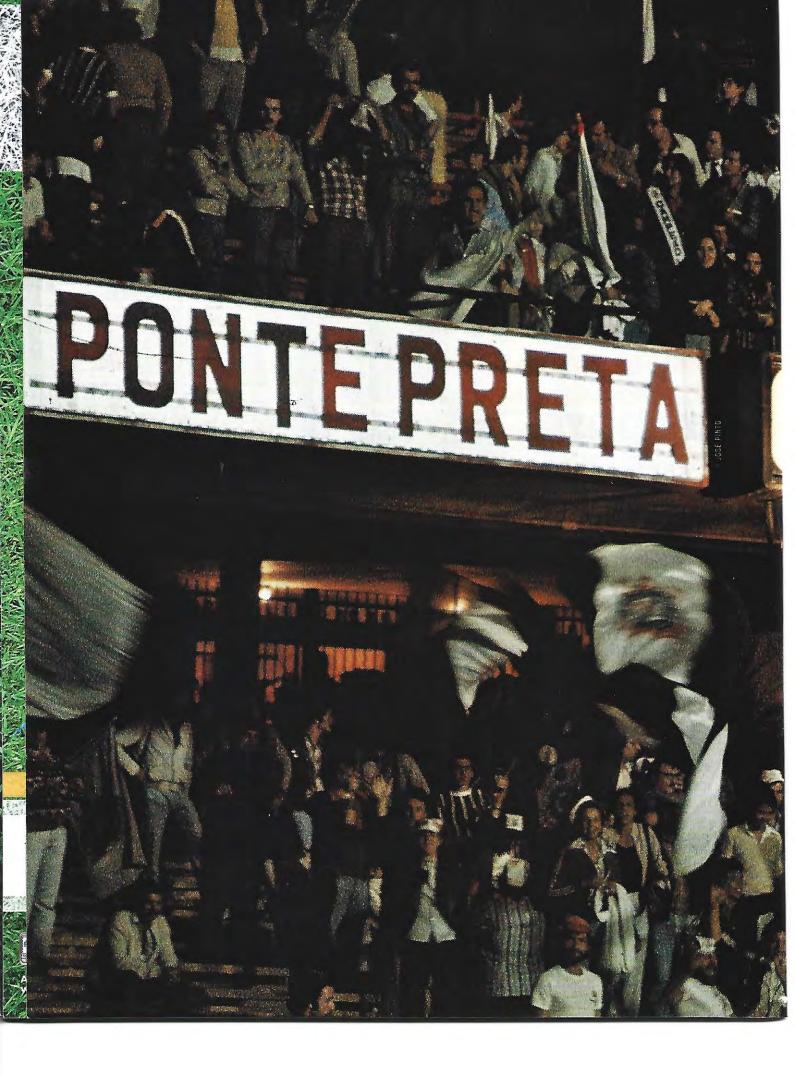
PLACAR nº 1311-A (EAN 789.3614.04596-8), ano 37, outubro de 2007, é uma publicação da Editora Abril **Edições anteriores:** venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca + despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 5087-2112
Demais localidades: 0800-775-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: 3347-2121
Demais localidades: 0800-775-2828 www.assineabril.com.br
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

FIPP

Presidente do Conselho de Administração: Roberto Civita
Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Vice-Presidentes: Douglas Duran, Marcio Ogliara
www.abril.com.br

JOSÉ PINTO

SUMÁRIO

Quinta-feira da paixão

FOI NA NOITE DE UM DIA 13, EM OUTUBRO DE 1977, QUE O CORINTHIANS GANHOU DA PONTE PRETA POR 1 X 0. E RECONQUISTOU SEU MAIOR SONHO, APÓS UMA ESPERA DE MAIS DE 20 ANOS

"São vinte anos de espera, devoção e muito amor", diz a letra da música *Meus Vinte Anos*, do violonista e corintiano Paulinho Nogueira. Mas isso hoje vai acabar. Daqui a pouco, às 21h15, o Corinthians (que não ganha um grande título há exatos 22 anos, oito meses e sete dias) e a Ponte Preta (que jamais sentiu o gostinho de ser campeã desde sua fundação, em 1900) estarão novamente em campo, para a terceira e decisiva partida da final do Campeonato Paulista de 1977.

No primeiro jogo, na noite da quarta-feira anterior, deu Timão, 1 x 0, com um gol esquisitíssimo de Palhinha: a bola, rebatida pelo goleiro Carlos, pegou em cheio no rosto do corintiano e entrou. Com aquele resultado, bastaria ao Corinthians ganhar também o segundo jogo, em um domingão de

O jogo LANCE A LANCE

1º Tempo

0 MINUTO - PONTE: Rui Rei dá a saída tocando para Dicá e correndo em direção ao ataque. Dicá, porém, prefere recuar a bola para Wanderley, que começa a jogada a partir do campo de defesa.
1MIN16S - PONTE: primeira falta do jogo, de Ruço em Tuta, no meio do campo. O juiz adverte o corintiano. Ângelo cobra para a entrada da área, mas Ademir corta de cabeça.
3 MINUTOS - CORINTHIANS: Basílio toca na bola pela primeira vez no jogo, recolhendo um passe lateral de Moisés no campo de defesa, altura do bico direito da grande área.
3MIN30 - CORINTHIANS: a primeira grande emoção do jogo. Luciano recebe a bola de Romeu e arrisca um chute de longa distância. A bola quica na pequena área, na frente de Carlos, e bate no pé da trave esquerda do goleiro. Na volta, Geraldão, dentro da área, chuta para o gol. Antes que a bola chegasse até Carlos, Polozi desvia para escanteio. A torcida se inflama.
3MIN50 - CORINTHIANS: Zé Maria cobra o escanteio da direita, Geraldão sobe livre mas cabeceia mal, por cima do gol.
5MIN30 - CORINTHIANS: Ruço apanha um rebote da defesa da Ponte, de primeira, de fora da área, mas manda a bola por cima do gol.
7 MINUTOS - PONTE: Dicá aproveita a cobrança de uma falta para lançar o lateral Jair Picerni pela direita. Ele chega a chutar por cima do gol de Tobias, mas a bola já havia saído antes pela linha de fundo.
8 MINUTOS - CORINTHIANS: Geraldão rouba de Polozi e cruza da direita. A bola passa por Romeu, Vaguinho ajeita e Basílio, da entrada da área, chuta rasteiro, obrigando Carlos a colocar para escanteio.

Brandão, o time e a última preleção

sol, para acabar com a longa agonia. Daí o barulho feito no Morumbi pelo público recorde de 146 082 pessoas, somando-se os 138 032 pagantes aos 8 050 chamados "menores credenciados", quando Vaguinho fez 1 x 0, no final do primeiro tempo. O alarido foi tamanho que obrigou o já veterano Fiori Gigliotti, locutor da Rádio Bandeirantes, a "esperar a poeira baixar", para só depois soltar o seu grito de goooool. Mas na segunda etapa a Ponte empatou em uma cobrança de falta, com Dicá. Depois, mesmo sem precisar da vitória para provocar o terceiro jogo, acabou virando para 2 x 1, com mais um gol de seu artilheiro, Rui Rei. Ficava tudo para a negra, marcada para esta quinta-feira, 13 de outubro de 1977.

Logo depois da derrota de domingo, o técnico corintiano, Oswaldo Brandão, mandou todo o mundo voltar para a concentração. E ninguém chiou. Entre os jogadores do Corinthians, alguns sonhavam ganhar muito dinheiro com a possí-

10 MINUTOS - CORINTHIANS: Wladimir cobra falta da esquerda para dentro da área. Vaguinho desvia mal de cabeça e a bola sai fraca pela linha de fundo, à direita de Carlos.
11 MINUTOS - PONTE: O juiz marca um empurrão de Rui Rei em lance isolado no meio do campo, longe da bola. O atacante reclama e leva a primeira dura de Dulcídio Wanderley Boschillia.
12 MINUTOS - CORINTHIANS: Basílio rouba uma bola pela esquerda e lança Geraldão, que devolve. Basílio não domina e ela sai pela linha de fundo.
17MIN20 - PONTE: o lance da polêmica expulsão de Rui Rei. Oscar dá um chutão para a frente. Na disputa com Ademir, Rui Rei carrega a bola com a mão e em seguida cai na área, atrás do zagueiro corintiano. O juiz marca falta contra a Ponte e manda que Rui Rei se levante. Rui Rei continua reclamando e recebe cartão amarelo. Insiste na reclamação e finalmente leva o vermelho. O jogador da Ponte recusa-se a sair, gesticulando contra Dulcídio. O campo é invadido por policiais, imprensa, reservas e comissão técnica de ambos os times. O jogo fica parado cinco minutos e meio e Brandão aproveita para dar instruções a Luciano.
23MIN30 - CORINTHIANS: Vaguinho sofre falta na ponta direita. Ângelo protesta contra a marcação jogando a bola com as duas mãos, violentamente contra o chão e recebe cartão amarelo. Zé Maria cobra para a área, a defesa afasta e no rebote Moisés chuta muito alto, por cima do gol.
29 MINUTOS - CORINTHIANS: falta de Oscar em Basílio. Na cobrança, Luciano arrisca outro chute de longe. Carlos encaixa com firmeza.
33 MINUTOS - CORINTHIANS: coro forte de "Corinthians, Corinthians". Zé Maria cobra escanteio da direita e Carlos soca para a linha de fundo, do outro lado. Dessa vez é Romeu quem cobra. Ademir chuta da entrada da área, a bola bate na zaga e volta para o meio do campo.

vel conquista. Mas Palhinha, previdente, já avisava: "Gente, a única coisa que nós vamos ganhar é uma coisa que não tem preço. É a eterna gratidão do torcedor corintiano".

Dessa vez, Brandão não poderia contar com Palhinha, que sofrera um estiramento ainda no primeiro tempo do jogo do domingo. Para seu lugar, estava em dúvida entre Lance e Luciano. Macaco velho, Brandão mandou seu auxiliar, João Avelino, sondar o estado de espírito de ambos os jogadores, sempre com o mesmo discurso: "O Velho está querendo escalar o outro, mas eu, o Tobias e o Palhinha preferimos você. Como é que você está?" Luciano mostrou-se mais empolgado que Lance, e talvez por isso tenha ganhado a parada.

Com a escalação de Luciano no meio do campo, Basílio, que nos dois primeiros jogos havia atuado na lateral-direita, ajudando Zé Maria a "matar" a jogada forte da Ponte pela esquerda, com Odirlei, estava liberado para voltar à sua posição no meio do campo. Até porque, do lado da Ponte, Odirlei também não joga, substituído por Ângelo.

Romeu teria que impedir as jogadas de Jair Picerni, pela direita, e uma vez anulando os dois laterais o Corinthians também anularia Dicá, o camisa 10 e maestro da Ponte, exímio cobrador de faltas. Pela direita, um curioso duelo particular entre os irmãos Zé Maria, lateral-direito do Corinthians, e Tuta, ponta-esquerda da Ponte. Ninguém podia trocar de posição, todo mundo tinha que acompanhar seu homem o tempo todo.

No mais, Ademir entrava na quarta-zaga, no lugar do suspenso Zé Eduardo. Tobias, que cumprira suspensão pelo terceiro cartão no domingo, voltava ao gol, no lugar de Jairo. E Adãozinho, expulso no jogo anterior, não poderia ser escalado. Basílio e Zé Maria, que eram dúvidas por causa de contraturas musculares, estavam escalados: Brandão sequer permitiu que eles fizessem qualquer teste.

A Ponte Preta era um adversário de respeito. Tinha o goleiro Carlos e os zagueiros Oscar e Polozi, que seriam convocados para a Copa do Mundo do ano seguinte, na Argentina. O lateral-esquerdo Odirlei também chegou a ser cotado para a seleção. O veterano volante Wanderley e os talentosos meias Marco Aurélio, pela direita, e Dicá, pela esquerda, formavam o meio-campo. Na frente, o veloz ponta-direita Lúcio (não por acaso apelidado de "Lúcio Bala") fazia companhia ao infernal centroavante Rui Rei. Não era à toa que, dos cinco jogos disputados entre os dois times naquele campeonato, a Ponte havia vencido quatro, o primeiro deles por goleada, 4 x 0, na única vez em que eles se enfrentaram em Campinas. Sim, porque na hora da decisão não teve choro: a Federação tomou para si o direito do mando dos três jogos, marcando-os todos para o Morumbi. Esperava-se pela transmissão do jogo ao vivo para São Paulo, apesar de o anúncio ser feito apenas em cima da hora, como já havia acontecido nas duas partidas anteriores. O que talvez ajude a explicar o público de 86 677 pagantes, com 6 896 menores credenciados, praticamente a metade do de domingo.

Carlos teve trabalho para segurar o Timão

© JOSÉ PINTO

36 MINUTOS - PONTE: Lúcio lança Jair, que, já na área, enrosca-se com Romeu. O ponte-pretano cai pedindo pênalti. O corintiano dá um chutão afastando o perigo.
39 MINUTOS - CORINTHIANS: Vaguinho, da direita, cruza para a área. Geraldão, de costas para o gol, acerta uma meia-bicicleta. Carlos vai buscar lá em cima, e espalma para escanteio.
46 MINUTOS - CORINTHIANS: Zé Maria levanta a bola para a área. Carlos sai no limite da pequena área para socá-la em direção à linha lateral.
47MIN30 - CORINTHIANS: Wladimir lança Romeu pela esquerda, que não alcança. A bola sai.
49 MINUTOS - PONTE: Dicá arrisca de longe, praticamente atrasando a bola para Tobias.
49MIN39 - Dulcídio apita o fim do primeiro tempo.

2º Tempo

0 MINUTO - CORINTHIANS: Geraldão dá a saída tocando para Luciano, que recua a Wladimir. Ponte volta com Parraga no lugar de Tuta.
1 MINUTO - CORINTHIANS: Ângelo põe para escanteio. O coro da torcida cresce. Zé Maria cobra pela direita. Oscar devolve de cabeça. Zé Maria cruza de novo, Oscar corta outra vez.
1MIN30 - CORINTHIANS: Vaguinho invade a área, Polozi dá um chutão para fora. Zé Maria cobra mais um escanteio, a zaga afasta para fora da área e, no rebote, Ruço dá uma tremenda "furada".
2MIN30 - PONTE: Ângelo desce pela esquerda, mas a bola é dominada já na área, primeiro por Moisés, depois por Ademir, que recua para o goleiro Tobias.
4 MINUTOS - CORINTHIANS: Ruço rouba a bola de Marco Aurélio pela esquerda e lança Geraldão já dentro da área. Na hora do chute, ele é travado por Oscar, que desvia para escanteio. Romeu cobra, mas a bola faz uma curva por trás do gol.

Barulho dos infernais cornetões e dos estridentes apitos, vendidos na entrada do estádio para atrapalhar a concentração e o toque de bola da Ponte. Bandeiras e faixas por todo o estádio, com inscrições como "Para corintianos não há distância – Barra do Garças, Mato Grosso", ou, ainda, "Eu te amo, não me mates". A bruma fria característica do Morumbi à noite mistura-se com a fumaça dos fogos de artifício quando os times entram em campo, pouco depois das nove da noite. O Corinthians com camisas pretas de listras finas brancas, calções pretos e meias brancas. A Ponte toda de branco, com a tradicional faixa transversal negra na camisa. Entram também o árbitro, Dulcídio Wanderley Boschillia, os bandeirinhas Emídio Marques de Mesquita e Roberto Nunes Morgado e o árbitro reserva, Márcio Campos Salles. Uma dúvida no ar: pelo regulamento, em caso de empate, o Corinthians só precisará de nova igualdade na prorrogação para ficar com a taça, pois tem mais vitórias que a Ponte (26 contra 23). Mas o presidente ponte-pretano, Lauro Morais, passou a semana dizendo que, se houver prorrogação, seu time não jogará.

Pelo regulamento, em caso de empate nos 90 minutos, haveria prorrogação, com uma nova igualdade favorecendo o Corinthians. Mas uma dúvida pairava no ar: a Ponte Preta contestava o regulamento, e talvez se recusasse a continuar jogando no tempo extra

A partida começa, e logo depois do primeiro minuto de jogo um rojão explode na entrada da área da Ponte Preta, com a fumaça atrapalhando a visão do goleiro Carlos. Entre o segundo e o terceiro minutos, ecoam no Morumbi os primeiros gritos de "Corinthians, Corinthians". A seguir, o corintiano Luciano chuta uma bola na trave. Mas o lance que vai marcar, mesmo, o primeiro tempo é a expulsão do atacante Rui Rei, da Ponte. Anos depois, sucessivos esforços de apuração registrarão o seguinte diálogo entre ele e o juiz Dulcídio:

— Você só está marcando falta contra a Ponte!

— Não agita que eu te coloco pra fora.

Mas Rui Rei continuou agitando. E Dulcídio, também agitado — a ponto de deixar cair no chão um dos cartões — mostra-lhe, em seguida, o amarelo e o vermelho. Brigas. Invasões de campo, paralisações esfriam o primeiro tempo.

No segundo, o Corinthians continua insistindo, mas apesar da vantagem de um homem não consegue chegar ao gol. Se a Ponte está com a bola, os apitos voltam a soar alto das arquibancadas. Aos 32 minutos, a pequena torcida da Ponte se faz ouvir com seus gritos de guerra. Mas em campo o time parece satisfeito, tentando segurar o resultado para uma prorrogação que ninguém sabe se será jogada ou não.

Até que acontece o lance mágico do gol de Basílio. Uma bola que viaja na cobrança de uma falta, choca-se contra o travessão, volta para Wladimir, é tirada em cima da linha por Oscar — talvez o melhor homem em campo durante todo o jogo — para ser, por fim, apanhada pelo santo pé de anjo de Basílio. "Gol do Brasil! É o gol que o Brasil inteiro está comemorando!", narra o locutor Arivaldo Macedo, da Rádio Gazeta de Maceió, uma das 53 de todo o país que transmitem o jogo direto do Morumbi. Número maior, em jogos de futebol, até então, só mesmo na despedida de Pelé da Seleção, em 1971, quando 72 rádios estiveram presentes no estádio.

6MIN30 - PONTE: Lúcio desce perigosamente pela direita. É empurrado por Wladimir, leva vantagem e prepara-se para invadir a área, mas o juiz marca a falta anterior. A torcida da Ponte, apesar de pequena, reclama ruidosamente. Na cobrança, Jair joga a bola no vazio, para ninguém, e ela acaba ficando com Zé Maria.

9MIN50 - PONTE: Ângelo cobra falta quase do meio do campo para a área. Moisés sobe, não alcança, mas a bola sai pela linha de fundo.

10 MINUTOS - CORINTHIANS: Geraldão recebe cartão amarelo por dar um pontapé sem bola, fora da jogada, em Ângelo.

12 MINUTOS - CORINTHIANS: Romeu ganha de Jair e, da linha de fundo, cruza para a área. Oscar afasta mais uma vez de cabeça. A bola sobra para Ruço na entrada da área, e ele chuta por cima.

12MIN30 - CORINTHIANS: Vaguinho é lançado por Romeu e vai invadir a área, mas é derrubado por Polozi. O coro da torcida torna-se mais alto. Na cobrança, Luciano chuta com perigo e a bola raspa a trave direita de Carlos, depois de ser desviada por Wanderley, que estava na barreira da Ponte.

14 MINUTOS - PONTE: Moisés atrasa mal uma bola perdida, e obriga o goleiro Tobias a dar um chutão antes que Parraga a alcance.

15MIN30 - CORINTHIANS: Zé Maria cobra uma falta da direita para dentro da área da Ponte. Basílio cabeceia fraco e Carlos sai do gol para ficar com a bola.

16MIN30 - CORINTHIANS: Romeu lança Luciano na área. Ele é travado por baixo por Polozi. A torcida pede pênalti, Dulcídio não marca. Ruço recupera a bola, lança Zé Maria pela direita e Carlos arroja-se aos pés do lateral corintiano para evitar o gol. Porém, antes que a bola saia pela linha de fundo, Zé Maria a recupera e dá a Vaguinho, que volta a jogá-la para dentro da área. Romeu cabeceia, Jair devolve e Romeu chuta novamente.

Através dessas rádios, o grito do gol de Basílio ecoa para todo o país. De Belo Horizonte e Lavras (MG) até Cuiabá (MT). De Anápolis (GO) a Londrina (PR). De Fortaleza (CE) a Natal (RN), incluindo Rio Branco (AC). Fotógrafos invadem o campo e o juiz tem de expulsá-los para reiniciar o pouco que resta da partida. A fumaça dos fogos forma nova nuvem, que desce ao gramado e dessa vez não se dissipará. Lá pelos 43 minutos, mesmo estando sozinho na lateral esquerda e na altura do meio do campo, Wladimir não quer saber de brincadeira. Dá um bico para a linha lateral. Logo depois, é Zé Maria quem manda a bola para o povão. Dulcídio finalmente apita. Enquanto a torcida invade o campo, os jogadores, liderados pelo trio Zé Maria, Vaguinho e Ruço, correm para erguer o técnico Brandão nos ombros. Torcedores fincam bandeiras no gramado, arrancam as redes, comem grama. Os números 1 e 0 do antigo placar lumi-

Alegria de Basílio, tristeza de Carlos

©1

©1 JOSÉ PINTO ©2 PEDRO MARTINELLI

A bola só não entra porque bate em Luciano, que estava no meio do caminho.

17 MINUTOS - PONTE: Wanderley cobra falta para dentro da área corintiana. Tobias, sozinho, sai do gol e pega a bola com uma só mão. Mas já havia sido marcado impedimento de Parraga.

18 MINUTOS - CORINTHIANS: Geraldão recebe lançamento de Zé Maria e é derrubado por Polozi no bico da área. Falta perigosa, que Romeu chuta em cima da barreira. Na volta, o zagueiro Ademir tenta de novo e a bola passa à esquerda de Carlos. Mas já havia sido marcado impedimento de Basílio.

19 MINUTOS - CORINTHIANS: Basílio lança Geraldão no mano-a-mano com Oscar. O zagueiro da Ponte dá um chutão para a linha de fundo. Romeu cobra o escanteio, Carlos fica indeciso na hora de sair do gol e Oscar manda novamente a escanteio. Zé Maria cobra pela direita, mas a zaga da Ponte afasta.

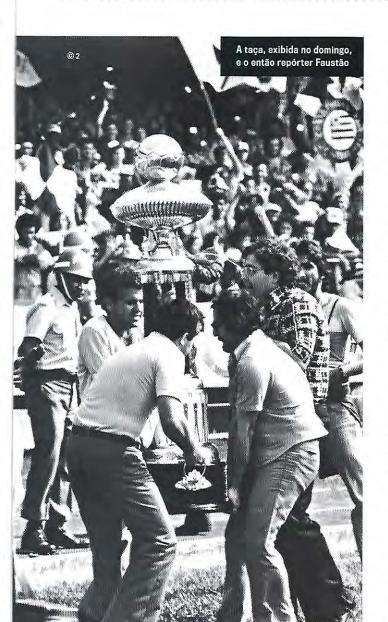
22 MINUTOS - CORINTHIANS: Vaguinho alça a bola para a área e Oscar, de cabeça, cede outro escanteio. A cobrança dá em nada.

24 MINUTOS - PONTE: Lúcio, deslocado pela esquerda, sofre falta de Ademir. Ângelo cobra para dentro da área, Dicá desvia de cabeça e a bola passa perto, à direita do gol de Tobias. Por causa do cochilo na marcação, Romeu leva uma tremenda bronca de Ruço.

27 MINUTOS - CORINTHIANS: Romeu recebe livre pela esquerda, dentro da área, e chuta. Carlos consegue espalmar, mas já havia sido marcado impedimento do corintiano.

29 MINUTOS - CORINTHIANS: Ruço recebe de Wladimir e arrisca de longe. Carlos defende, mas a bola escapa, bate em seu pé e corre para a frente. Por via das dúvidas, Oscar dá um chutão para a linha lateral.

32 MINUTOS - CORINTHIANS: Ruço lança Luciano na área. Com um toque de cabeça, ele encontra Romeu livre. Carlos mais uma vez salva a Ponte Preta, atirando-se aos pés do corintiano. O juiz marca falta no goleiro.

A taça, exibida no domingo, e o então repórter Faustão

noso do Morumbi (onde mesmo durante o jogo já se lia apenas "ont Pret") serão roubados. E somente devolvidos anos depois, ao próprio Basílio, por um torcedor fanático que se tornaria político em São Bento de Sapucaí (SP), no Vale do Paraíba, interior de São Paulo. "É gente que se abraça, é gente que chora, é gente que ri", improvisa Fiori Gigliotti pela Rádio Bandeirantes. Sabe-se lá como, os corintianos Moisés e Geraldo e os ponte-pretanos Polozi e Lúcio conseguem submeter-se ao exame antidoping.

No dia seguinte, a vitória corintiana divide espaço nos jornais com a repercussão da demissão do general Sylvio Frota, então ministro do Exército, pelo presidente Ernesto Geisel, considerada um marco na reabertura política do país. Geisel, aliás, telefona ao governador Paulo Egydio Martins, cumprimentando-o pela conquista do título pelo Corinthians e pedindo que ele transmita suas felicitações aos demais corintianos. Em Porto Velho (RO), carros embandeirados e duas escolas de samba realizam um carnaval nas avenidas principais. No dia seguinte, como em boa parte do país, 20% dos empregados não vão trabalhar. No Bar Nogueira, em Copacabana, no Rio, o cantor Jair Rodrigues é identificado. E obrigado a puxar um coral improvisado cantando o Hino do Corinthians, mesmo sendo um notório santista. "Amigos, todos estão com o Corinthians. Pela minha porta, acaba de passar num automóvel uma bandeira corintiana, ventando em procela. Eis o que eu queria dizer: há seis mil anos que a vitória está prometida", escreve o dramaturgo Nélson Rodrigues, torcedor do Fluminense.

No entanto, entre tantas palavras, as que mais comovem são as de Elisa, a doméstica que virou torcedora-símbolo do Corinthians durante aquelas mais de duas décadas, justamente por sintetizar o fim de todos os anos de sofrimento: "Meu Deus, é verdade! Acabou! Somos campeões!"

34 MINUTOS - CORINTHIANS: mais um chute de longe de Luciano acaba saindo para fora, à direita do gol de Carlos.

35 MINUTOS - PONTE: bola na área do Corinthians, chutada por Oscar, buscando Parraga na cobrança de uma falta de longa distância. Wladimir afasta a bola com um chutão.

36MIN48 - GOOOOOOOOOL DO CORINTHIANS!

Zé Maria recolhe pela direita uma bola afastada pela defesa da Ponte. Tenta cruzar para a área, mas Ângelo corta com a mão. O próprio Zé Maria cobra a falta para dentro da área, Basílio ajeita de cabeça e a bola chega a Vaguinho, que, mesmo desequilibrado, consegue chutar na trave. Na volta, Wladimir insiste de cabeça e Oscar salva o gol, quase em cima da linha. No rebote, Basílio finalmente pega de primeira e faz Corinthians 1 x 0.

38 MINUTOS - CORINTHIANS: Zé Maria lança Vaguinho pela direita. Ele põe a bola na área, Luciano ajeita de cabeça para Geraldão, que levanta demais o pé na disputa da bola com Jair.

39 MINUTOS - CORINTHIANS: Geraldão sofre falta de Polozi e fica caído no chão, para ganhar tempo. Oscar não gosta, tenta chutar a bola no corintiano e depois dá um biquinho nele. Geraldão revida, os dois continuam discutindo e são expulsos. Geraldão, já expulso, tenta agredir Wanderley. Acontece nova invasão do gramado, obrigando o arbitro a paralisar o jogo por mais quatro minutos.

47 MINUTOS - PONTE: é a última bola na área do Corinthians. Ademir afasta de cabeça para o lado direito, para fora da área, e Zé Maria completa dando um bico para a torcida, que fica com a bola e pede o fim do jogo.

50 MINUTOS - CORINTHIANS: Zé Maria prepara-se para cobrar uma falta de Ângelo, que não só empurrou Vaguinho como ainda tocou com o braço, quando Dulcídio Wanderley Boschillia resolve pedir a bola e terminar o jogo. O Corinthians é o campeão paulista de 1977.

Basílio marca. E entra para a história

©1

Basílio eterno

PODERIA TER SIDO VAGUINHO, QUE NAQUELE LANCE ACABOU CHUTANDO NA TRAVE. OU WLADIMIR – SE, NO REBOTE, O PONTE-PRETANO OSCAR NÃO TIVESSE TIRADO A BOLA EM CIMA DA LINHA. ACABOU SENDO ELE, IMORTALIZADO HÁ 30 ANOS POR CAUSA DE UM ÚNICO GOL

Ele próprio reconhece: se não fosse por aquele gol, talvez tivesse passado despercebido pela história do futebol brasileiro e do próprio Corinthians. No entanto, João Roberto Basílio é um predestinado. E sabe disso. "Costumo dizer que muitos são chamados e poucos são escolhidos", filosofa hoje, aos 58 anos e exatas três décadas depois da jogada que o imortalizou. "Só que eu fui chamado e escolhido ao mesmo tempo." Ele se refere ao fato de ter sido "chamado" pelo técnico Oswaldo Brandão para, nos dois primeiros jogos daquela decisão, jogar de lateral-direito, fora de posição, ajudando Zé Maria a segurar as descidas pela esquerda de Odirlei, que era a jogada forte da Ponte. "Aí, no jogo decisivo, eu volto para a minha posição e de repente faço o gol. Então, acho que nada é por acaso."

Também não foi por acaso que Basílio chegou ao Corinthians, em 1975, dois anos antes de sua consagração. O meio-campista tentou primeiro as peneiras do São Paulo e do Nacional. Foi aprovado em ambas, mas nas duas vezes não retornou. "Tuta" (seu apelido em casa até hoje), então, acabou criando-se para o futebol dentro da Portuguesa, o clube mais próximo da Casa Verde, bairro onde nasceu e cresceu. Na Lusa, ele já havia conseguido a façanha de ser campeão paulista em 1973, na polêmica decisão com o Santos em que os dois clubes acabaram dividindo o título por causa de uma confusão do árbitro Armando Marques na hora de contar as cobranças de pênaltis.

O namoro entre Basílio e o Timão vinha de longe. Na primeira vez, foi Rivellino quem o indicou, ávido por um parceiro de meio-campo que facilitasse sua própria vida. A segunda tentativa aconteceu em um sábado de Carnaval, em que Basílio chegou a ser flagrado por espiões da diretoria da Portuguesa negociando a transferência clandestinamente dentro do Parque São Jorge. Por conta disso, acabou até multado em seus vencimentos.

Corintiano desde criança, Basílio vivenciou das arquibancadas o período de tormento ao qual, um dia, iria pôr fim. "Ia em todos os jogos do Corinthians desde os meus 5, 6 anos. Pulava o muro do Pacaembu", confessa o Basílio torcedor. "Depois, quando pessoas do meu bairro passaram a trabalhar como porteiros no estádio, entrávamos de graça." Ele se lembra especificamente de uma dessas oportunidades: tinha 13 anos quando viu o Santos de Pelé e Coutinho virar um clássico no Parque São Jorge para 2 x 1, em 1962, e assim manter o longo período sem vitórias corintianas sobre o rival nos jogos pelo Campeonato Paulista.

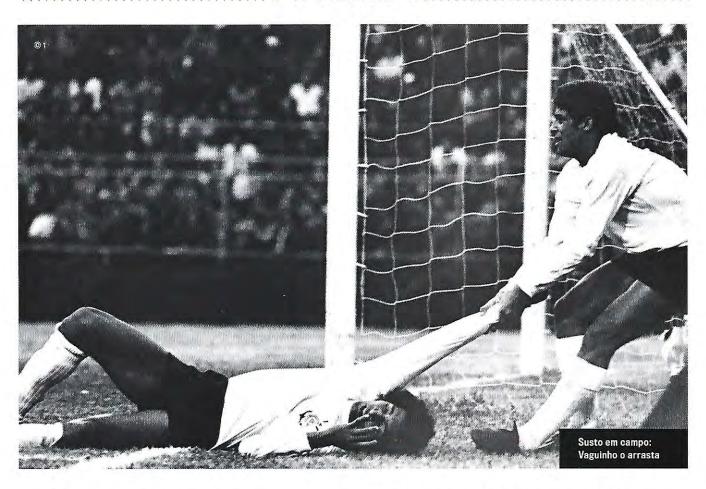
Campeão paulista também em 1973, pela Lusa: outro título raro

©2

Antes de acertar com o Timão, ele chegou a vestir a camisa do Santos

©1 JOSÉ PINTO 2 MANOEL MOTTA

©1

Susto em campo: Vaguinho o arrasta

A tão sonhada transferência, enfim, acabou acontecendo quando tinha tudo para não dar certo. "O presidente da Portuguesa deu a mim e ao Xaxá a condição de negociarmos nossas saídas diretamente com um outro clube", lembra o herói, que primeiro procurou o Santos. Chegou a acertar tudo, como comprova a foto em que Basílio aparece vestindo uma outra camisa alvinegra. Até um cheque santista Basílio chegou a pegar, mas à noite as diretorias de Corinthians e Portuguesa fecharam negócio. O pai de Basílio, que na época cuidava de sua vida profissional, foi quem deu o ultimato: "Agora, ou você acerta com o Corinthians ou vai renovar contrato com a Portuguesa". E ele foi parar no Timão.

A tarefa não era nada fácil: naquela noite de 6 de março de 1975, Basílio estreava com a camisa 10 às costas e a missão de substituir ninguém menos que Rivellino. O ex-Reizinho do Parque, por sua vez, vestia a camisa do adversário e marcou um dos gols da vitória do Fluminense por 2 x 1, no Pacaembu. "Eu não tinha condição de jogo, mas tive que estrear", lembra Basílio.

Naquele primeiro ano, sua participação, como a do time, foi discreta, porém marcada por um grande susto. Na tarde de 26 de julho de 1975, um sábado, o Corinthians enfrentava o

Ele quase morreu em campo, em um jogo contra o América de Rio Preto, pelo Paulista de 1975. Mas sobreviveria para se tornar o redentor da Fiel

A estréia no Corinthians, entre César e Rivellino

©2

Com Viola, nos tempos em que era o técnico do Corinthians, e hoje, aos 58 anos, entre escolinhas de futebol e programas esportivos

©1 JOSÉ PINTO ©2 MANOEL MOTTA ©3 ORLANDO KISSNER ©4 ALEXANDRE BATTIBUGLI

América de São José do Rio Preto no Pacaembu, pela fase decisiva do Campeonato Paulista. Na cobrança de um escanteio, Basílio tentou subir na área e levou uma cotovelada na cabeça, em um choque com o goleiro Luís Antônio. Ao cair, bateu a boca na chuteira do companheiro Vaguinho e desmaiou. Com parada respiratória, Basílio foi para o vestiário, onde sua língua teve de ser desenrolada pelo massagista corintiano Davidson. O médico Osmar de Oliveira (hoje jornalista esportivo) tentou a respiração boca a boca, sem, no entanto, reacordá-lo. "Só fui dar por mim no hospital."

A suspeita de traumatismo craniano felizmente não se confirmou. Assim, Basílio sobreviveu para virar herói e mais uma vez recordar o lance que o consagrou: "Quando o Vaguinho chutou na trave, pensei que a bola tivesse batido no ferro que segura a rede pelo lado de dentro e voltado para dentro do campo. Ia reclamar com o juiz, mas não deu tempo: ela acabou voltando para mim. Bati com convicção". Bem-humorado, ele conta que até hoje é parado nas ruas pelos torcedores: "E não é só pelos do Corinthians, não: os dos outros times sempre falam: 'Puxa, você não podia ter chutado aquela bola para fora?' "

Depois de encerrar a carreira de jogador, Basílio tornou-se técnico, inclusive do próprio Corinthians, em três oportunidades (1987, 1989/90 e 1992). Atualmente, é vice-presidente da Cooperativa de Trabalho de Esportistas Práticos, um grupo de ex-jogadores que presta serviços a escolinhas de esporte da Prefeitura de São Paulo. Participa de um programa esportivo na TV chamado *4-2-4*, com o ex-são-paulino Pedro Rocha e o ex-palmeirense César, que vai ao ar aos domingos, às 19 horas, pelo Canal de São Paulo. E de um outro no rádio, na Jovem Pan, chamado *Entre os Grandes*, com o ex-técnico Rubens Minelli e os ex-jogadores Leivinha e Marinho Peres. João Roberto Basílio é pai de três filhos (Roberta, de 30 anos, Júnior, de 23, e Bruna, de 17) e avô de dois netos (Giovana, de 12 anos, e Washington Luís Júnior, de 9). E afirma com satisfação: "Tudo o que aconteceu naquela noite de 13 de outubro de 1977 reflete-se até hoje no meu dia-a-dia".

BASÍLIO

NOME JOÃO ROBERTO BASÍLIO

NASCIMENTO SÃO PAULO (SP), 4/2/1949

POSIÇÃO: MEIA-DIREITA

CLUBES: PORTUGUESA (1968 A 1975), CORINTHIANS (1975 A 1981), TAUBATÉ (1982) E NACIONAL-SP (1983)

NO CORINTHIANS

JOGOS: 253 (128 VITÓRIAS, 67 EMPATES, 58 DERROTAS); **GOLS:** 29

NO PAULISTA/77: 28 JOGOS (16 VITÓRIAS, 4 EMPATES, 8 DERROTAS), 7 GOLS

Campeões para sempre

TODOS OS HOMENS DA CAMPANHA DE 1977, INCLUINDO TÉCNICO, PRESIDENTE E RESERVAS

TOBIAS
O ídolo em dose dupla

Herói, mesmo, o goleiro Tobias tinha sido dez meses antes, em dezembro de 1976, na semifinal do Brasileiro. Naquele dia, ele defendeu dois pênaltis, cobrados por Rodrigues Neto e Carlos Alberto Torres, na série decisiva contra o Fluminense, no histórico jogo da invasão da torcida corintiana ao Maracanã. Embora seja menos festejada, sua participação na conquista do Paulista de 1977 foi também importante.

Festa para o goleiro, depois da vitória final ©1

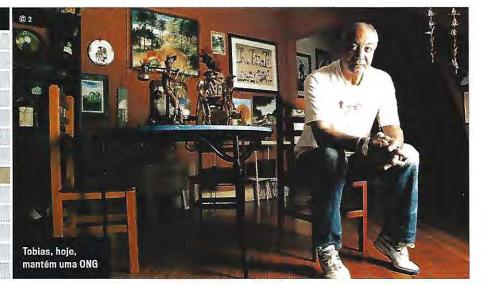
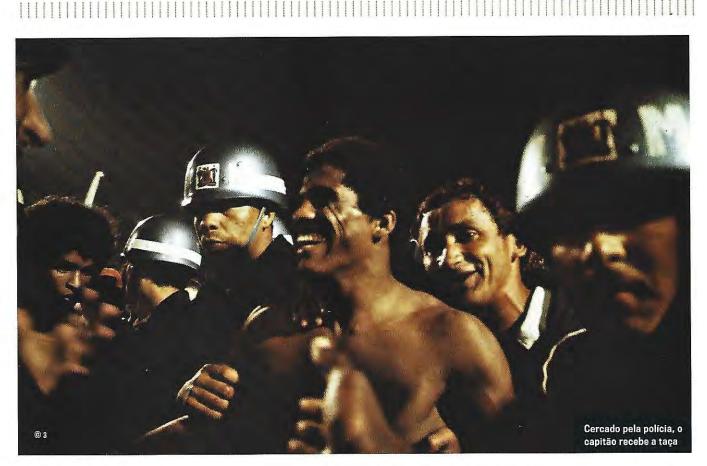
Tobias esteve em campo em 32 dos 48 jogos e sofreu apenas 28 gols (média abaixo de um, ou 0,87 por partida). Além disso, nas duas partidas da decisão em que encarou a Ponte (a primeira e a terceira), saiu de campo invicto. "O Rivellino sempre me fala que foi tricampeão do mundo, mas que eu tenho um título que ele não tem", orgulha-se o ex-goleiro.

Tristeza, mesmo, naquelas finais, Tobias só teve uma: tomar o terceiro cartão amarelo no finzinho do primeiro jogo decisivo. Com isso, ele ficou de fora da segunda partida, na qual o Corinthians poderia ter sido campeão. "Estava fazendo cera para garantir nossa vitória", confessa. "Cheguei a implorar para o Dulcídio não me dar o amarelo. Mas não teve jeito." No terceiro jogo, Tobias voltou para ser campeão.

No ano seguinte, 1978, foi emprestado ao Atlético-PR, depois vendido ao Bangu. Aos 58 anos, empresaria jogos de masters e mantém uma ONG para moradores de rua em São Paulo. Tem quatro filhos: Marcel, 32 anos, que estudou computação; os advogados Fábio, 37, e Felipe, 23, e Yasmin, de 19.

TOBIAS
NOME JOSÉ BENEDITO TOBIAS
NASCIMENTO AGUDOS (SP), 13/5/1949
POSIÇÃO: GOLEIRO
CLUBES: NOROESTE (1965 A 1968), GUARANI (1968 A 1974), SPORT (1975), CORINTHIANS (1975 A 1978), ATLÉTICO-PR (1978/79), BANGU (1980 A 1984), BAHIA (1984/85) E RIO NEGRO-AM (1986/87)
NO CORINTHIANS
TÍTULOS: PAULISTA (1977)
JOGOS: 125 (68 VITÓRIAS, 28 EMPATES, 29 DERROTAS); **GOLS SOFRIDOS:** 95
NO PAULISTA/77: 32 JOGOS (19 VITÓRIAS, 5 EMPATES, 8 DERROTAS), 28 GOLS SOFRIDOS

©2 Tobias, hoje, mantém uma ONG

Cercado pela polícia, o capitão recebe a taça

ZÉ MARIA

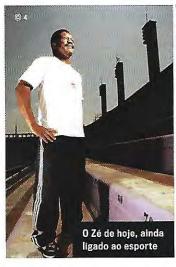
O capitão do desabafo

Quando o Corinthians perdeu a decisão do Paulista de 1974, para o Palmeiras, Zé Maria passou vários dias sem sair de casa. "Eu tinha vergonha", explica. Seu pai, Durvalino, era um corintiano que morreu em 1973, ainda a tempo de ver cumprida a profecia que tantas vezes fez para o filho: "Um dia você ainda joga no Corinthians".

Zé Maria era também o capitão do time naquela noite de 13 de outubro de 1977. Foi um lateral que também aprendeu a apoiar. Tanto que o gol de Basílio começou em uma falta cobrada por ele. "Ganhei o lance meio no grito", confessa. "Quando fui cruzar, o Ângelo, da Ponte, levantou os braços. Eu pedi mão na bola e o juiz deu."

Para Zé Maria, aquela conquista valeu mais que o tricampeonato do mundo, em 1970: "Afinal, na Copa do Mundo eu fui reserva do Carlos Alberto Torres, não participei de nenhum jogo. E no Corinthians vivi sete anos". Sete anos só até ali, porque, depois, o Superzé permaneceu outros seis, totalizando 13 anos de casa. Tempo suficiente para ganhar também o Paulista de 1979 e o bi da época da Democracia Corinthiana, em 1982/83. Ao encerrar a carreira, Zé Maria teve uma rápida passagem como técnico do próprio Corinthians.

Aos 58 anos, ele coordena vários esportes para a Fundação Casa, em São Paulo. É pai de Fernando (27 anos, que trabalha na administração do Corinthians), Juliana (26 anos, formada em enfermagem) e Elizabeth (jornalista, 24 anos).

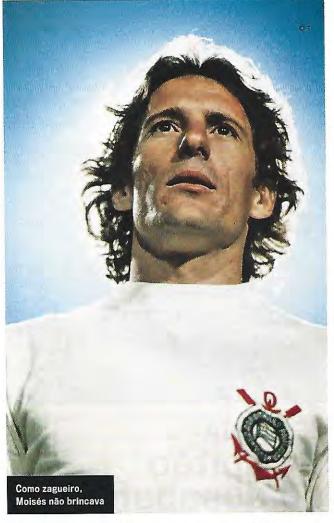
O Zé de hoje, ainda ligado ao esporte

ZÉ MARIA
NOME JOSÉ MARIA RODRIGUES ALVES
NASCIMENTO BOTUCATU (SP), 4/2/1949
POSIÇÃO: LATERAL-DIREITO
CLUBES: FERROVIÁRIA DE BOTUCATU (1964 A 1966), PORTUGUESA (1966 A 1970), CORINTHIANS (1970 A 1983) E INTER DE LIMEIRA (1984)
NO CORINTHIANS
TÍTULOS: PAULISTA (1977, 1979, 1982 E 1983)
JOGOS: 599 (284 VITÓRIAS, 183 EMPATES, 132 DERROTAS); **GOLS:** 17
NO PAULISTA/77: 27 JOGOS (19 VITÓRIAS, 2 EMPATES, 6 DERROTAS), 1 GOL

MOISÉS
O xerife da defesa

Ao longo de uma carreira de mais de quinze anos como jogador – a maior parte dela construída em clubes do Rio de Janeiro –, o zagueiro Moisés cultivou a fama de xerife, de violento. "Beque que se preze não ganha o Belfort Duarte", teria dito certa vez, referindo-se a um famoso prêmio destinado aos jogadores mais disciplinados. Era atrás desse "respeito" para sua defesa que o Corinthians corria quando foi buscá-lo no Vasco, em 1976. E também de um pouco de sorte, pois, pelo clube carioca, o zagueiro já havia sido campeão brasileiro em 1974.

Passados trinta anos, Moisés, que formando a zaga com Zé Eduardo ou com Ademir nunca "alisava", conta que passou por maus bocados em São Paulo. "A pressão da torcida e da imprensa era terrível", lembra. Por isso, ele teve até que dar dois tapas "de efeito moral" em um jornalista, Dalmo Pessoa, que teria inventado coisas a seu respeito.

"Foi uma emoção muito grande, que até hoje perdura", garante Moisés, voltando a se referir à vitória na final contra a Ponte. "E não é só em São Paulo, não: no Rio, também sempre comentam comigo a respeito." Mas ele próprio reconhece: "Se não ganho aquele título, seria só mais um entre tantos que passaram."

Para Moisés, "jogar no Corinthians e tentar ser campeão era o sonho de qualquer jogador brasileiro daquela época, um desafio que qualquer um gostaria de ter tentado". Hoje, aos 59 anos, ele é pai de jogador (Iaponã, 20 anos, lateral-direito que disputou o último Campeonato Carioca pelo Bela Vista) e avô de Enzo, de 2 anos. Após um período como gerente de futebol da Cabofriense, aguarda propostas para voltar a trabalhar como técnico.

©1

Como zagueiro, Moisés não brincava

©2

Ex-gerente de futebol, quer voltar a ser técnico

MOISÉS

NOME MOISÉS MATIAS DE ANDRADE

NASCIMENTO RESENDE (RJ), 10/1/1948

POSIÇÃO: ZAGUEIRO-CENTRAL

CLUBES: BONSUCESSO (1967), FLAMENGO (1968 E 1978), BOTAFOGO (1969), VASCO (1971 A 1975), CORINTHIANS (1976 A 1978), FLUMINENSE (1979), PORTUGUESA (1979) E BANGU (1980 A 1983)

NO CORINTHIANS

TÍTULOS: PAULISTA (1977)

JOGOS: 122 (62 VITÓRIAS, 28 EMPATES, 32 DERROTAS); **GOLS:** 0

NO PAULISTA/77: 43 JOGOS (27 VITÓRIAS, 6 EMPATES, 10 DERROTAS)

ADEMIR

O reserva com sorte

Durante quase metade da campanha que levou o Corinthians àquele título histórico (mais precisamente em 21 dos 48 jogos), Ademir Gonçaves foi apenas o reserva imediato da dupla de zaga formada por Moisés e Zé Eduardo. Só que na noite da grande festa ele começou (e terminou) jogando. E não decepcionou. "Foi mesmo uma sorte", reconhece, referindo-se ao fato de o titular, Zé Eduardo, ter levado o terceiro cartão amarelo no jogo do domingo, contra a Ponte.

Ademir tinha vindo do XV de Piracicaba. Chegou a ser trocado, e depois, destrocado, com o Guarani pelo atacante Washington, na época considerado um "novo Pelé". Ninguém sentiu a dor da perda do título paulista para o Palmeiras, em 1974, mais de perto do que ele, que tentou e não conseguiu tirar a bola de Ronaldo no lance do gol da derrota por 1 x 0,. "Calcei a coxa dele, mas calcei a coxa errada...", lamenta até hoje.

Por tudo isso, poucos têm tantos motivos para comemorar a conquista de 1977 quanto Ademir. "Eu nunca fui jogador de Seleção", reconhece. "Então, tenho naquele título o ponto mais importante de uma carreira de 21 anos." Depois de finalmente ganhar o tão sonhado título, Ademir passou pelo extinto Pinheiros (que deu origem ao atual Paraná Clube) e São José, entre outros clubes, antes de encerrar a carreira onde começou, no União Agrícola Barbarense.

©3

O Ademir de 1977: titular na hora certa

Aos 60 anos, ele segue morando em Santa Bárbara D'Oeste, sua cidade natal, onde ocupa pela terceira vez o cargo de secretário de Esportes. Avô do pequeno Pietro — "que, com um ano, já está dando pancada" —, Ademir considera-se "comentarista licenciado" das transmissões esportivas da Rádio Luzes da Ribalta, retransmissora da Jovem Pan, de São Paulo.

©4

Hoje: secretário de Esportes e comentarista licenciado

ADEMIR
NOME ADEMIR JOSÉ GONÇALVES
NASCIMENTO SANTA BÁRBARA D'OESTE (SP), 19/11/1946
POSIÇÃO: QUARTO-ZAGUEIRO
CLUBES: UNIÃO AGRÍCOLA BARBARENSE (1964 A 1967 E 1984), XV DE PIRACICABA (1968 A 1972), CORINTHIANS (1972 A 1978), GUARANI (1974), PINHEIROS-PR (1978) E SÃO JOSÉ (1979 A 1983)
NO CORINTHIANS
TÍTULOS: PAULISTA (1977)
JOGOS: 217 (102 VITÓRIAS, 62 EMPATES, 53 DERROTAS); GOLS: **2**
NO PAULISTA/77: 27 JOGOS (15 VITÓRIAS, 5 EMPATES, 7 DERROTAS), 0 GOL

WLADIMIR
O xodó da galera

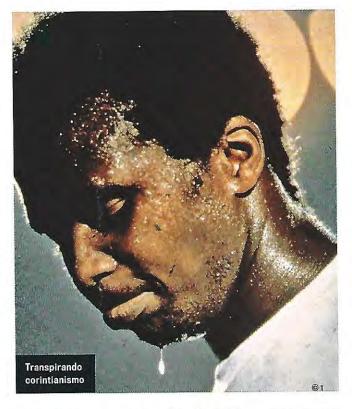
Quando a bola chutada por Vaguinho bateu na trave e voltou para ele, o lateral-esquerdo Wladimir pensou: "Não posso errar de jeito nenhum". Daí a opção pela cabeçada seca, quase sem mexer o pescoço. E daí, também, Oscar ter salvado em cima da linha e Basílio só ter conseguido marcar no rebote. Mas Wladimir não precisaria daquele gol para se tornar ídolo.

Prata da casa, ele era titular já em 1974, o ano da fatídica derrota na decisão estadual para o Palmeiras. Em 1977, chegara à Seleção Brasileira, com Oswaldo Brandão, e fôra cortado por Cláudio Coutinho junto com o também corintiano Givanildo. Era reconhecido como um dos jogadores mais técnicos daquele time de muita raça, mas também sabia jogar com vontade quando era preciso.

Nos anos seguintes, Wladimir se consagraria ainda mais. Foi campeão paulista também em 1979 e bi em 1982/83, tornando-se um dos líderes da Democracia Corinthiana, o movimento que pregava uma maior participação dos jogadores nas decisões do departamento de futebol do clube. Em 97 anos de história do Corinthians, ninguém jogou mais partidas do que ele (foram 805 jogos, no total).

Depois de uma rápida passagem de volta ao clube em que atuou como quarto-zagueiro, em 1987, Wladimir encerrou a carreira de jogador fora do Corinthians. Passou a atuar na política, filiando-se ao PT, depois ao PMDB e ao PC do B.

Transpirando corintianismo

©1

"O título de campeão paulista de 1977 representou a consagração de um sonho, do sonho de uma nação", define hoje, aos 53 anos, o atual secretário de Esportes e Lazer do município de Diadema, na Grande São Paulo, que também é pai de três filhos: Gabriel, de 26 anos, conhecido jogador do Fluminense; Júlia, de 22, e Ludmila, de 21. Que conclui, emocionado? "Foi um momento histórico da vida do Corinthians, e isso não tem preço."

O secretário de Diadema, 30 anos depois

©2

WLADIMIR

NOME: WLADIMIR RODRIGUES DOS SANTOS

NASCIMENTO: SÃO PAULO (SP), 29/8/1954

POSIÇÃO: LATERAL-ESQUERDO

CLUBES: CORINTHIANS (1972 A 1985 E 1987), SANTO ANDRÉ (1986/87), PONTE PRETA (1987), CRUZEIRO (1988/89), SANTOS (1989), CENTRAL BRASILEIRA DE COTIA (1990) E SÃO CAETANO (1990/91)

SELEÇÃO BRASILEIRA: 7 JOGOS, 0 GOL

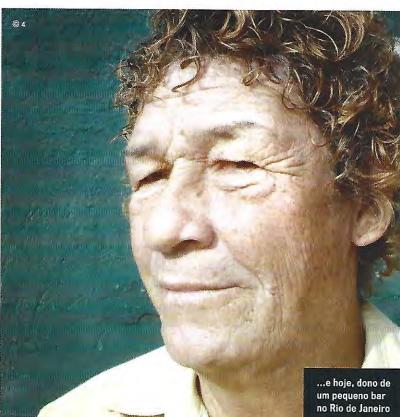
NO CORINTHIANS

TÍTULOS: PAULISTA (1977, 1979, 1982 E 1983)

JOGOS: 805 (372 VITÓRIAS, 256 EMPATES, 177 DERROTAS); **GOLS:** 32

NO PAULISTA/77: 31 JOGOS (16 VITÓRIAS, 4 EMPATES, 11 DERROTAS), 1 GOL

Ruço nos seus tempos de corintiano, entre 1975 e 1978...

...e hoje, dono de um pequeno bar no Rio de Janeiro

RUÇO
O rei dos beijinhos

Sua marca registrada era a espalhafatosa cabeleira pardacenta (daí o apelido de Ruço), reconhecível por qualquer torcedor do alto da arquibancada. E também os beijinhos que jogava para a galera a cada gol marcado. Como o goleiro Tobias, o volante Ruço já havia vivido seu momento de maior glória na semifinal do Brasileiro de 1976, ao marcar, de meia-bicicleta, o gol do empate com o Fluminense no jogo da invasão ao Maracanã. Depois, a vitória nos pênaltis levaria o time à decisão contra o Inter.

Mas nem sempre foi assim. "Ninguém se conformava que o Corinthians tivesse vendido um Rivellino para trazer um tal de Ruço, do Madureira", conta Ruço, lembrando-se de seus primeiros tempos no Parque São Jorge. Logo que ele chegou, em 1975, já beirando os 26 anos de idade, após passagens por Madureira e Remo, uma mãe-de-santo do Rio mandou-lhe dizer que o Corinthians seria campeão com a ajuda de um jogador carioca vindo de um time pequeno. Coincidência ou não, a profecia até demorou um pouco, mas acabou se cumprindo.

Depois daquele título histórico, Ruço, como alguns outros jogadores, acabou dispensado do elenco sem maiores explicações. Voltou para o Rio e chegou a ser campeão mais uma vez, em 1983, no Espírito Santo, pelo Rio Branco. Aos 35 anos, ainda jogava pelo Olaria, mas depois disso, atormentado pelas insistentes dores causadas pela gota, não quis mais saber de bola.

Aos 58 anos, vive hoje no Irajá, o mesmo bairro da zona norte carioca onde nasceu, da renda de um pequeno bar instalado em sua própria residência. Tem três filhos: Alexandre, de 33 anos; Deivison, de 31, que é afilhado do ex-companheiro Zé Maria; e Viviane, de 29 anos. Ruço tem também uma neta, Beatriz, de 9 anos.

RUÇO
NOME: JOSÉ CARLOS DOS SANTOS
NASCIMENTO: RIO DE JANEIRO (RJ), 3/6/1949
POSIÇÃO: VOLANTE
CLUBES: MADUREIRA (1971 A 1975 E 1985), BOTAFOGO (1973 E 1979), REMO (1974), CORINTHIANS (1975 A 1978), AMÉRICA (1978), VOLTA REDONDA (1979), JUVENTUS (1980), OLARIA (1981/82), RIO BRANCO-ES (1983) E OLARIA (1984)
NO CORINTHIANS
TÍTULOS: PAULISTA (1977)
JOGOS: 201 (107 VITÓRIAS, 46 EMPATES, 48 DERROTAS); **GOLS:** 22
NO PAULISTA/77: 33 JOGOS (21 VITÓRIAS, 3 EMPATES, 9 DERROTAS), 3 GOLS

©1 RONALDO KOTSCHO ©2 ALEXANDRE BATTIBUGLI ©3 REPRODUÇÃO ©4 CAMILA MARCHON

LUCIANO

De "Coalhada" a campeão

Presente em 42 dos 48 jogos da campanha, o calado meio-campista Luciano estava em campo inclusive na noite da consagração. Quando, aliás, foi o responsável pela primeira grande emoção do jogo, logo aos 3 minutos e meio: um chute de longe, que acertou a trave da Ponte Preta. "Sempre digo aos meus amigos que aquele foi o cartão de apresentação de um pernambucano", conta ele, aos 59 anos. "Peguei bem na bola, mas ela acabou acertando o poste esquerdo. Ainda esperei para ver se entrava. Para mim, aquilo teria sido tão importante quanto está sendo hoje para o Basílio."

Luciano: provando o valor a cada jogo

A grande queixa de Luciano em sua passagem por São Paulo era em relação ao preconceito. Conhecido como "A Maravilha do Arruda" no tempo em que foi pentacampeão pernambucano pelo Santa Cruz (de 1969 a 1973) e, depois, apenas como "Maraílha", assim que mudou-se para a Ilha do Retiro, o campo do Sport, ele não entendia por que os paulistas insistiam em chamá-lo de "Coalhada". Uma referência a um personagem de Chico Anysio, jogador limitado que, como Luciano, usava vasta cabeleira. "Não gosto desse apelido até hoje", diz Luciano, sério, por achar que ele não faz jus ao bom futebol que sempre apresentou ao longo de uma carreira de 16 anos.

Naquela noite, ao substituir o titular Palhinha, que se machucou no segundo jogo decisivo, Luciano mostrou todo o seu valor. Havia feito uma espécie de aposta com o técnico Oswaldo Brandão, que lhe pagaria 10 cruzeiros por bola que ele chutasse a gol. Não se intimidou, e nem poderia. "Em 1969, consegui quebrar um jejum de dez anos sem títulos pelo Santa Cruz. Em 1975, quebrei um outro, de mais treze anos, dessa vez pelo Sport. No Corinthians, foi só somar os dois períodos e completar 23", brinca.

Após passagens pelos três grandes times de Pernambuco, Luciano encerrou a carreira no Central, de Caruaru. Logo em seguida tornou-se técnico no Náutico. Até maio deste ano, Luciano era o técnico dos juniores do Santa Cruz. Atualmente, procura emprego. Vive no Recife, já é avô de três netos (Maria Eduarda, de 9 anos, Mateus, de 3, e Bruna, de 6 meses) e garante: "Para mim, ser campeão paulista em 1977 foi o mesmo que ganhar um título mundial".

De volta à sua terra, aguardando propostas

LUCIANO
NOME: LUCIANO JORGE VELOZO
NASCIMENTO: PESQUEIRA (PE), 13/9/1948
POSIÇÃO: VOLANTE
CLUBES: SANTA CRUZ (1966 A 1974), SPORT (1975/76), CORINTHIANS (1977/78), JUVENTUS (1978), PORTUGUESA (1979), NÁUTICO (1980/81) E CENTRAL-PE (1982)
NO CORINTHIANS
TÍTULOS: PAULISTA (1977)
JOGOS: 70 (40 VITÓRIAS, 14 EMPATES, 16 DERROTAS); **GOLS:** 9
NO PAULISTA/77: 42 JOGOS (25 VITÓRIAS, 6 EMPATES, 11 DERROTAS), 6 GOLS

VAGUINHO
O quase herói de 77

"Eu não aceito." Essa foi a resposta do ponta-direita Vaguinho ao saber que seria barrado no segundo jogo da decisão. De nada adiantaram os argumentos do técnico Oswaldo Brandão, tentando convencê-lo da necessidade da entrada de Luciano em seu lugar, para fechar o meio do campo. Vaguinho só conseguia pensar que, depois de mais de seis anos "amassando barro" pelo Corinthians, desde que chegara do Atlético-MG, em 1971, dessa vez ficaria de fora da foto, e justo no dia do título.

De nada adiantou tanta rebeldia. No dia do jogo, Vaguinho começou no banco, com a camisa 15, emburrado. Quis o destino, porém, que Palhinha se machucasse ainda no primeiro tempo. "Nem bem ele colocou a mão onde doía e eu já estava de pé, assinando a súmula para entrar", conta Vaguinho, sem nenhum constrangimento. Ele próprio, Vaguinho, marcou diante do maior público já reunido no Morumbi o gol que, àquela altura, garantia a taça para o Corinthians. Mas a Ponte virou, obrigando a realização do terceiro jogo, na quinta-feira. Nele, Vaguinho teve uma vez mais participação importante, principalmente no lance do gol de Basílio. "Pedi para o Zé Maria jogar a bola no segundo pau, porque tinha um buraco ali", recorda. "Mas ele errou o chute, a bola bateu na cabeça do Basílio e acabou sobrando para mim. Peguei quase caindo, ela veio toda quadrada, mas ainda deu para acertar a trave."

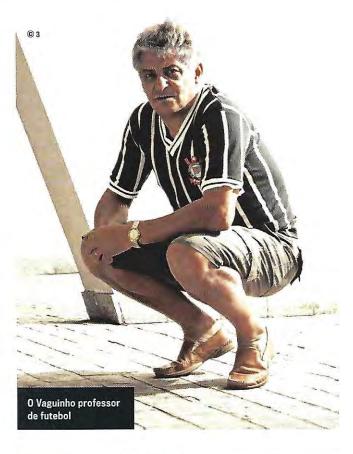
Vaguinho permaneceria na equipe a tempo de ser campeão paulista novamente dois anos depois, em 1979. Aposentado aos 57 anos, é professor de futebol em São Gotardo (MG), onde prepara garotos de 12 a 14 anos para serem profissionais. É pai de Daniela, uma cirurgiã plástica de 33 anos, Camila, uma nutricionista de 30, e Wagno Júnior, preparador físico, de 27.

©3

O Vaguinho professor de futebol

©4

Festejando um de seus 8 gols em 77

©1 JOSÉ PINTO ©2 LEO CALDAS ©3 SILVIO FERREIRA ©4 ALEXANDRE BATTIBUGLI

VAGUINHO
NOME: WAGNO DE FREITAS
NASCIMENTO: SETE LAGOAS (MG), 11/2/1950
POSIÇÃO: PONTA-DIREITA
CLUBES: DEMOCRATA DE SETE LAGOAS-MG (1967/68), ATLÉTICO-MG (1969/71 E 1981), CORINTHIANS (1971 A 1981) E SANTO ANDRÉ (1982)
SELEÇÃO BRASILEIRA: 7 JOGOS, 1 GOL
NO CORINTHIANS
TÍTULOS: PAULISTA (1977 E 1979)
JOGOS: 551 (258 VITÓRIAS, 172 EMPATES, 121 DERROTAS); **GOLS:** 110
NO PAULISTA/77: 43 JOGOS (26 VITÓRIAS, 6 EMPATES, 11 DERROTAS), 8 GOLS

GERALDÃO
O artilheiro da Fiel

"Um corintiano nato, sofredor como muitos outros." Assim se autodefine até hoje o centroavante Geraldo da Silva, o Geraldão. Quando trabalhava como bóia-fria, ele costumava levar um rádio no bolso para ouvir os jogos enquanto trabalhava. Ele e o avô, Sebastião Pereira, também corintiano, que depois da conquista ganhou a camisa usada no jogo pelo neto.

"Meu sonho era um dia jogar no Corinthians. Quando fui para lá, queria conquistar alguma coisa", recorda o centroavante, que antes, em 1974, chegou a ser o artilheiro do Paulista pelo Botafogo de Ribeirão Preto, formando dupla com o futuro ídolo corintiano Sócrates. Em 1977, Geraldão foi o artilheiro do campeão, mas no campeonato, com seus 24 gols, ficou atrás de Serginho, do São Paulo, que marcou 32, e de Toninho, do Palmeiras, com 26. Sua maior vítima? O São Paulo, que sofreu sofreu quatro gols de Geraldão nos quatro jogos do Paulista daquele ano. "Eles trocavam o goleiro, tiravam o Waldir Peres, colocavam o Toinho, mas não adiantava nada...", lembra o corintiano, divertindo-se.

Na final contra a Ponte, acertou uma bicicleta milagrosamente defendida por Carlos. Campeão paulista como reserva também em 1979, Geraldão ganhou, ainda, um título gaúcho, em 1982, pelo Inter. Com 58 anos, Geraldão ainda joga eventualmente pelos Masters do Corinthians, mas trabalha mesmo em uma escolinha de futebol da prefeitura em Sapopemba, zona leste de São Paulo. Tem três filhos: Fábio, de 28 anos, cursa Educação Física. Tiago, de 26, é corretor de seguros. E Taís, de 22, faz Farmácia.

Trombando com Palhinha e a zaga

© 1

© 2

Hoje, ele ensina como se deve fazer gols

GERALDÃO

NOME: GERALDO DA SILVA

NASCIMENTO: ÁLVARES MACHADO (SP), 25/7/1949

POSIÇÃO: CENTROAVANTE

CLUBES: PRUDENTINA-SP (1967), SÃO BENTO DE MARÍLIA-SP (1968/69), EPITACIANA-SP (1969/70), BOTAFOGO-SP (1970 A 1974), CORINTHIANS (1975 A 1978 E 1979 A 1981), JUVENTUS (1978/79 E 1981), GRÊMIO (1981), INTER-RS (1982/84), COLORADO-PR (1984/85), MIXTO-MT (1985), FRANCANA-SP (1985), CORINTHIANS DE PRESIDENTE PRUDENTE-SP (1986/87), A. A. ITARARÉ-SP (1987), UNIÃO DE VALINHOS-SP (1988) E GARÇA-SP (1989)

SELEÇÃO BRASILEIRA: 7 JOGOS, 1 GOL

NO CORINTHIANS

TÍTULOS: PAULISTA (1977 E 1979)

JOGOS: 280 (136 VITÓRIAS, 77 EMPATES, 67 DERROTAS); **GOLS:** 91

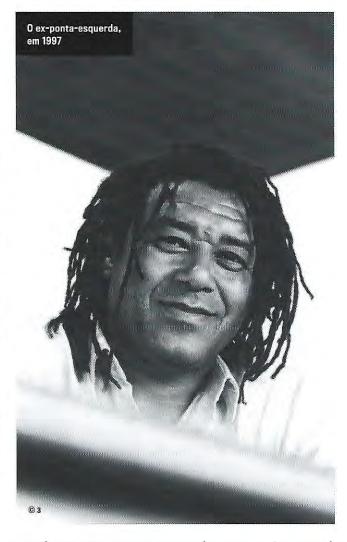
NO PAULISTA/77: 46 JOGOS (29 VITÓRIAS, 6 EMPATES, 11 DERROTAS), 24 GOLS

ROMEU

O homem das cambalhotas

Depois da derrota no terceiro turno para o Guarani, no Pacaembu, só a vitória passou a interessar ao Corinthians nos três jogos que faltavam. O primeiro deles era contra o Botafogo, em Ribeirão Preto. Um time forte, que havia sido campeão do primeiro turno (o Corinthians ganhou o segundo) e ainda sonhava com a vaga de seu grupo na decisão, ainda que ela já estivesse praticamente nas mãos da Ponte Preta.

A partida seguiu difícil até os 17 minutos do segundo tempo, quando o ponta-esquerda Romeu definiu tudo, marcando o gol da vitória. Na comemoração, claro, não faltou a tradicional cambalhota, sua marca registrada desde que chegou do Atlético Mineiro, onde hasvia sido campeão brasileiro em 1971. "Ali ganhamos o campeonato", costuma afirmar Romeu, com uma certa dose de exagero, mas não sem alguma razão. Além do mais, aquela não foi a única contribuição do irreverente ponta-esquerda ao longo daquela campanha. No jogo decisivo contra o São Paulo, que acabou valendo como uma espécie de semifinal, foi dele o segundo gol, que acabou valendo a vitória por 2 x 1. Machucado, Romeu só ficou de fora do primeiro jogo da decisão contra a Ponte. Mas estava de volta nos dois seguintes.

Campeão paulista pelo Corinthians também em 1979, Romeu jogou depois no Palmeiras e no Millonários, da Colômbia. "Mas como o Corinthians não tem nada igual", garante. Atualmente com 57 anos e morando em Barueri, na Grande São Paulo, trabalha como vendedor de consórcios es ainda bate sua bolinha nos times de veteranos da cidade.

O ex-ponta-esquerda, em 1997

©3

Romeu e seu movimento característico

©4

ROMEU
NOME: ROMEU EVANGELISTA
NASCIMENTO: ESMERALDA (MG), 27/5/1950
POSIÇÃO: PONTA-ESQUERDA
CLUBES: ATLÉTICO-MG (1970 A 1975), CORINTHIANS (1976 A 1980), PALMEIRAS (1980/81), MILLONÁRIOS-COL (1981/82) E NACIONAL-SP (1983)
SELEÇÃO BRASILEIRA: 8 JOGOS, 1 GOL
NO CORINTHIANS
TÍTULOS: PAULISTA (1977 E 1979)
JOGOS: 220 (116 VITÓRIAS, 57 EMPATES, 47 DERROTAS); **GOLS:** 34
NO PAULISTA/77: 39 JOGOS (24 VITÓRIAS, 6 EMPATES, 9 DERROTAS), 8 GOLS

©1 JOSÉ PINTO ©2 ALEXANDRE BATTIBUGLI ©3 RICARDO CORRÊA ©4 JOSÉ PINTO

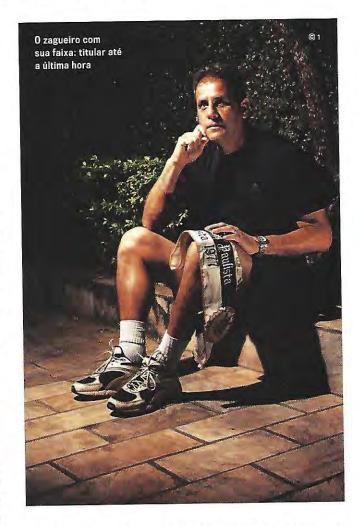
ZÉ EDUARDO

O desfalque na defesa

O zagueiro com sua faixa: titular até a última hora

Na noite em que o Corinthians finalmente foi campeão, o zagueiro Zé Eduardo assistiu ao jogo pela televisão. "Não tinha condições emocionais para ir ao estádio", justifica o jogador, titular até a penúltima partida, quando foi suspenso pelo terceiro cartão amarelo. "Puxa vida, cheguei tão pertinho... Mas o Ademir, que me substituiu, fez jus, ele também fez parte daquele elenco." Por isso, Zé Eduardo se diz "honrado e um pouco frustrado" em relação ao título de 1977. "É como diz o professor José Teixeira, preparador físico do Corinthians naquela campanha: a última imagem é a que fica. E, nela, eu não estou. Mas foi muito bacana ter participado, uma alegria muito grande. Deus permitiu que eu tivesse essa oportunidade que muitos queriam."

Filho do pastor protestante Calvino Batista Pereira, Zé Eduardo era um jogador viril, considerado por muitos como violento. Tentou sua primeira oportunidade no São Paulo, à época treinado por José Poy, mas no dia marcado acabou não indo treinar. Surgiu, então, em Itu, um amigo de seu pai que o levou ao Parque São Jorge em um dia de treino dos garotos em teste contra o time de aspirantes. Faltava um zagueiro nos aspirantes e ele, mesmo jogando no meio do campo, se ofereceu para jogar por lá. Nunca mais saiu da defesa.

Zé Eduardo foi também campeão paulista em 1979, e entre outros clubes jogou no Botafogo. Continua morando em Itu, mas é técnico dos juniores da Lemense, da cidade paulista de Leme.

Zé Eduardo ainda joga de vez em quando nos Masters do Corinthians e é diácono da Igreja Presbiteriana de Itu. Tem três filhos: Eduardo, 24 anos, formado em Comércio Exterior; Gustavo, 21 anos, designer multimídia; e Maurício, 18 anos, que está estudando zootecnia em Bambuí (MG).

Limpando a área em seus bons tempos

ZÉ EDUARDO

NOME: JOSÉ EDUARDO DE TOLEDO PEREIRA
NASCIMENTO: CAMPINAS (SP), 12/4/1954
POSIÇÃO: QUARTO-ZAGUEIRO
CLUBES: CORINTHIANS (1974/75 E 1976 A 1980), EIDAI-JAP (1975), BOTAFOGO-RJ (1980 A 1982), NÁUTICO (1983 A 1987) E ITUANO-SP (1987)

NO CORINTHIANS

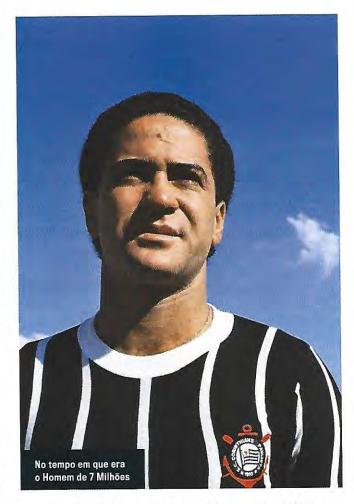
TÍTULOS: PAULISTA (1977 E 1979)
JOGOS: 180 (93 VITÓRIAS, 54 EMPATES, 33 DERROTAS); **GOLS:** 0
NO PAULISTA/77: 30 JOGOS (22 VITÓRIAS, 2 EMPATES, 6 DERROTAS)

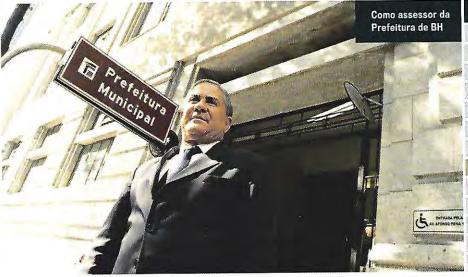
PALHINHA

O craque ausente

Palhinha foi a maior contratação corintiana para o Campeonato Paulista de 1977. Para tê-lo, o presidente Vicente Matheus topou pagar ao Cruzeiro a quantia recorde de 7 milhões de cruzeiros. "Nem o Tostão, quando foi para o Vasco, tinha custado tanto", assusta-se hoje o próprio ex-jogador. Que, na época, assustou-se com muito mais coisa: a multidão que foi recebê-lo no aeroporto, o caminho com batedores da polícia até o Parque São Jorge, as mais de 60 mil pessoas que pagaram para vê-lo estrear em uma manhã de domingo, contra o Guarani, no Morumbi. "Meu cabelo arrepiava de cima a baixo", recorda. "Aí, pensei: nós temos que lutar muito para dar esse título ao torcedor corintiano."

Mais do que com gols e jogadas, Palhinha contribuiu para o fim do jejum corintiano promovendo a união do grupo: "Tinha uma porta aberta com o Matheus para negociar contratos, resolver os problemas de cada um. Olhei o lado coletivo, dei a idéia de dividir o bicho com quem não concentrava". Pé-quente em termos de conquistas e na hora de marcar gols decisivos, abriu a decisão com a Ponte fazendo o gol com a cara que deu ao Corinthians a vitória por 1 x 0. Mas, no segundo, sofreu um estiramento na perna e acabou ficando de fora da finalíssima. "Senti uma tristeza muito grande, mas o Luciano me substituiu muito bem. Depois que o jogo acabou, chegou até mim com a camisa 10 e disse: 'Toma, ela é sua'."

Palhinha permaneceu no Corinthians a tempo de ser novamente campeão paulista em 1979, formando uma dupla espetacular com Sócrates. Depois, como técnico, também passou pelo Timão, em 1989. Aos 57 anos, é dono do Centro Comercial Barreiro, em Belo Horizonte, assessor especial do prefeito Fernando Pimentel para assuntos de esporte e comentarista do programa Meio de Campo, que vai ao ar aos domingos pela TV Minas. Tem uma neta, Luna, de 2 anos.

No tempo em que era o Homem de 7 Milhões

Como assessor da Prefeitura de BH

PALHINHA

NOME: WANDERLEY EUSTÁQUIO DE OLIVEIRA

NASCIMENTO: BELO HORIZONTE (MG), 11/6/1950

POSIÇÃO: MEIA-ATACANTE

CLUBES: CRUZEIRO (1968 A 1976 E 1983/84), CORINTHIANS (1977 A 1980), ATLÉTICO-MG (1980/81), SANTOS (1982), VASCO (1982/83) E AMÉRICA-MG (1985)

SELEÇÃO BRASILEIRA: 19 JOGOS, 6 GOLS

NO CORINTHIANS

TÍTULOS: PAULISTA (1977 E 1979)

JOGOS: 148 (79 VITÓRIAS, 42 EMPATES, 27 DERROTAS); **GOLS:** 44

NO PAULISTA/77: 34 JOGOS (23 VITÓRIAS, 2 EMPATES, 9 DERROTAS), 9 GOLS

©1 ALEXANDRE BATTIBUGLI ©2 MANOEL MOTTA ©3 CÉLIO APOLINÁRIO ©4 EUGÊNIO SÁVIO

OSWALDO BRANDÃO

O Messias do Timão

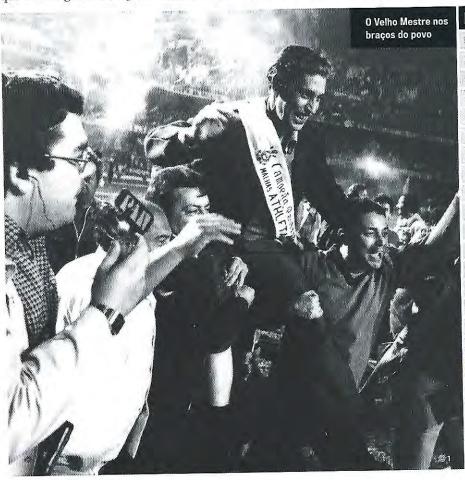
Quando o Corinthians havia sido campeão pela última vez, no já naquela época longínquo 1954, ele era o técnico. Vinte e dois anos depois, o gaúcho Oswaldo Brandão estava de volta, para tentar o que não havia conseguido em outras duas passagens anteriores pelo clube, entre 1955 e 1957 e de 1964 a 1966: ser campeão. E em circunstâncias muito especiais. Recém-demitido da Seleção Brasileira, Brandão precisava provar aos críticos e a si que não estava superado.

Dizem que até o autor do gol do título o místico treinador previu. Na manhã daquela quinta-feira, ele teria procurado Basílio no quarto da concentração e decretado: "Neguinho, sonhei que você vai fazer o gol da libertação".

Mas a participação de Brandão no título paulista daquele ano foi muito além do misticismo. Fiel ao estilo paternalista que o consagrou ao longo de mais de 40 anos como técnico, ele separava a comida dos jogadores que estavam acima do peso e os obrigava a cuspir a água que tentavam beber após os treinamentos para não engordar. Levava pessoalmente os contundidos a sessões de espiritismo, a fé que processava, pois estava às voltas com a doença de seu filho Márcio, com câncer. Cobrava visitas a sua casa do capitão Zé Maria, obrigava o auxiliar João Avelino a ir atrás dos jogadores que tinham vida noturna.

Após uma derrota por 3 x 0 para o XV, em Jaú, o "Velho", como era chamado por todos no clube, impediu que o elenco voltasse para São Paulo, preservando-o do assédio da imprensa. E em um episódio em particular, do qual todos os jogadores se lembram, Brandão foi decisivo.

O time acabara de perder do Guarani, no Pacaembu. O presidente Vicente Matheus invadiu o vestiário chorando, dizendo que estava "tudo perdido" e que mandaria todo o mundo embora. Então, Brandão praticamente expulsou o presidente do vestiário, reuniu o grupo e disse: "Quem não acreditar mais pode sair agora". E a partir dali todo o time voltou a acreditar em si. Oswaldo Brandão morreu em 1989, aos 72 anos, vítima de câncer linfático.

O Velho Mestre nos braços do povo

BRANDÃO (TÉCNICO)

NOME: OSWALDO BRANDÃO

NASCIMENTO: TAQUARA (RS), 18/9/1916

MORTE: SÃO PAULO (SP), 29/7/1989

CLUBES: PALMEIRAS (1945; 1947 A 1948; 1958 A 1960; 1971 A 1975; 1980), SANTOS (1948 A 1949), PORTUGUESA (1950 A 1951 E 1978/79), LINENSE (1952), PORTUGUESA SANTISTA (1953), CORINTHIANS (1954 A 1957, 1964 A 1966, 1968, 1977/78 E 1981), INDEPENDIENTE-ARG (1961 E 1966), SÃO PAULO (1962 A 1964 E 1971), BOTAFOGO-SP (1964), PEÑAROL-URU (1969/70), PONTE PRETA (1978), CORITIBA (1983), CRUZEIRO (1984), XV DE PIRACICABA (1984) E VILLA NOVA-MG (1986)

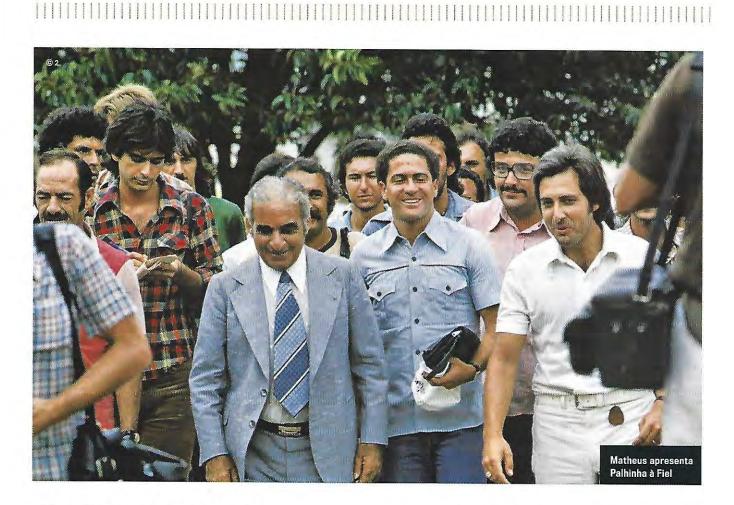
SELEÇÃO BRASILEIRA: 40 JOGOS, 27 VITÓRIAS, 7 EMPATES E 6 DERROTAS, ENTRE 1955 E 1957 E DE 1975 A 1977 (ELIMINATÓRIAS PARA AS COPAS DE 1958 E 1978)

NO CORINTHIANS

TÍTULOS: PAULISTA (1954 E 1977)

JOGOS: 438 (249 VITÓRIAS, 96 EMPATES, 93 DERROTAS)

NO PAULISTA/77: 34 JOGOS (24 VITÓRIAS, 2 EMPATES, 8 DERROTAS)

Matheus apresenta Palhinha à Fiel

VICENTE MATHEUS
O Senhor Corinthians

Durante mais de 30 anos, Vicente Matheus e Corinthians foram sinônimos. Mais precisamente de 1959 a 1961, de 1972 a 1981 e de 1987 a 1991. Além desses períodos em que exerceu a presidência do clube, Matheus foi também diretor de futebol em 1954, o ano da conquista anterior a 1977.

Famoso por seu estilo centralizador e pelas frases que denunciavam a pouca educação formal — como "quem sai na chuva é pra se queimar" —, esse empresário espanhol de nascimento fez de tudo para alcançar o tão sonhado título de campeão. Em 1960, teria chegado a doar ao clube o valor equivalente a um de seus prédios, para a contratação de Almir, O Pernambuquinho, craque da época que jogava no Vasco. Após ser derrotado nas eleições seguintes por seu vice, Wadih Helou, Matheus voltaria ao poder somente em 1972, em meio a uma das maiores crises da história do Corinthians. Os bens do clube (inclusive o ônibus que levava os jogadores) estavam penhorados, havia 243 títulos protestados e a dívida chegava a 13 bilhões de cfruzeiros antigos. Austero quando o assunto era dinheiro, Matheus foi colocando a casa em ordem e, aos poucos, fazendo do Corinthians um time competitivo.

Depois da histórica conquista do título paulista de 1977, com Matheus no comando, o clube foi também campeão paulista em 1979 e 1988 e campeão brasileiro em 1990. Mas o título que mais o marcou foi mesmo o de 1977, que o presidente fez questão de registrar até na placa de seu carro (VM-1977).

Matheus morreu no Carnaval de 1997, aos 88 anos, em São Paulo. Mas quem prestar atenção ainda poderá ver seu rosto, no alto de um monumento de concreto mandado erigir por ele mesmo para homenagear todos os campeões de 1977.

VICENTE MATHEUS (PRESIDENTE)

NOME: VICENTE MATHEUS VALLE

NASCIMENTO: ZAMORA, ESPANHA, 28/5/1908

MORTE: SÃO PAULO (SP), 9/2/1997

MANDATOS:: 1959 A 1961; 1972 A 1981; 1987 A 1991

TÍTULOS:: PAULISTA (1977, 1979 E 1988) E BRASILEIRO (1990)

JAIRO
Reserva à altura

No segundo jogo da decisão – aquele do domingo, em que o Corinthians já poderia ter saído de campo campeão mas quem venceu foi a Ponte, por 2 x 1 –, o goleiro não era Tobias, que estava suspenso pelo terceiro cartão amarelo. Era Jairo.

Esse gigante de 1,94 metro jogou até os 45 anos, chegou a atuar pela Seleção Brasileira e foi campeão em outros clubes importantes, entre eles Coritiba e Fluminense. Mas garante: "Ganhar um título pelo Corinthians é completamente diferente. E o de 1977 foi o mais importante da minha vida".

Jairo chegou a ser o titular ao longo daquela campanha, logo que Brandão assumiu no lugar de Duque e Tobias teve que sair do time por contusão. Porém, abalado por problemas particulares (entre eles a perda de um filho), acabou perdendo a posição. "Você vai sair, não está bem, mas depois vai voltar a jogar", teria dito Brandão, segundo conta o próprio Jairo. Mais uma vez, o técnico foi profético: Jairo não só reassumiu o gol corintiano já no ano seguinte, 1978, como em 1979 sagrou-se campeão como titular absoluto. Ficaria no time até o final de 1980, quando trocou o Corinthians pelo Náutico. Depois que se aposentou, Jairo chegou a treinar os goleiros do Coritiba e tentar a carreira de técnico, no Operário de Mafra (SC). Hoje, aos 60 anos, Jairo é dono de três escolinhas de futebol na região da Grande Curitiba, onde mora. Uma delas fica na própria capital paranaense, outra em São José dos Pinhais e a terceira no também vizinho município de Tijucas do Sul. Jairo tem em dois netos, Luíza, de 4 anos, e Caio Vinicius, de 6.

©1

Com Manoel Motta, da Placar, e a faixa

JAIRO
NOME: JAIRO DO NASCIMENTO
NASCIMENTO: JOINVILLE (SC), 23/10/1946
POSIÇÃO: : GOLEIRO
CLUBES: CAXIAS DE JOINVILLE -SC (1965 A 1969), FLUMINENSE (1969 A 1972), CORITIBA (1972 A 1977 E 1983 A 1988), CORINTHIANS (1977 A 1980), NÁUTICO (1981/82), AMÉRICA-MG (1986/89), ATLÉTICO DE TRÊS CORAÇÕES (1989/90), VILLA NOVA-MG (1990) E TRANSPONTANO-MG (1991)
SELEÇÃO BRASILEIRA: 1 JOGO (BRASIL 2 X 1 URUGUAI, 28/4/1976), 1 GOL SOFRIDO
NO CORINTHIANS
TÍTULOS: PAULISTA (1977 E 1979)
JOGOS: 190 (93 VITÓRIAS, 61 EMPATES, 36 DERROTAS); **GOLS SOFRIDOS:** 146
NO PAULISTA/77: 16 JOGOS (11 VITÓRIAS, 1 EMPATE, 4 DERROTAS), 10 GOLS SOFRIDOS

CLÁUDIO MINEIRO
O curinga do campeão

Ao longo do Campeonato Paulista de 1977, Cláudio Mineiro foi pau para toda obra. No início da campanha, com Wladimir convocado para a Seleção Brasileira, ele supriu bem a ausência do titular, atuando em sua posição de origem. Depois, com a dificuldade em encontrar alguém à altura de Zé Maria, foi quebrar um galho também pelo lado direito. Até de zagueiro ele chegou a jogar.

Dono de um chute forte, Cláudio Mineiro permaneceria no Corinthians até 1979, quando foi trocado com o Inter pelo volante Caçapava. Aos 55 anos, é técnico em em Corumbá (MS).

CLÁUDIO MINEIRO
NOME: CLÁUDIO ANTÔNIO DO NASCIMENTO
NASCIMENTO: BELO HORIZONTE (MG), 18/7/1952
POSIÇÃO: : LATERAL-ESQUERDO
CLUBES: AMÉRICA-MG (1971 A 1974), SPORT (1975 A 1976), CORINTHIANS (1977 A 1979), INTER-RS (1979 A 1981), CRUZEIRO (1981), SÃO JOSÉ DE PORTO ALEGRE-RS (1982), NÁUTICO (1985/86)
NO CORINTHIANS
TÍTULOS: PAULISTA (1977)
JOGOS: 112 (61 VITÓRIAS, 27 EMPATES, 24 DERROTAS); **GOLS:** 10
NO PAULISTA/77: 30 JOGOS (22 VITÓRIAS, 2 EMPATES, 6 DERROTAS), 0 GOL

Cláudio Mineiro, curinga da defesa

DARCY
Fé na figa e pé na bola

A premiada fotografia de José Pinto, mostrando o esforçado zagueiro Darcy fazendo figa com as duas mãos antes de bater na bola, funciona como um símbolo corintiano dos tempos pré-1977. Naquela campanha, ele jogou poucas vezes, na maioria delas deslocado para a lateral-direita, a fim de cobrir a ausência de Zé Maria. Mora hoje em São José dos Campos (SP), onde é professor de Educação Física.

Darcy, famoso por fazer figas

DARCY
NOME: DARCY MARQUES JÚNIOR
NASCIMENTO: SÃO PAULO (SP), 16/8/1954
POSIÇÃO: ZAGUEIRO E LATERAL
CLUBES: CORINTHIANS (1975 A 1977), SÃO JOSÉ-SP (1978 A 1982), GUARANI (1983/84), ABC-RN (1985/86) E LENÇOENSE-SP (1987)
NO CORINTHIANS
TÍTULOS: PAULISTA (1977)
JOGOS: 111 (56 VITÓRIAS, 29 EMPATES, 26 DERROTAS); **GOLS:** 2
NO PAULISTA/77: 16 JOGOS (8 VITÓRIAS, 4 EMPATES, 4 DERROTAS), 1 GOL

Adãozinho: enfim campeão

ADÃOZINHO
A eterna promessa

Ele pintou como ídolo, no Paulista de 1971, marcando um gol a uma distância de mais de 40 metros em Leão, nos históricos 4 x 3 sobre o Palmeiras. Depois, foram seis anos como eterna promessa, até ser campeão como reserva, em 1977 (sequer poderia ter entrado no último jogo, pois havia sido expulso no domingo). Tem 55 anos, é professor de escolhinhas de futebol em São Paulo e pai de Jéferson, 15 anos, meia como ele.

ADÃOZINHO
NOME: ADÃO AMBRÓSIO
NASCIMENTO: SÃO PAULO (SP), 17/10/1951
POSIÇÃO: MEIA-ESQUERDA
CLUBES: CORINTHIANS (1971 A 1978), CORITIBA (1980/81), RIO NEGRO-AM (1981/82) E PORTUGUESA SANTISTA (1983)
NO CORINTHIANS
TÍTULOS: PAULISTA (1977)
JOGOS: 253 (118 VITÓRIAS, 80 EMPATES, 55 DERROTAS); **GOLS:** 19
NO PAULISTA/77: 12 JOGOS (8 VITÓRIAS, 1 EMPATES, 3 DERROTAS), 1 GOL

LANCE
O torcedor em campo

Entre os campeões de 77, ninguém é mais corintiano que Lance. Tanto que seu celular toca o Hino do Corinthians. Passou por por horas ruins, como a derrota para o Palmeiras na final do Paulista de 1974, que qualifica como "tragédia". Formado em Educação Física, Jornalismo e Psicologia, é dono de uma fábrica de troféus e de uma joalheria em Santo André (SP). Tem 58 anos e é pai de Rafaela, 26 anos, e Ernesto, 23.

Lance: com o hino corintiano no celular

LANCE
NOME: ERNESTO LUIZ LANCE
NASCIMENTO: CASABRANCA (SP), 19/1/1949
POSIÇÃO: MEIA E ATACANTE
CLUBES: SÃO JOSÉ-SP (1967), AMÉRICA-SP (1968), SÃO CARLOS-SP (1969), FERROVIÁRIA (1969 A 1971), CORINTHIANS (1971 A 1977), SÃO BENTO-SP (1978), ATLÉTICO-PR (1978/79), CORITIBA (1979/80), SÃO JOSÉ-SP (1980/81) E SANTO ANDRÉ-SP (1981)
NO CORINTHIANS
TÍTULOS: PAULISTA (1977)
JOGOS: 211 (93 VITÓRIAS, 71 EMPATES, 47 DERROTAS); **GOLS:** 38
NO PAULISTA/77: 11 JOGOS (8 VITÓRIAS, 1 EMPATE, 2 DERROTAS), 1 GOL

©1 MANOEL MOTTA ©2 JOSÉ PINTO

ELES TAMBÉM FORAM CAMPEÕES

SOLITO

NOME: CLÁUDIO ROBERTO SOLITO

NASCIMENTO: SÃO PAULO (SP), 14/12/1956

POSIÇÃO: GOLEIRO

NO CORINTHIANS - 172J; **GOLS SOFRIDOS -** 154

Terceiro goleiro, não entrou em campo, mas sentou-se no banco no segundo jogo das finais. Ao encerrar a carreira, tornou-se dono de uma confecção.

BELINE

NOME: MARCOS ANTÔNIO DE OLIVEIRA

NASCIMENTO: RECIFE (PE), 21/9/1953

POSIÇÃO: LATERAL

NO CORINTHIANS - 9J; 0G; **NO PAULISTA 77 -** 2J, 0G

Reserva de Zé Maria na campanha do vice-campeonato brasileiro de 1976, no Paulista de 1977 ele jogou só as duas primeiras. Mora em Pernambuco.

GÓIS

NOME: CLÁUDIO GÓIS

NASCIMENTO: SÃO PAULO (SP), 9/4/1956

POSIÇÃO: LATERAL-DIREITO

NO CORINTHIANS - 4J; 0G **NO PAULISTA 77 -** 2J, 0G

Sucedeu Beline na condição de reserva de Zé Maria, que estava na seleção, e teve a mesma sorte (ou azar) de seu antecessor: apenas dois jogos.

CLÁUDIO MARQUES

NOME: EDEMIR CLÁUDIO MARQUES

NASCIMENTO: SANTOS (SP), 18/2/1950

POSIÇÃO: LATERAL-ESQUERDO E ZAGUEIRO

NO CORINTHIANS - 69J; 9G

Fazia parte do elenco no início da vitoriosa campanha, mas não chegou a entrar em campo. Voltou para o Coritiba e hoje é técnico.

GIVANILDO

NOME: GIVANILDO JOSÉ DE OLIVEIRA

NASCIMENTO: OLINDA (PE), 9/8/1948

POSIÇÃO: VOLANTE

NO CORINTHIANS - 52J; 2G **NO PAULISTA 77 -** 24J, 0G

Foi vice-campeão brasileiro em 1976 e chegou à seleção. Acabou voltando para o Santa Cruz no meio do segundo turno. Atualmente, é técnico de futebol.

RUBENS NICOLA

NOME: RUBENS NICOLA GAGLIARDI JÚNIOR

NASCIMENTO: SÃO PAULO (SP), 30/7/1955

POSIÇÃO: PONTA-DIREITA

NO CORINTHIANS - 7J; 0G **NO PAULISTA 77 -** 4J; 0G

Reserva imediato de Vaguinho, que dificilmente era expulso ou se machucava. Por isso, jogou pouco. Virou dono de restaurante em Cotia (SP).

ALVES

NOME: ANTÔNIO ALVES DA SILVA

NASCIMENTO: SÃO PAULO (SP), 19/4/1954

POSIÇÃO: PONTA-DIREITA

NO CORINTHIANS - 4J; 0G

Reserva de Rubens Nicola — que, por sua vez, era o reserva de Vaguinho —, não disputou nenhum jogo ao longo da campanha, mas estava no elenco.

JENILDO

NOME: JENILDO CEDRO CAVALCANTI

NASCIMENTO: MORENO (PE), 4/8/1957

POSIÇÃO: ATACANTE

NO CORINTHIANS - 19J; 1G **NO PAULISTA 77 -** 2J, 0G

Participou de um único jogo, entrando no lugar de Luciano durante a vitória por 3 x 0 sobre o Comercial. Técnico, treinou o União Barbarense em 2007.

EDU

NOME: JONAS EDUARDO AMÉRICO

NASCIMENTO: JAÚ (SP), 6/8/1949

POSIÇÃO: PONTA-ESQUERDA

NO CORINTHIANS - 40J; 5G **NO PAULISTA 77 -** 29J; 2G

Estava emprestado pelo Santos, mas o contrato acabou antes das finais com a Ponte. Aos 58 anos, é gerente de futebol no Sul-Mineiro, de Pouso Alegre (MG).

© LEMYR MARTINS

DUQUE (TÉCNICO)

NOME: DAVID FERREIRA

NASCIMENTO: BELO HORIZONTE (MG), 17/5/1926

NO CORINTHIANS : (1972 E 1976/77)

JOGOS: 113 (54 VITÓRIAS, 36 EMPATES, 23 DERROTAS)

NO PAULISTA/77: 13 JOGOS (5 VITÓRIAS, 4 EMPATES, 4 DERROTAS)

Já havia levado o Timão ao vice-campeonato brasileiro, em 1976. No Paulista, treinou o time até a 13ª rodada do primeiro turno. Caiu depois da derrota por 3 x 0 para o Guarani, na estréia de Palhinha.

A COMISSÃO TÉCNICA CAMPEÃ

AUXILIARES TÉCNICOS: João Avelino e Benê Ramoz

ADMINISTRADOR DE FUTEBOL: Renê de Toledo

MÉDICOS: Dr. Luiz Carlos Campos e Dr. Léo Vilarinho Albuquerque

PREPARADOR FÍSICO: Prof. José de Souza Teixeira

MASSAGISTA: Roberto Sanches (Roco)

ROUPEIRO: Miranda

Uma noite de loucuras

ASSIM QUE O JUIZ APITOU O FIM DO JOGO, A FESTA CORINTIANA TOMOU CONTA DO GRAMADO. E DAS RUAS

SERGIO SADE

LEMYR MARTINS

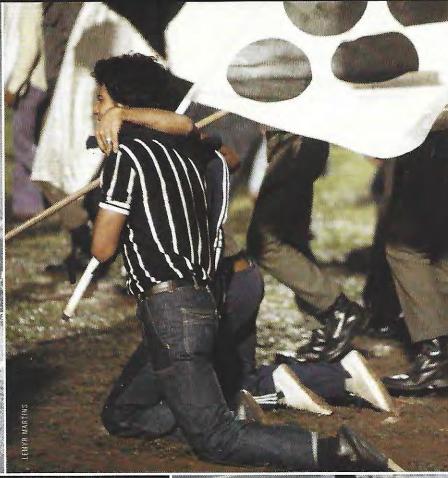
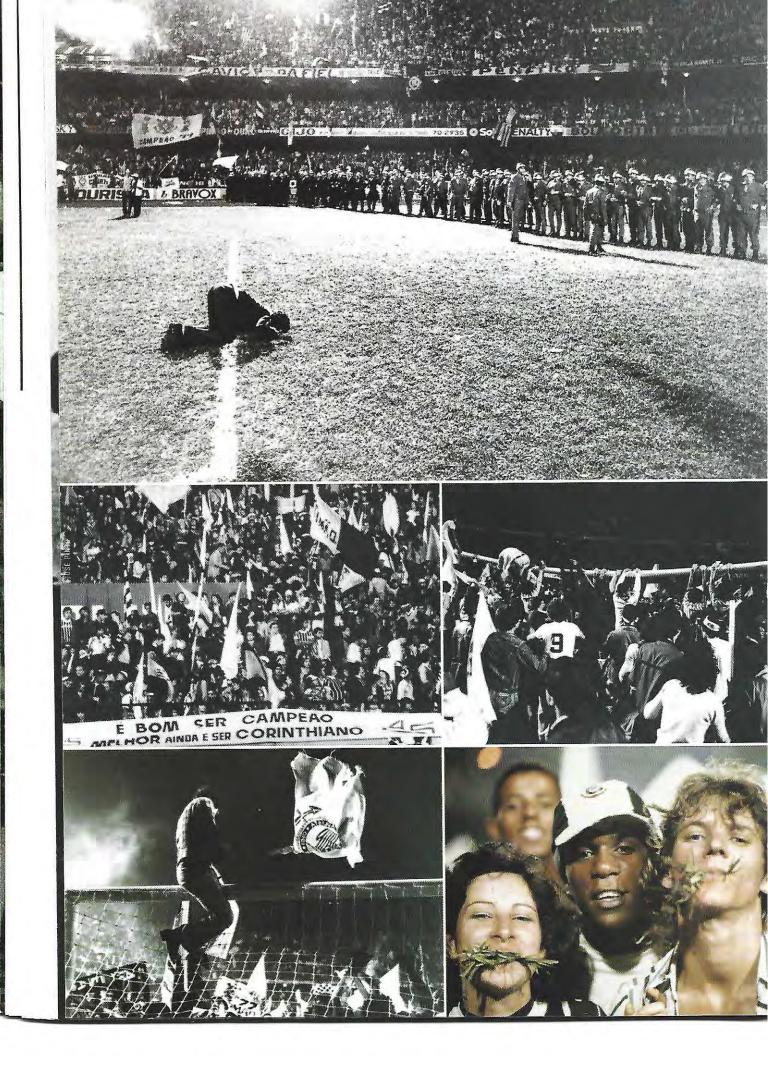
JOSÉ PINTO

FRED MARTINS

Corinthians

Em pé: Zé Maria, Tobias, Moisés, Ruço, Ademir e Wladimir.
Agachados: Vaguinho, Basílio, Geraldão, Luciano e Romeu

campeão paulista 1977

BRAVOX
E BOM SER CAMPEAO
MELHOR AINDA E SER CORINTHIANO

23 razões para festejar

NÃO FORAM 23 ANOS, COMO OS ADVERSÁRIOS ATÉ HOJE FAZEM QUESTÃO DE AUMENTAR. MAS FOI QUASE — MAIS PRECISAMENTE 22 ANOS, 8 MESES E SETE DIAS. ATÉ QUE O CORINTIANO PÔDE, ENFIM, EXERCER SEU SAGRADO DIREITO DE GRITAR "É CAMPEÃO". QUEM VIVEU GARANTE: VALEU A PENA ESPERAR TANTO TEMPO.

1954 - A ÚLTIMA CONQUISTA

No Oceano Pacífico, explode a primeira bomba de hidrogênio. Nos Estados Unidos, a baiana Martha Rocha deixa de ganhar o título de Miss Universo por causa de duas polegadas a mais nos quadris. Na Suíça, joga-se a quinta Copa do Mundo, vencida pela Alemanha Ocidental. No Rio, o presidente Getúlio Vargas suicida-se com um tiro no coração. E em São Paulo, é o ano do IV Centenário da fundação da cidade. O Corinthians — que em 1922 já havia faturado o título de campeão do primeiro centenário da Independência do Brasil — fica com mais aquele troféu histórico, garantido em fevereiro do ano seguinte, com um empate (1 x 1) diante do Palmeiras. "Por 100 anos serás o campeão", diz a música composta por Alfredo Borba para homenagear Gilmar, Cláudio, Luizinho, Baltazar e outros craques, campeões também do Rio-São e da Taça Charles Miller (derrotando São Paulo e Palmeiras) daquele ano. O técnico, Oswaldo Brandão, é o mesmo que em 1977 voltará para acabar com a longa espera.

© REPRODUÇÃO

Gilmar, Rafael, Goiano, Homero, Idário, Alan, Nonô, Roberto, Simão, Luizinho, Cláudio e Brandão: por mais de 20 anos, os últimos campeões

★ O CORINTHIANS EM 1954

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	26	18	6	2	55	25	CAMPEÃO
RIO-SÃO PAULO	9	7	0	2	17	11	CAMPEÃO

1955 - A FILA COMEÇA COM UM QUASE BI

NA TRAVE

Juscelino Kubitschek vence as eleições e é o novo presidente do Brasil. Morrem a cantora Carmen Miranda e o ator James Dean. Naquele 1955 (primeiro ano da fila corintiana), nada indica que o Timão terá de esperar tanto até fazer nova festa. Campeão do Torneio Internacional Charles Miller e do Torneio Início, o time briga pelo bi paulista até o fim. Na penúltima rodada, faz 3 x 2 no Santos, de virada, dentro da Vila. Na última, ganha do Palmeiras: 2 x 0. Mas o Santos, ainda sem Pelé, ganha seu último jogo (3 x 2 no Taubaté) e termina um ponto na frente.

Paulo marca, mas o Santos é campeão

O CORINTHIANS EM 1955

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	26	18	3	5	54	32	2º
RIO-SÃO PAULO	9	1	3	5	18	23	10º

1956 - AINDA NA BRIGA

QUASE LÁ

O acontecimento do ano é o casamento da atriz Grace Kelly com o príncipe Rainier III, de Mônaco. Em Budapeste, os húngaros se rebelam contra as tropas soviéticas. Nas Olimpíadas de Melbourne, na Austrália, o brasileiro Adhemar Ferreira da Silva torna-se bicampeão olímpico no salto triplo. E no futebol paulista o Corinthians, com a base campeã de 54, ainda faz bonito.

O CORINTHIANS EM 1956

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	35	23	8	4	95	50	3º

Conquista pela primeira vez a Taça dos Invictos, com 25 jogos sem derrotas, graças a um 2 x 2 com o São Paulo. E só é ultrapassado por Santos (campeão) e São Paulo (vice) nas duas últimas rodadas do Campeonato Paulista.

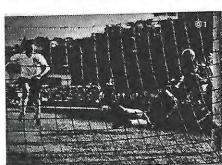
Cláudio, Luizinho, Rafael, Paulo e Zezé, o ataque que ganhou a Taça dos Invictos

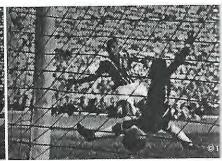
1957 - DE INVICTO A TERCEIRO COLOCADO

NA TRAVE

A União Soviética lança o satélite Sputinik. Surgem no Brasil os primeiros supermercados. E o Corinthians ganha novamente a Taça dos Invictos, agora em definitivo, com mais 35 jogos sem derrota. Na penúltima rodada o Timão perde a primeira: 1 x 0 para o Santos. Na última, contra o São Paulo, quem ganhasse seria campeão. Um empate provocaria um supercampeonato entre os dois e o Santos. Com a vitória tricolor (3 x 1), deu São Paulo campeão, Santos vice e Corinthians em terceiro.

O CORINTHIANS EM 1957

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	37	25	10	2	90	39	3º
RIO-SÃO PAULO	9	1	4	4	10	20	8º

Amauri, do São Paulo, aproveita uma bobeada da defesa e faz 1 x 0

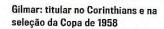
Canhoteiro amplia a vantagem tricolor no jogo decisivo: 2 x 0

Maurinho fecha o placar: São Paulo, campeão, 3 x 1 Corinthians

1958 - REFORMULAÇÃO SEM RESULTADOS

Morre o papa Pio XII, sucedido por João XXIII. Surgem a boneca Barbie, nos Estados Unidos, e a bossa nova, movimento musical brasileiro. A seleção campeã mundial pela primeira vez, na Copa da Suécia, tem dois corintianos: o goleiro titular, Gilmar, e o lateral-esquerdo reserva. Mas o saldo do Timão no ano é fraco, com apenas duas taças conquistadas em torneios amistosos: o Troféu Charles Miller e o Quadrangular de Brasília.

O CORINTHIANS EM 1958

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	38	24	8	6	93	50	3º
RIO-SÃO PAULO	9	4	3	2	14	11	3º

Gilmar: titular no Corinthians e na seleção da Copa de 1958

Oreco: campeão mundial na reserva de Nílton Santos

1959: sai Trindade, entra Matheus

1959 - TROCA NO PODER

O Fusca começa a ser fabricado no Brasil. A revolução comandada por Fidel Castro é vitoriosa em Cuba. No Parque São Jorge, também há troca no poder: sai Alfredo Ignácio Trindade, o presidente campeoníssimo na primeira metade dos anos 50, entram Vicente Matheus (presidente) e Wadih Helou (vice). Dentro de campo, a equipe termina o Paulista atrás, até, da Ferroviária de Araraquara.

O CORINTHIANS EM 1959

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	38	23	4	11	75	45	5º
RIO-SÃO PAULO	9	2	2	5	10	21	8º

1960 - À PROCURA DE UM PELÉ

Inventada a pílula anticoncepcional. Brasília é inaugurada. John Kennedy é eleito presidente nos Estados Unidos e o corintiano Jânio Quadros ganha as eleições no Brasil. Mas a maior preocupação do novo presidente do clube, Vicente Matheus, é encontrar para seu time um jogador como Pelé. O cartola não pensa duas vezes antes de pagar 8 milhões de cruzeiros (dizem que do próprio bolso) pelo atacante Almir, o Pernambuquinho. O "Pelé branco" dos corintianos dá sorte logo na estréia, um amistoso contra seu ex-time, o Vasco, em que marca um dos gols da vitória por 3 x 0. Mas logo desperta o ciúme do resto do elenco, e acaba vendido para o Boca Juniors, da Argentina.

Almir estreou bem, contra o Vasco de Bellini. Mas foi logo embora

O CORINTHIANS EM 1960

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	34	19	6	9	57	43	3º
RIO-SÃO PAULO	9	4	3	2	11	10	3º

1961 - RIR PARA NÃO CHORAR

Ergue-se o Muro de Berlim, separando as duas Alemanhas. Os Estados Unidos tentam invadir Cuba, mas fracassam. O soviético Yuri Gagarin torna-se o primeiro homem a viajar pelo espaço. Jânio Quadros renuncia à presidência do Brasil e João Goulart assume em seu lugar. No rádio, um bolero faz sucesso na voz da cantora Edith Veiga: "Faz-me rir o que andas dizendo, que te adoro e morro por ti..." O apelido ("Faz-Me Rir"), dado pelos rivais, cai como uma luva para o time do Corinthians que, nos onze primeiros jogos do Paulista, perde sete, empata dois e ganha apenas dois. Depois de 27 jogadores e dois técnicos (Alfredo Ramos e Martim Francisco), a equipe consegue pelo menos um honroso sexto lugar.

Uma das formações de 1961. Em pé: Aldo, Augusto, Oreco, Ari Clemente, Walmir e Gonçalves. Agachados: Espanhol, Adílson, Beirute, Rafael e Neves

★ O CORINTHIANS EM 1961

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	30	12	9	9	49	48	6º
RIO-SÃO PAULO	12	5	1	6	20	18	5º

O pai de Dinei: "Mil vezes melhor que Pelé", segundo o presidente

1962 - NEY É A ESPERANÇA

Fabricados os primeiros disquetes para computadores. Realizadas as primeiras operações com raios laser. Morre a atriz Marilyn Monroe. Astrólogos indianos e malaios anunciam o fim do mundo, que, no entanto, não acabou. Antes de a seleção brasileira ser bicampeã mundial no Chile, o novo presidente do clube, Wadih H[...] lou, protesta contra a não-convocação de corintianos: "[...] Ney é mil vezes melhor que o Pelé". Pai do futuro ídolo D[...] nei, Ney podia não ser tudo isso. Mas naquele ano form[...] uma dupla infernal com Silva, levando o Corinthians à co[...] quista da Taça São Paulo (um torneio eliminatório que e[...] volveu times das diversas divisões paulistas) e ao segund[...] lugar no Paulistão, atrás do Santos.

★ O CORINTHIANS EM 1962

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	30	18	7	5	77	37	2º
RIO-SÃO PAULO	3	1	1	1	4	6	6º

1963 - TRÊS TÉCNICOS E NENHUMA TAÇA

Morre o papa João XXIII, sucedido por Paulo VI. Em Dallas, nos Estados Unidos, é assassinado o presidente John Kennedy. No Brasil, um plebiscito define a volta do presidencialismo no lugar do parlamentarismo. O país finalmente consegue eleger uma Miss Universo: a gaúcha Yeda Maria Vargas. E o Corinthians bate seu recorde de técnicos em um mesmo ano, com Fleitas Solich, Rato e Del Debbio revezando-se no cargo. Tem jogadores promissores, como o ponta-direita Marcos, o atacante Ney e o zagueiro Eduardo. Mas não vai além do nono lugar no Paulista, dividido, ainda por cima, com o Botafogo de Ribeirão Preto e o XV de Piracicaba.

★ O CORINTHIANS EM 1963

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	30	10	9	11	50	47	9º
RIO-SÃO PAULO	9	6	0	3	15	9	2º

Marcos, Ney e Eduardo, em 1963

1964 - TERCEIRO COM LUTA ATÉ O FIM

A China anuncia a fabricação da bomba H. No Brasil, um golpe militar depõe o presidente João Goulart. O marechal Castello Branco assume o poder. A terceira colocação do Corinthians no Paulista, ao lado da Portuguesa, foi um resultado melhor do que parece: naquele ano, o time contava com craques como Luizinho, Silva e Flávio. Despediu-se das chances de título somente na penúltima rodada, com derrota de 7 x 4 para o Santos, e somente na última rodada foi ultrapassado pelo Palmeiras.

O CORINTHIANS EM 1964

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	30	16	8	6	50	34	3º
RIO-SÃO PAULO	9	3	2	4	12	14	7º

O time que parou no Santos de Pelé, em 1964. Em pé: Oreco, Augusto, Amaro, Clóvis, Eduardo e Heitor. Agachados: Ney, Luizinho, Silva, Flávio e Marcos

1965 - SURGE O REIZINHO DO PARQUE

Rivellino: ídolo pelos próximos dez anos

Morre, aos 90 anos, sir Winston Churchill, o primeiro-ministro da Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, surge a Jovem Guarda, estilo musical liderado por Roberto Carlos. Realiza-se na capital pernambucana o Pentagonal do Recife, torneio vencido pelo Corinthians. Mais que o troféu, a conquista valeu pela revelação que pela primeira vez entrava em campo e já marcando seus gols: Roberto Rivellino. No Paulistão, um terceiro lugar, a quatro pontos do Palmeiras, vice, e a oito do Santos, campeão. O Corinthians representa a seleção, vestindo sua camisa em um amistoso, em Londres, contra o Arsenal. Perde por 2 x 0.

O CORINTHIANS EM 1965

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	30	21	3	6	74	36	3º
RIO-SÃO PAULO	16	4	7	5	29	27	7º

1966 - ENFIM, UM TÍTULO

Nos Estados Unidos, a população sai às ruas para protestar contra a Guerra do Vietnã. No Brasil, o marechal Arthur da Costa e Silva assume a presidência no lugar de Castello Branco. No Corinthians, o apelido "Timão" surge graças aos reforços contratados para, enfim, ser campeão: Ditão, Nair e Garrincha, aos 32 anos e com problemas no joelho. Com ele, o Corinthians é campeão do Rio-São Paulo (dividindo o título com Botafogo, Santos e Vasco) e vice no Paulista.

O CORINTHIANS EM 1966

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	28	17	5	6	57	33	2º
RIO-SÃO PAULO	9	5	1	3	15	15	CAMPEÃO

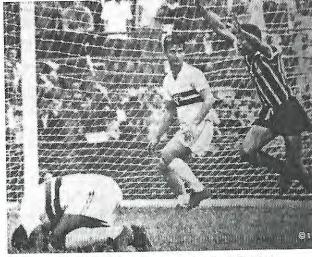
Garrincha, no Corinthians, encara a marcação são-paulina em 1966

1967 - CORAÇÃO CORINTIANO

PASSOU LONGE

Che Guevara é morto na Bolívia. Na África do Sul, o doutor Christian Barnaard realiza o primeiro transplante de coração, que no Brasil inspira a marchinha de Carnaval: "Doutor, eu não me engano, o coração é corintiano..." Como consolos, sobraram a conquista do Torneio Otávio Lage e o gol de Benê no empate por 1 x 1 no último minuto contra o São Paulo, que impediu o Tricolor de sair da fila de dez anos sem títulos.

O CORINTHIANS EM 1967

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	26	15	7	4	54	25	3º
ROBERTÃO	20	11	5	4	34	24	3º

Gol de Benê no último minuto ajuda a tirar o título do São Paulo

Em pé: Osvaldo Cunha, Édson, Luís Carlos, Diogo, Ditão e Maciel. Agachados: Buião, Paulo Borges, Flávio, Rivellino e Eduardo. Fim do tabu

1968 - ADEUS, TABU

QUASE LÁ

Estudantes protestam nas ruas de todo o mundo. No Brasil, o governo baixa o Ato Institucional número 5 (AI-5). Depois de onze anos, o Timão volta a vencer o Santos em um jogo do Pa lista. Foi 2 x 0, na noite de 6 de março. Chega ao vice-ca peonato, atrás do próprio Santos, porém a uma enorr distância de onze pontos, jamais registrada antes.

O CORINTHIANS EM 1968

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	26	14	6	6	46	28	2º
ROBERTÃO	16	10	0	6	23	20	5º

1969 - LUTO POR LIDU E EDUARDO

PASSOU LONGE

O homem chega à Lua, pelos passos do americano Neil Armstrong. Centenas de milhares de jovens participam do festival de rock de Woodstock, em Nova York. Morto o marechal Costa e Silva, assume o poder no Brasil o general Emílio Garrastazu Medici. Até o final do ano, Pelé marcaria seu milésimo gol, jogando pelo Santos contra o Vasco. Para o Corinthians, tudo caminhava bem naquele 1969: o time lidera o Paulistão e, depois de muitos anos, havia vencido na seqüê cia Santos, Palmeiras, São Paulo e Portuguesa. Até que o la ral Lidu e o ponta-esquerda Eduardo morrem em um acide te automobilístico nas proximidades do Parque São Jor Abalada, a equipe ainda consegue ganhar o Torneio Costa Sol, na Espanha, e o Apolo V, nos Estados Unidos. Mas de escapar o título paulista. E também o brasileiro, com uma d rota por 2 x 1 para o Cruzeiro, no Mineirão, quando a vitó teria bastado para assegurar a conquista nacional.

A tarja preta na camisa corintiana, pela perda dos dois jogadores

O CORINTHIANS EM 1969

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	28	16	4	8	54	29	4º
ROBERTÃO	20	11	6	3	32	16	3º

Ado x Toninho Guerreiro, no jogo das faixas de 70

1970 - SOZINHO NA FILA

Morrem de overdose os músicos Jimi Hendrix, na Inglaterra, e Janis Joplin, nos Estados Unidos. Os Beatles se separam. Da seleção brasileira tricampeã no México, dois jogadores são corintianos: Rivellino, titular, e Ado, goleiro reserva. O São Paulo é campeão paulista depois de 12 anos. Pior: no jogo das faixas, o campeão ainda vence o Timão por 1 x 0. Na última edição do Robertão, a participação corintiana é medíocre.

O CORINTHIANS EM 1970

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	18	6	8	4	22	13	5º
ROBERTÃO	16	5	6	5	17	16	9º

1971 - O JOGO QUE VALEU PELO ANO

Começa a Era de Aquário, aquela preconizada pelos hippies. Morrem a estilista Coco Chanel, o compositor Igor Stravinski e o jazzman Louis Armstrong. Carlos Lamarca, um dos mais ferozes opositores do regime militar, é morto pelas forças de repressão do governo Médici no interior da Bahia. O general-presidente, aliás, também empresta seu nome à taça do Torneio do Povo, disputada por Flamengo, Atlético-MG, Inter e que, naquele ano, é conquistada pelo Timão. Mas o jogo de 1971 que o corintiano jamais vai esquecer foi pelo Campeonato Paulista, em que a equipe ficou apenas em terceiro. Uma virada de 4 x 3 sobre o Palmeiras, depois de o time estar perdendo por 2 x 0 e por 3 x 2. Naquele Paulista, apenas um terceiro lugar. No Brasileiro, o time fica em quarto.

Mirandinha nos históricos 4 x 3

O CORINTHIANS EM 1971

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	22	10	8	4	36	21	3º
BRASILEIRO	25	12	7	6	33	21	4º

1972 - ALEGRIA, SÓ NO BRASILEIRO

Nos Jogos Olímpicos de Munique, terroristas árabes matam integrantes da delegação israelense. A TV em cores chega ao Brasil. Emerson Fittipaldi torna-se o primeiro brasileiro campeão de Fórmula 1. É ano do sesquicentenário da Independência do Brasil, mas enganou-se quem, como Placar, esperava que o Corinthians, campeão do centenário da Indepenência do Brasil, em 1922, e do IV Centenário de São Paulo, em 1954, repetisse o feito. No Brasileiro, o time pelo menos chega às semifinais dois jogos depois de um heróico 1 x 0 sobre o Ceará, no Pacaembu, com gol de Sicupira no último minuto.

Na capa da Placar, o destino do Corinthians

O CORINTHIANS EM 1972

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	22	10	8	4	28	10	4º
BRASILEIRO	29	12	12	5	31	26	4º

©1 REPRODUÇÃO ©2 AGÊNCIA ESTADO ©3 LEMYR MARTINS

1973 - PELÉ AINDA ASSUSTA

Morre o pintor espanhol Pablo Picasso. No Chile, um golpe militar depõe o presidente eleito, Salvador Allende. Para os corintianos, o ano começa bem, com a conquista do Torneio Laudo Natel. Mas segue mal, com Pelé marcando duas vezes em um 3 x 0 para o Santos, pelo primeiro turno.

Santos 3 x 0 Timão, com dois de Pelé

O CORINTHIANS EM 1973

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	22	10	8	4	29	15	4º
BRASILEIRO	37	13	15	9	37	30	12º

1974 - NÃO FALTOU TORCIDA

Abalado pelo escândalo de espionagem que ficou conhecido como Watergate, o presidente americano Richard Nixon é obrigado a renunciar. Em Portugal, cai a ditadura salazarista, com a vitória da Revolução dos Cravos. No Brasil, o general Ernesto Geisel sucede o general Emílio Medici na presidência da República. A Seleção Brasileira volta da Copa do Mundo disputada na Alemanha apenas com o quarto lugar.

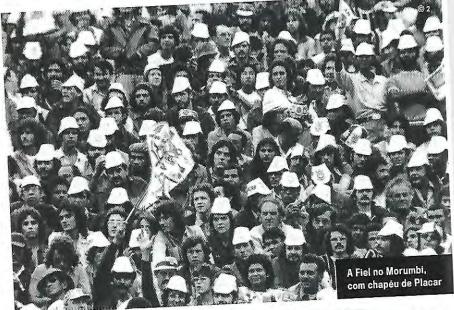
Se alguma vez antes de 1977 o Corinthians esteve perto de acabar com o incômodo jejum que o perseguia, isso aconteceu em 1974. Campeão do primeiro turno do Paulista, o Timão garantiu automaticamente a presença na decisão do estadual, contra o vencedor do segundo turno, depois de 16 anos sem disputar uma final direta (na última oportunidade, aquela contra o São Paulo, em 1957, perdeu por 3 x 1).

Naquele dia 22 de dezembro, o rival era o Palmeiras, e Placar distribuiu mais de 100 mil viseiras de cartolina preta e branca contra 20 mil alviverdes. No primeiro jogo, na quarta-feira, no Pacaembu, os dois times haviam empatado por 1 x 1, com dois gols marcados logo nos primeiros minutos de jogo, por Edu, para o Palmeiras, e Lance, empatando para o Corinthians. Na segunda partida, o time corintiano mais uma vez decepcionou: deu Palmeiras, 1 x 0, gol de Ronaldo. Aquele foi o último jogo de Rivellino com a camisa alvinegra. Bode-expiatório daquela derrota marcante, ele foi vendido ao Fluminense.

A Fiel no Morumbi, com chapéu de Placar

Quase heróis em 1974. Em pé: Zé Maria, Butice, Tião, Brito, Ademir e Wladimir. Agachados: Vaguinho, Lance, Zé Roberto, Rivellino e Adãozinho

O CORINTHIANS EM 1974

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	28	13	6	9	29	23	2º
BRASILEIRO	24	8	10	6	29	21	15º

1975 - INÚTIL MILAGRE

Termina a Guerra do Vietnã. Na Espanha, com a morte do ditador Francisco Franco, o rei Juan Carlos assume o poder. O jornalista Vladimir Herzog é morto nas dependências do DOI-CODI, órgão de repressão do regime militar, em São Paulo. Depois de mais uma pequena conquista (a Copa São Paulo, quadrangular promovido pelo São Paulo no dia de seu aniversário), só um milagre colocaria o Corinthians na fase final do Paulista de 1975, em que seis times disputariam o título. Era preciso vencer o Marília e torcer para a Ferroviária não vencer o Santos, o Guarani não vencer o Botafogo, em Ribeirão, e o Juventus não golear o São Bento. Por incrível que pareça, tudo isso aconteceu — daí a alegria de Zé Roberto, Marco Antônio e Pita, festejando um dos gols nos 2 x 0 sobre o MAC. Mas depois disso o time mais uma vez fracassou. No Campeonato Brasileiro, a fraca campanha também não deixou saudade.

Festa de Zé Roberto, Marco Antônio e Pita: Corinthians classificado

O CORINTHIANS EM 1975

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	33	17	9	7	49	30	5º
BRASILEIRO	27	13	9	5	29	17	6º

1976 - ENSAIO PARA A GRANDE FESTA

Olimpíadas em Montreal, no Canadá. Golpes militares na Argentina, no Equador e no Uruguai. No Brasil, morrem os ex-presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart. Em 1976, ainda não era a hora de comemorar no Campeonato Paulista, em que o Timão até faz uma boa campanha no primeiro turno. Mas no segundo, aquele que realmente decidia o título, fica apenas em 11º entre 12 times. O campeão, mais uma vez, é o rival Palmeiras. No Brasileiro, o Corinthians faz sua melhor campanha até então, chegando às semifinais. A Fiel promove a maior invasão da história do futebol mundial, quando mais de 70 mil corintianos dividem o Maracanã com a torcida do Fluminense debaixo de muita chuva, para assistir ao empate no tempo normal (1 x 1, com direito a gol de meia-bicicleta de Ruço) e à vitória (4 x 1) nos pênaltis. Zé Maria cobrou o último e o goleiro Tobias, ao defender as cobranças de Carlos Alberto Torres e de Doval, transformou-se no grande herói. Na decisão, em Porto Alegre, no domingo seguinte, mais 12 mil fiéis dizem presente no Beira-Rio, para assistir ao último jogo, contra o Inter de Manga, Figueroa, Falcão, Batista, Valdomiro, Dadá Maravilha, Lula... O time até que joga bem, chega a chutar algumas bolas na trave do poderoso adversário, mas acaba caindo por 2 x 0. No segundo gol, em que a bola chutada por Valdomiro em cobrança de falta bateu no travessão e um pouco além da linha, só o bandeirinha, acertadamente, viu que ela entrou. Aquela taça ficou com o Colorado (aliás, bicampeão nacional). Mas estava plantada, ali, a semente para a grande redenção, que aconteceria no Paulista do ano seguinte.

Em 1976, a Fiel toma o Maracanã

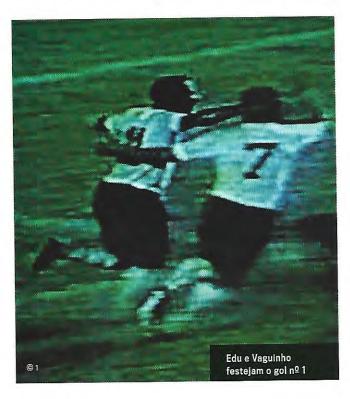
O CORINTHIANS EM 1976

COMPETIÇÃO	J	V	E	D	GP	GC	COLOCAÇÃO
PAULISTA	28	13	6	9	36	22	11º
BRASILEIRO	23	13	5	5	31	18	2º

O caminho da consagração

O PAULISTA DE 1977 FOI UMA VERDADEIRA MARATONA DE 48 JOGOS DISPUTADOS EM MAIS DE OITO MESES E VENCIDA PELO CORINTHIANS: 30 VITÓRIAS, 6 EMPATES, 12 DERROTAS, 73 GOLS MARCADOS E 38 SOFRIDOS. AQUI, VOCÊ REVIVE TODOS OS DETALHES DAQUELA CAMPANHA INESQUECÍVEL.

©1

Edu e Vaguinho festejam o gol nº 1

O primeiro passo

"Toda grande caminhada começa com um primeiro passo", já dizia o velho provérbio chinês. No caso do esperado título corintiano de 1977, esse passo veio logo no primeiro jogo, na vitória sobre a Portuguesa Santista. Edu, ex-carrasco dos tempos do Santos de Pelé, abriu a contagem cobrando pênalti sofrido por Geraldão. Quem completou foi o predestinado Basílio, vestindo naquela noite uma estranhíssima camisa com o número 4 às costas.

QUARTA-FEIRA, 9/FEVEREIRO/1977 (NOITE)

CORINTHIANS 2 X 0 PORT. SANTISTA

E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP); **J:** José de Assis Aragão; **R:** Cr$ 632 715,00; **P:** 30 536

CORINTHIANS: Tobias, Beline, Moisés, Zé Eduardo e Cláudio Mineiro; Basílio, Luciano e Romeu; Vaguinho, Geraldão e Edu. **T:** Duque

PORT. SANTISTA: Maurinho, Tuca, Lazinho, Zé Morais e Carpinelli; Juvenil, Miguel e De Rosis; Gílson, Clayton e Veiguinha. **T:** Gibe

G: Edu (pênalti) 35 do 1º; Basílio 39 do 2º

DOMINGO, 13/FEVEREIRO/1977 (TARDE)

PONTE PRETA 4 X 0 CORINTHIANS

E: Moisés Lucarelli (Majestoso), Campinas (SP); **J:** Romualdo Arppi Filho; **R:** Cr$ 443 560,00; **P:** 21 962

CORINTHIANS: Tobias, Beline (Góis), Moisés, Ademir (Darcy) e Cláudio Mineiro; Ruço, Basílio e Luciano; Vaguinho, Geraldão e Edu. **T:** Duque

PONTE PRETA: Carlos, Jair, Oscar, Polozzi e Odirlei; Vanderlei, Marco Aurélio e Dicá; Lúcio (Wilsinho), Rui Rei (Parraga) e Tuta. **T:** José Duarte

G: Rui Rei 20 e Dicá (pênalti) 24 do 1º; Jair 23 e Parraga 40 do 2º

QUARTA-FEIRA, 16/FEVEREIRO/1977 (NOITE)

CORINTHIANS 3 X 0 COMERCIAL-RP

E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP); **J:** Dulcídio Wanderley Boschillia; **R:** Cr$ 449 160,00; **P:** 21 670

CORINTHIANS: Tobias, Darcy, Moisés, Ademir e Cláudio Mineiro; Ruço, Basílio (Góis) e Luciano (Jenildo); Edu, Geraldão e Romeu. **T:** Duque

COMERCIAL-RP: Lula, Laudemir, Leonardo, Gonçalves e Cláudio; Tim, Quina (Vânder) e Sérgio Alonso; Zuza, Ziquita e Bernardo (Jáder). **T:** Aparício

G: Romeu 36 e Geraldão 45 do 1º; Geraldão 37 do 2º

SÁBADO, 19/FEVEREIRO/1977 (TARDE)

PAULISTA 0 X 2 CORINTHIANS

E: Jaime Cintra (Jundiaí (SP); **J:** Édson Massa; **R:** Cr$ 367 100,00; **P:** 17 942

CORINTHIANS: Tobias, Darcy (Ademir), Moisés, Zé Eduardo e Cláudio Mineiro; Ruço, Basílio e Luciano; Edu, Geraldão e Romeu. **T:** Duque

PAULISTA: Édson, Cícero, Marcos (Domingos), Djalma Santos e Lázaro; Fernando, Mosca e Vágner; Lula, Brainer (Adílson) e Brinda. **T:** Roberto Belangero

G: Ruço 18 e Edu 23 do 1º; **E:** Zé Eduardo e Brinda

QUINTA-FEIRA, 24/FEVEREIRO/1977 (NOITE)

FERROVIÁRIA 0 X 0 CORINTHIANS

E: Adhemar de Barros (Fonte Luminosa), Araraquara (SP); **J:** Almir Ricci Peixoto Laguna; **R:** Cr$ 200 070,00; **P:** 10 119

CORINTHIANS: Tobias, Darcy, Moisés, Ademir e Cláudio Mineiro; Ruço, Basílio e Luciano (Vaguinho); Edu, Geraldão e Romeu. **T:** Duque

FERROVIÁRIA: Sérgio, Tinteiro, Mauro, Sérgio Miranda e Carlos; Romero, Wilson Carrasco e Zé Rubens; Marcos, Luisão e Tatinho. **T:** Vail Mota

DOMINGO, 27/FEVEREIRO/1977 (TARDE)

MARÍLIA 0 X 2 CORINTHIANS

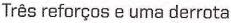
E: Bento de Abreu Vidal (Marília (SP); **J:** Roberto Nunes Morgado; **R:** Cr$ 309 560,00; **P:** 11 272

CORINTHIANS: Tobias, Darcy (Zé Eduardo), Moisés, Ademir e Cláudio Mineiro; Ruço, Basílio (Vaguinho) e Luciano; Edu, Geraldão e Romeu. **T:** Duque

MARÍLIA: Gaúcho, Vanderlei, Mariani, Ademir e Altair; Nedo, Alcir (Robertinho) e Mojica; Itamar, Cunha (Sabino) e Abel. **T:** Puppo Gimenez

G: Geraldão 6 do 1º; Romeu 27 do 2º

Festa da Fiel para Wladimir e Givanildo

Três reforços e uma derrota

Wladimir e Givanildo voltavam à equipe depois de serem cortados da seleção brasileira durante a disputa das Eliminatórias para a Copa da Argentina, que seria disputada no ano seguinte. Naquela mesma noite, Palhinha, trazido do Cruzeiro, e que havia chegado de Minas durante o dia, ainda deu uma volta olímpica de apresentação à Fiel. Mas, em campo, o time decepcionou uma vez mais diante de sua velha asa-negra, o Juventus.

QUARTA-FEIRA, 2/MARÇO/1977 (NOITE)

CORINTHIANS 0 X 1 JUVENTUS

E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP); **J:** Dulcídio Wanderley Boschillia; **R:** Cr$ 1 120 840,00; **P:** 49 752

CORINTHIANS: Tobias, Darcy, Moisés, Ademir e Wladimir; Givanildo, Ruço e Luciano; Edu (Vaguinho), Geraldão e Romeu. **T:** Duque

JUVENTUS: Armando Fracali, João Carlos, Carlos, Polaco e Deodoro; Tião, Serginho e Elói; Xaxá, Tatá (Tadeu) e Wilsinho. **T:** Míllton Buzetto

G: Tatá 36 do 1º

DOMINGO, 6/MARÇO/1977 (TARDE)
BOTAFOGO-SP 2 X 2 CORINTHIANS
E: Santa Cruz (Ribeirão Preto (SP); **J:** Oscar Scolfaro; R: Cr$ 587 460,00; **P:** 33 088
CORINTHIANS: Tobias, Darcy, Moisés, Ademir e Wladimir; Givanildo, Luciano (Edu) e Basílio; Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Duque
BOTAFOGO-SP: Leoneti, Wilson Campos, Nei, Manuel e Mineiro; Mário (Osmarzinho), Lorico e João Carlos Motoca; Zé Mário, Sócrates (João Carlos Traina) e Arlindo. **T:** Jorge Vieira
G: Basílio 29, Sócrates 30 e Zé Mário 33 do 1º; Vaguinho 17 do 2º

QUINTA-FEIRA, 10/MARÇO/1977 (NOITE)
CORINTHIANS 2 X 0 PORTUGUESA
E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP);
J: Roberto Nunes Morgado; **R:** Cr$ 954 880,00; **P:** 40 852
CORINTHIANS: Tobias, Darcy (Ademir), Moisés, Zé Eduardo e Wladimir; Givanildo, Ruço e Basílio (Romeu); Vaguinho, Geraldão e Edu. **T:** Duque
PORTUGUESA: Moacir, Marinho, Mendes, Isidoro e Bolívar; Badeco, Enéas e Alexandre Bueno; Antônio Carlos, Eudes e Valtinho (Esquerdinha). **T:** Oto Vieira
G: Geraldão 4 do 1º; Ruço 34 do 2º

DOMINGO, 13/MARÇO/1977 (TARDE)
NOROESTE 1 X 0 CORINTHIANS
E: Alfredo de Castilho (Bauru (SP); **J:** Romualdo Arppi Filho;
R: Cr$ 407 430,00; **P:** 18 136
CORINTHIANS: Tobias, Darcy, Moisés, Zé Eduardo e Wladimir; Givanildo, Ruço e Luciano (Lance); Vaguinho, Geraldão e Edu. **T:** Duque
NOROESTE: Luís Carlos, Élcio, Didi, Araújo e Maurício; Zé Carlos, Nivaldo e Carlos Roberto (Valfrido); Manuel Maria, Nélson Borges e Rodrigues. **T:** Wilson Francisco Alves
G: Manuel Maria 44 do 1º

DOMINGO, 20/MARÇO/1977 (MANHÃ)
SANTOS 1 X 1 CORINTHIANS
E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP);
J: Romualdo Arppi Filho; **R:** Cr$ 3 203 260,00; **P:** 116 881
CORINTHIANS: Tobias, Darcy, Moisés, Ademir e Wladimir; Givanildo, Ruço (Luciano) e Basílio; Vaguinho, Geraldão e Edu (Romeu). **T:** Duque
SANTOS: Ricardo, Leo, Aílton Silva, Neto e Fernando; Carlos Roberto, Aílton Lira e Toinzinho; Nílton Batata, Reinaldo (Babá) e Rodrigues (Totonho). **T:** Urubatão
G: Vaguinho 3 e Aílton Lira 5 do 2º

QUARTA-FEIRA, 23/MARÇO/1977 (NOITE)
SÃO BENTO 0 X 0 CORINTHIANS
E: Umberto Reali (Sorocaba (SP); **J:** Roberto Nunes Morgado; **R:** Cr$ 271 050,00; **P:** 13 448
CORINTHIANS: Tobias, Darcy, Moisés, Ademir e Wladimir; Givanildo (Luciano), Ruço e Basílio; Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Duque
SÃO BENTO: João Marcos, Toninho, Clodoaldo, Tutu e Nelsinho; Serelepe, Gatãozinho e Carlinhos; Valmir (Tulica), Titica e Sérgio Ramos. **T:** Marcos Pavlovsky

Palhinha estréia de manhã: Guarani 3 x 0

Entra o craque, sai o técnico
O jogo começou às 11 da manhã de um domingão. Mesmo assim, mais de 60 mil fiéis foram ao Morumbi ver o craque Palhinha, o homem de 7 milhões de cruzeiros, estrear com derrota diante do Guarani. Renato marcou dois e Zenon um, contando com a colaboração do goleiro Tobias. O resultado custou a cabeça do técnico Duque, substituído por Oswaldo Brandão, que, por sua vez, havia perdido seu lugar na seleção brasileira para Cláudio Coutinho.

DOMINGO, 27/MARÇO/1977 (MANHÃ)
CORINTHIANS 0 X 3 GUARANI
E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP); **J:** Almir Ricci Peixoto Laguna; **R:** Cr$ 1 650 100,00; **P:** 60 034
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Darcy, Ademir e Wladimir; Givanildo, Ruço (Geraldão) e Basílio; Vaguinho, Palhinha (Luciano) e Edu. **T:** Duque
GUARANI: Neneca, Miranda (Mauro), Gilberto, Amaral e Cuca; Flamarion, Renato e Zenon; André (Brecha), Campos e Valdez. **T:** Paulo Emílio
G: Renato 5 do 1º; Renato 13 e Zenon 29 do 2º

Palhinha na primeira vitória sobre o São Paulo

©2

Reação na hora certa

Pelo Campeonato Paulista, o time já não ganhava havia quatro jogos e mais de um mês. Além disso, vinha de duas derrotas, para El Nacional e Deportivo Cuenca, do Equador, que causariam a eliminação da Libertadores na primeira participação da história do clube ainda na primeira fase. O time voltou ao Brasil abatido e cansado, e por isso a torcida, desconfiada, não compareceu (40 000 pessoas em um clássico era um público irrisório para os padrões daquele ano). Mas contra o São Paulo — o maior freguês de 1977, derrotado quatro vezes nos quatro jogos do Paulista e mais uma no Brasileiro —, surpresa: deu Timão, com gol de Geraldão e um partidaço de Palhinha.

DOMINGO, 17/ABRIL/1977 (TARDE)

SÃO PAULO 0 X 1 CORINTHIANS

E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP); **J:** José de Assis Aragão; **R:** Cr$ 1 025 929,00; **P:** 40 429
CORINTHIANS: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo (Darcy) e Cláudio Mineiro; Givanildo, Basílio (Lance) e Palhinha; Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
SÃO PAULO: Waldir Peres, Gilberto, Paranhos, Arlindo e Bezerra; Chicão, Teodoro e Frasão (Marcos); Terto, Serginho e Zé Sérgio. **T:** Rubens Minelli
G: Geraldão 25 do 1º

QUARTA-FEIRA, 20/ABRIL/1977 (NOITE)

CORINTHIANS 3 X 1 XV DE PIRACICABA

E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP); **J:** Roberto Nunes Morgado; **R:** Cr$ 232 220,00; **P:** 9 158
CORINTHIANS: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Cláudio Mineiro; Givanildo, Luciano (Edu) e Palhinha; Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** José Teixeira (substituindo Oswaldo Brandão, adoentado)
XV DE PIRACICABA: Getúlio, Volmir, Fernando, Ivã e Almeida; Múri, Pitanga e Perrela; Capitão, Armando e Delém. **T:** Norberto Lopes
G: Geraldão 14 do 1º; Armando 2, Palhinha 28 e Geraldão 37 do 2º

QUARTA-FEIRA, 27/ABRIL/1977 (NOITE)

CORINTHIANS 3 X 0 AMÉRICA-SP

E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP); **J:** José Luís Guidotti; **R:** Cr$ 362 690,00; **P:** 17 437
CORINTHIANS: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Cláudio Mineiro; Givanildo, Palhinha e Romeu; Vaguinho, Geraldão (Lance) e Edu (Luciano). **T:** Oswaldo Brandão
AMÉRICA-SP: Luís Antônio, Paulinho, Dobreu, Jair e Cleto; Nélson Prandi, Arlem e Baiano; Cacau, Luís Fernando e Cândido. **T:** Dicão
G: Palhinha 28, Luciano (pênalti) 32 e Lance 40 do 2º

DOMINGO, 8/MAIO/1977 (TARDE)

CORINTHIANS 0 X 0 PALMEIRAS

E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP); **J:** Dulcídio Wanderley Boschillia; **R:** Cr$ 2 485 910,00; **P:** 91 795
CORINTHIANS: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Cláudio Mineiro; Givanildo, Palhinha e Luciano; Vaguinho (Edu), Lance (Geraldão) e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
PALMEIRAS: Leão, Rosemiro, Arouca, Beto Fuscão e Ricardo (Jair Gonçalves); Ivo, Vasconcelos e Ademir da Guia; Edu, Jorge Mendonça (Toninho) e Nei. **T:** Dudu

QUARTA-FEIRA, 11/MAIO/1977 (NOITE)

CORINTHIANS 4 X 0 XV DE JAÚ

E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP); **J:** Márcio Campos Sales; **R:** Cr$ 316 970,00; **P:** 15 641
CORINTHIANS: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Cláudio Mineiro; Givanildo, Palhinha e Luciano; Vaguinho, Lance (Geraldão) e Romeu (Edu). **T:** Oswaldo Brandão
XV DE JAÚ: Valentim, Ivo (Ademir), Estêvão, Marco Antônio e Caíca; Luís Dario, Baiano e Fernando Pirulito; Luís Poiani (Valdomiro), Sabará e Antônio Carlos. **T:** Cilinho
G: Luciano 10 do 1º; Geraldão 11, Palhinha 20 e Palhinha 45 do 2º

1º TURNO - CLASSIFICAÇÃO FINAL

GRUPO A	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
PALMEIRAS	31	18	12	5	1	33	13	20
PONTE PRETA	24	18	6	8	4	31	21	10
FERROVIÁRIA	14	18	5	4	9	10	19	-9
SÃO BENTO	14	18	4	6	8	12	22	-10
PORT. SANTISTA	14	18	3	8	7	12	23	-11

1º TURNO - CLASSIFICAÇÃO FINAL

GRUPO B	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
BOTAFOGO	32	18	11	6	1	30	9	21
CORINTHIANS	26	18	9	5	4	25	13	12
XV DE PIRACICABA	23	18	7	8	3	18	13	5
JUVENTUS	19	18	5	7	6	25	23	2
XV DE JAÚ	12	18	5	1	12	12	25	-13

1º TURNO - CLASSIFICAÇÃO FINAL

GRUPO C	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
SÃO PAULO	27	18	10	5	3	30	15	15
PORTUGUESA	17	18	4	7	7	20	22	-2
NOROESTE	16	18	6	4	8	20	26	-6
MARÍLIA	12	18	3	6	9	14	26	-12
COMERCIAL	10	18	3	4	11	14	32	-18

1º TURNO - CLASSIFICAÇÃO FINAL

GRUPO D	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
GUARANI	23	18	8	5	5	22	16	6
SANTOS	21	18	7	6	5	20	18	2
AMÉRICA	18	18	7	3	8	17	23	-6
PAULISTA	15	18	3	8	7	13	19	-6

SEMIFINAIS - 1º TURNO

14/MAIO/1977 BOTAFOGO 0 X 0 GUARANI
15/MAIO/1977 PALMEIRAS 1 X 3 SÃO PAULO

FINAL - 1º TURNO

18/MAIO/1977 SÃO PAULO 0 X 0 BOTAFOGO
(BOTAFOGO CAMPEÃO DO 1º TURNO, TAÇA CIDADE DE SÃO PAULO)

2º TURNO

DOMINGO, 22/MAIO/1977 (TARDE)

CORINTHIANS 2 X 0 SÃO BENTO

E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP);
J: Oscar Scolfaro; **R:** Cr$ 880 630,00; **P:** 40 241
CORINTHIANS: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Cláudio Mineiro; Givanildo, Palhinha e Luciano (Ruço); Vaguinho, Geraldão e Romeu (Edu). **T:** Oswaldo Brandão
SÃO BENTO: João Marcos, Carlos Alberto, Clodoaldo, Batata e Nelsinho; Arlindo, Altimar e Serelepe; Toninho, Titica e Gatãozinho (Sérgio Ramos). **T:** Marcos Pavlovsky
G: Ruço 20 e Palhinha 37 do 2º

QUARTA-FEIRA, 25/MAIO/1977 (NOITE)

CORINTHIANS 5 X 1 NOROESTE

E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP);
J: Dulcídio Wanderley Boschillia; **R:** Cr$ 806 520,00; **P:** 36 720
CORINTHIANS: Jairo, Zé Maria, Moisés (Wladimir), Zé Eduardo e Cláudio Mineiro; Givanildo, Palhinha e Luciano (Ruço); Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
NOROESTE: Ademir, Aluísio, Moacir, Araújo e Albérico; Nélson Borges, Nivaldo e Carbono (João Carlos II); Carlos Roberto, João Carlos I e Rodrigues. **T:** Wilson Francisco Alves
G: Geraldão 11, João Carlos I 17 e Luciano 30 do 1º; Geraldão 5, Palhinha 35 e Geraldão 37 do 2º; **E:** João Carlos I

Goleada no clássico

Nada como uma goleada em um clássico para o time pegar moral. Principalmente quando ela acontece em cima do adversário que mais incomodou a maior parte dos 22 anos de espera pela taça. Luciano abriu o placar, Geraldão e Romeu ampliaram e Palhinha fechou esses 4 x 0 em cima do Santos com um gol de voleio. Nas arquibancadas, a galera, feliz, festejava a chegada dos novos tempos gritando: "Ô, ô, ô, o Santos acabou!/ É, é, é, viúva do Pelé!"

Palhinha marcou o quarto gol

DOMINGO, 29/MAIO/1977 (TARDE)

CORINTHIANS 4 X 0 SANTOS

E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP);
J: Roberto Nunes Morgado; **R:** Cr$ 3 426 250,00;
P: 117 676
CORINTHIANS: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Cláudio Mineiro; Givanildo, Palhinha e Luciano (Ruço); Vaguinho, Geraldão e Romeu.
T: Oswaldo Brandão
SANTOS: Ricardo (Wilson), Leo, Marçal, Alfredo e Otávio; Clodoaldo (Juary), Zé Mário e Aílton Lira; Nílton Batata, Totonho e Toinzinho. **T:** Oto Glória
G: Luciano 16 e Geraldão 35 do 1º; Romeu 35 e Palhinha 38 do 2º

Tropeço em Jaú

A Fiel invadiu Jaú, cidade a 300 quilômetros da capital, mas quem ganhou foi o XV. Inconformada, a torcedora Maria Madalena Pereira da Silva, então com 19 anos, invadiu o campo para correr atrás do juiz Romualdo Arppi Filho. Só parou aos pés do técnico Oswaldo Brandão, derrubada por uma providencial rasteira do policial José Luiz. Anos depois, ela seria condecorada madrinha do Batalhão Tobias de Aguiar pelo próprio guarda, de quem também tornou-se madrinha de casamento.

DOMINGO, 5/JUNHO/1977 (TARDE)

XV DE JAÚ 3 X 0 CORINTHIANS

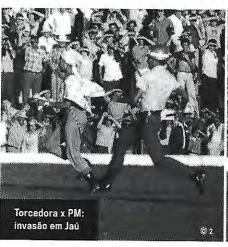
E: Zezinho Magalhães (Jaú (SP); **J:** Romualdo Arppi Filho; **R:** Cr$ 432 490,00; **P:** 22 417

CORINTHIANS: Jairo, Cláudio Mineiro, Moisés, Zé Eduardo e Wladimir; Givanildo, Palhinha e Luciano; Vaguinho (Edu), Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão

XV DE JAÚ: Valentim, Galli, Estêvão, Olavo e Caíca; Ivinho, Ademir Melo e Sabará; Luís Poiani, Valdomiro (Antônio Carlos) e Paulo Moisés (Fernando Pirulito). **T:** Cilinho

G: Luís Poiani 10 do 1º; Luís Poiani 17 e Ademir Melo 30 do 2º

Torcedora x PM: invasão em Jaú

©2

QUNTA-FEIRA, 9/JUNHO/1977 (TARDE)

CORINTHIANS 2 X 0 BOTAFOGO-SP

E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP); **J:** Roberto Nunes Morgado; **R:** Cr$ 1 310 560,00; **P:** 64 520

CORINTHIANS: Jairo, Cláudio Mineiro, Moisés (Ademir), Zé Eduardo e Wladimir; Givanildo (Ruço), Palhinha e Luciano; Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão

BOTAFOGO-RP: Aguilera, Wilson Campos, Nei, Manuel e Zé Maria; Miro, Lorico e Sócrates; Paulo César (Zé Bernardes), Arlindo e Osmarzinho. **T:** Jorge Vieira

G: Geraldão 13 e Romeu 41 do 1º

DOMINGO, 12/JUNHO/1977 (TARDE)

GUARANI 2 X 1 CORINTHIANS

E: Brinco de Ouro da Princesa (Campinas (SP); **J:** José de Assis Aragão; **R:** Cr$ 526 610,00; **P:** 24 642

CORINTHIANS: Jairo, Cláudio Mineiro, Moisés (Ademir), Zé Eduardo e Wladimir; Givanildo, Luciano (Ruço) e Palhinha; Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão

GUARANI: Neneca, Mauro, Gomes, Édson e Cuca; Manguinha, Renato e Zenon; Dedeu, Zé Maria (Adriano) e Ziza (Valdez).

T: Paulo Emílio

G: Renato 25 e Geraldão 28 do 1º; Adriano 28 do 2º

DOMINGO, 19/JUNHO/1977 (TARDE)

PORT. SANTISTA 0 X 1 CORINTHIANS

E: Urbano Caldeira (Vila Belmiro), Santos (SP); **J:** Márcio Campos Sales; **R:** Cr$ 490 360,00; **P:** 20 494

CORINTHIANS: Jairo, Cláudio Mineiro, Ademir, Zé Eduardo e Wladimir; Givanildo, Luciano e Palhinha; Vaguinho, Geraldão e Edu. **T:** Oswaldo Brandão

PORT. SANTISTA: Maurinho, Tuca, Lazinho, Oscar e Carpinelli; Juvenil, Miguel e De Rosis; Gílson, Chiquinho e Zé Luís. **T:** Gibe

G: Luciano 8 do 1º

SÁBADO, 2/JULHO/1977 (TARDE)

COMERCIAL-SP 0 X 1 CORINTHIANS

E: Francisco Palma Travassos (Ribeirão Preto (SP); **J:** Márcio Campos Sales; **R:** Cr$ 270 630,00; **P:** 12 232

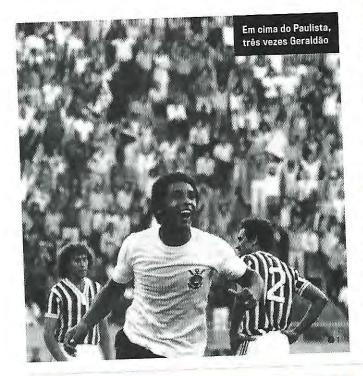
CORINTHIANS: Jairo, Cláudio Mineiro (Ruço), Ademir, Zé Eduardo (Darci) e Wladimir; Givanildo, Luciano e Palhinha; Vaguinho, Geraldão e Edu. **T:** Oswaldo Brandão

COMERCIAL-RP: Lula, Lauro, Leonardo, Leo e Laudemir; Maurício, Carlos Hansen e Celso (Luís Alberto); Jáder, Ziquita e Tim.

T: Alfredinho

G: Geraldão 27 do 2º

©1 LEMYR MARTINS ©2MANOEL MOTTA

Em cima do Paulista, três vezes Geraldão

Geraldão vira artilheiro

Com os três marcados no primeiro tempo desta goleada sobre o Paulista de Jundiaí, Geraldão passa a ser um dos artilheiros do campeonato, com 18 gols (terminaria em terceiro, com 23, atrás do são-paulino Serginho Chulapa, que fez 32, e do palmeirense Toninho, com 26). O time continuava indo bem, obrigado, como líder do Grupo C no segundo turno, quatro pontos à frente da Ponte Preta.

SÁBADO, 2/JULHO/1977 (TARDE)
CORINTHIANS 4 X 0 PAULISTA
E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP);
J: Roberto Nunes Morgado; **R:** Cr$ 861 860,00; **P:** 38 423
CORINTHIANS: Jairo, Cláudio Mineiro, Ademir, Zé Eduardo e Wladimir; Givanildo (Ruço), Luciano e Palhinha; Vaguinho, Geraldão e Edu (Adãozinho). **T:** Oswaldo Brandão
PAULISTA: Édson, Cícero, Marcos (Domingos), Válter e Lázaro; Fernando, Mosca (Vágner) e Bosco; Lula, Souza e Nascimento. **T:** Roberto Belangero
G: Geraldão 18, Geraldão 39 e Geraldão 40 do 1º; Palhinha 35 do 2º

DOMINGO, 10/JULHO/1977 (MANHÃ)
PORTUGUESA 1 X 0 CORINTHIANS
E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP);
J: Márcio Campos Sales; **R:** Cr$ 1 296 560,00; **P:** 49 070
CORINTHIANS: Jairo, Cláudio Mineiro, Ademir, Zé Eduardo e Wladimir; Givanildo (Ruço), Luciano (Basílio) e Palhinha; Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
PORTUGUESA: Moacir, Marinho (Alexandre Pimenta), Mendes, Calegári e Isidoro; Badeco, Eudes e Enéas; Antônio Carlos, Tata e Alcino (Valtinho). **T:** Urubatão
G: Enéas 10 do 2º

DOMINGO, 17/JULHO/1977 (TARDE)
JUVENTUS 0 X 1 CORINTHIANS
E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP); **J:** José de Assis Aragão; **R:** Cr$ 677 070,00; **P:** 27 185
CORINTHIANS: Tobias, Cláudio Mineiro, Moisés, Ademir e Wladimir; Givanildo (Ruço), Luciano e Palhinha; Rubens Nicola, Geraldão e Romeu (Edu). **T:** Oswaldo Brandão
JUVENTUS: Miguel, Arnaldo, Polaco, Deodoro e João Carlos; Tião, Elói e Ivã (Tadeu); Xaxá, Serginho (Zé Luís) e Wilsinho. **T:** Milton Buzetto
G: Wladimir 45 do 2º

DOMINGO, 24/JULHO/1977 (TARDE)
PALMEIRAS 4 X 2 CORINTHIANS
E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP); **J:** José de Assis Aragão; **R:** Cr$ 2 340 980,00; **P:** 79 644
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir e Wladimir; Givanildo, Luciano (Ruço) e Basílio; Rubens Nicola, Palhinha e Romeu (Edu). **T:** Oswaldo Brandão
PALMEIRAS: Leão, Rosemiro, Beto Fuscão, Mário Soto e Zeca; Pires, Jorge Mendonça e Ademir da Guia; Edu Bala, Toninho (Jair Gonçalves) e Nei (Ricardo). **T:** Dudu
G: Basílio 1, Jorge Mendonça 9, Jorge Mendonça 25 e Toninho 35 do 1º; Toninho 15 e Rosemiro (contra) 35 do 2º

QUARTA-FEIRA, 27/JULHO/1977 (NOITE)
CORINTHIANS 1 X 0 MARÍLIA
E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP);
J: Roberto Nunes Morgado; **R:** Cr$ 742 630,00; **P:** 34 028
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir e Cláudio Mineiro; Ruço, Luciano (Lance) e Basílio; Rubens Nicola (Vaguinho), Palhinha e Edu. **T:** Oswaldo Brandão
MARÍLIA: Álvaro, Augusto, Mariani, Misael e Pereira; Pedro Omar, Alexandre e Nedo; Mojica (Robertinho), Júlio César (Baiano) e Ferreira. **T:** Vail Mota
G: Vaguinho 31 do 2º

DOMINGO, 31/JULHO/1977 (TARDE)
AMÉRICA-SP 1 X 2 CORINTHIANS
E: Mário Alves Mendonça (São José do Rio Preto (SP); **J:** José de Assis Aragão; **R:** Cr$ 449 170,00; **P:** 20 027
CORINTHIANS: Tobias, Darcy, Moisés, Ademir e Cláudio Mineiro; Ruço, Adãozinho (Luciano) e Palhinha; Vaguinho (Rubens Nicola), Geraldão e Edu. **T:** Oswaldo Brandão
AMÉRICA-SP: Zoline, Paulinho, Nélson Prandi, Silvestre e Cleto; Zico, Cacau e Luís Fernando; Árlem, Wilson Luís (Serginho) e Cândido. **T:** Dicão
G: Cacau 1 e Vaguinho 19 do 1º; Darcy (pênalti) 36 do 2º

QUARTA-FEIRA, 10/AGOSTO/1977 (NOITE)

XV DE PIRACICABA 2 X 3 CORINTHIANS

E: Barão da Serra Negra (Piracicaba (SP); **J:** Márcio Campos Sales; **R:** Cr$ 457 450,00; **P:** 19 978
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir e Cláudio Mineiro; Ruço, Basílio e Palhinha (Luciano); Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
XV DE PIRACICABA: Getúlio (Pizelli), Volmil, Fernando, Ivã e Almeida; Pitanga, Perrela e Nardela; Tuta (Davi), Roberto e Zé Ito. **T:** Dema
G: Vaguinho 10 e Vaguinho 39 do 1º; Nardela (pênalti) 28, Romeu 41 e Davi 44 do 2º

SÁBADO, 13/AGOSTO/1977 (TARDE)

CORINTHIANS 3 X 1 FERROVIÁRIA

E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP); **J:** Dulcídio Wanderley Boschillia; **R:** Cr$ 906 940,00; **P:** 39 746
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria (Darcy), Moisés, Ademir e Cláudio Mineiro (Wladimir); Ruço, Basílio e Luciano; Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
FERROVIÁRIA: Sérgio, Mílton (Romero), Mauro, Sérgio Miranda e Carlos; Paulo César, Advílson e Wilson Carrasco (Joel); Tinteiro, Maurício e Zé Rubens. **T:** Aymoré Moreira
G: Basílio 11 e Geraldão 32 do 1º; Joel 20 e Basílio 28 do 2º

2º TURNO - CLASSIFICAÇÃO FINAL

GRUPO A	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
PORTUGUESA	26	18	8	7	3	30	16	14
SANTOS	24	18	9	4	5	23	16	7
COMERCIAL	20	18	6	7	5	23	19	4
SÃO BENTO	15	18	6	2	10	21	30	-9
NOROESTE	7	18	2	3	13	12	35	-23

2º TURNO - CLASSIFICAÇÃO FINAL

GRUPO C	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
CORINTHIANS	29	18	13	0	5	34	17	17
PONTE PRETA	29	18	12	4	2	25	9	16
JUVENTUS	20	18	7	4	7	20	20	0
XV DE JAÚ	16	18	5	5	8	20	30	-10
PORT. SANTISTA	3	18	0	3	15	13	45	-32

DOMINGO, 21/AGOSTO/1977 (TARDE)

CORINTHIANS 1 X 0 SÃO PAULO

E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP); **J:** Roberto Nunes Morgado; **R:** Cr$ 1 927 040,00; **P:** 70 094
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir e Cláudio Mineiro; Luciano, Basílio e Palhinha (Adãozinho); Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
SÃO PAULO: Waldir Peres, Nélson, Jaime, Arlindo e Gilberto; Chicão, Tecão e Terto (Marcos); Mickey, Müller e Zé Sérgio. **T:** Rubens Minelli
G: Geraldão 40 do 1º

QUINTA-FEIRA, 25/AGOSTO/1977 (NOITE)

CORINTHIANS 1 X 2 PONTE PRETA

E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP); **J:** Dulcídio Wanderley Boschillia; **R:** Cr$ 1 365 530,00; **P:** 67 543*
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Cláudio Mineiro (Wladimir); Luciano (Adãozinho), Basílio e Palhinha; Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
PONTE PRETA: Carlos, Jair, Oscar, Polozzi e Odirlei; Vanderlei, Marco Aurélio e Dicá; Lúcio, Rui Rei e Parraga (Wilsinho). **T:** José Duarte
G: Parraga 29 e Vanderlei 43 do 1º; Basílio 20 do 2º
*Recorde oficial de público no Pacaembu.

2º TURNO - CLASSIFICAÇÃO FINAL

GRUPO B	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
SÃO PAULO	28	18	9	5	4	31	12	19
GUARANI	24	18	8	7	3	21	13	8
AMÉRICA	19	18	6	4	8	24	18	6
PAULISTA	15	18	5	3	10	21	32	-11
MARÍLIA	12	18	5	2	11	15	35	-20

2º TURNO - CLASSIFICAÇÃO FINAL

GRUPO B	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
PALMEIRAS	30	18	9	8	1	39	19	20
BOTAFOGO	23	18	8	6	4	25	17	8
XV DE PIRACICABA	17	18	7	3	8	18	29	-11
FERROVIÁRIA	16	18	6	3	9	17	20	-3

SEMIFINAIS - 2º TURNO
27/AGOSTO/1977 PALMEIRAS 2 x 1 PORTUGUESA (Palmeiras classificado para a decisão do 2º turno)

DOMINGO, 28/AGOSTO/1977 (TARDE)

CORINTHIANS 2 X 1 SÃO PAULO

E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP); **J:** José de Assis Aragão; **R:** Cr$ 2 127 170,00; **P:** 72 347
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Wladimir; Luciano, Adãozinho (Edu) e Palhinha; Vaguinho, Geraldão (Lance) e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
SÃO PAULO: Waldir Peres, Gilberto, Jaime (Tecão), Arlindo e Bezerra; Chicão, Teodoro e Pedro Rocha; Müller (Terto), Serginho e Zé Sérgio. **T:** Rubens Minelli
G: Geraldão 9 do 1º; Serginho 14 do 2º; Luciano 12 do 1º da prorrogação; **E:** Lance e Tecão, na prorrogação.

Geraldão marca, Palhinha vibra

Ensaio para a festa maior

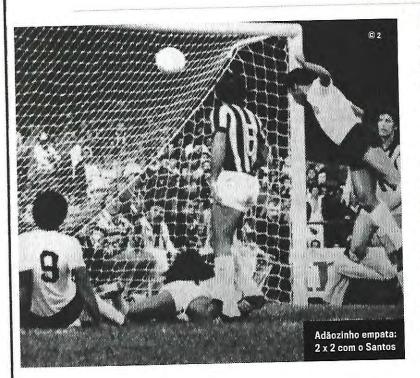
Na decisão do título do segundo turno (o do primeiro ficou com o Botafogo de Ribeirão Preto, campeão da Taça Cidade de São Paulo), o Corinthians, que já havia passado pelo São Paulo na semifinal com um gol na prorrogação, derrota também o Palmeiras, graças a mais um gol de seu artilheiro Geraldão. Com o resultado, ganha a Taça Governador do Estado e entra com moral no turno decisivo, em que os oito classificados, divididos em duas chaves de quatro times, jogaram entre si em partidas só de ida. Os campeões de cada grupo fizeram a decisão.

QUARTA-FEIRA, 31/AGOSTO/1977 (NOITE)

CORINTHIANS 1 X 0 PALMEIRAS

E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP); **J:** Romualdo Arppi Filho; **R:** Cr$ 3 686 990,00; **P:** 98 059
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Wladimir; Luciano, Adãozinho e Palhinha; Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
PALMEIRAS: Leão, Rosemiro, Beto Fuscão, Mário Soto e Zeca; Ivo, Vasconcelos e Jorge Mendonça; Edu, Toninho e Macedo (Picolé). **T:** Jorge Vieira
G: Geraldão 26 do 2º
Com este resultado, o Corinthians foi campeão do segundo turno (Taça Governador do Estado).

3º TURNO

Adãozinho empata: 2 x 2 com o Santos

Poderia ser pior

O Corinthians entra na fase decisiva do campeonato mostrando ao menos poder de reação. Chegou a estar perdendo o clássico para o Santos por 2 x 0, mas ainda no primeiro tempo foi buscar o empate, com este gol de cabeça de Adãozinho. Na segunda etapa, os dois times resolveram se poupar: afinal, aquele era só o começo da parte mais importante da longa caminhada.

DOMINGO, 4/SETEMBRO/1977 (TARDE)

SANTOS 2 X 2 CORINTHIANS

E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP); **J:** Oscar Scolfaro; **R:** Cr$ 2 299 740,00; **P:** 77 273
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo (Ademir) e Wladimir; Luciano, Adãozinho (Edu) e Palhinha; Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
SANTOS: Ernâni, Fausto, Marçal, Alfredo e Fernando; Bianchi, Aílton Lira e Nílton Batata; Zé Mário, Juary (Célio) e Flávio (Carlos Roberto). **T:** Oto Vieira
G: Bianchi 8, Aílton Lira 32, Romeu 36 e Adãozinho 42 do 1º

DOMINGO, 11/SETEMBRO/1977 (TARDE)

CORINTHIANS 0 X 1 PONTE PRETA

E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP); **J:** Dulcídio Wanderley Boschillia; **R:** Cr$ 1 788 000,00; **P:** 59 623
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir e Wladimir; Luciano, Adãozinho (Basílio) e Palhinha; Vaguinho (Edu), Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
PONTE PRETA: Carlos, Jair, Oscar, Polozzi e Odirlei; Vanderlei, Marco Aurélio e Dicá; Lúcio, Rui Rei e Tuta. **T:** José Duarte
G: Rui Rei 10 do 2º

©2 Zé Maria nas nuvens: gol no Palmeiras

Ainda na briga

Depois de um empate com o Santos e de uma derrota para a Ponte nas duas primeiras rodadas, somente a vitória no Derby contra o Palmeiras interessava ao Corinthians. E ela veio. Daí a alegria do capitão Zé Maria na comemoração do seu gol, o primeiro daquele jogo, em cobrança de pênalti.

DOMINGO, 18/SETEMBRO/1977 (TARDE)

PALMEIRAS 0 X 2 CORINTHIANS

E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP); **J:** Oscar Scolfaro; **R:** Cr$ 1 342 710,00; **P:** 44 961
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Wladimir; Ruço (Luciano), Basílio e Palhinha; Vaguinho, Geraldão (Lance) e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
PALMEIRAS: Leão, Valdir (Vasconcelos), Beto Fuscão, Jair Gonçalves e Ricardo; Pires, Jorge Mendonça e Ademir da Guia (Picolé); Ivo, Toninho e Nei. **T:** Jorge Vieira
G: Zé Maria (pênalti) 27 do 1º; Vaguinho 23 do 2º; **E:** Zé Eduardo e Jorge Mendonça

QUARTA-FEIRA, 21/SETEMBRO/1977 (NOITE)

CORINTHIANS 0 X 1 GUARANI

E: Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), São Paulo (SP); **J:** Romualdo Arppi Filho; **R:** Cr$ 1 036 180,00; **P:** 40 049
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Cláudio Mineiro e Wladimir; Ruço, Basílio e Palhinha; Vaguinho, Geraldão (Lance) e Romeu (Edu). **T:** Oswaldo Brandão
GUARANI: Neneca, Mauro, Amaral, Édson e Beto; Manguinha, Renato e Zenon; Miranda, Adriano e Ziza (Dedeu). **T:** Paulo Amaral
G: Ziza 20 do 2º

Vaguinho vai à luta contra o Botafogo ©3

Vencer ou vencer

Depois da incrível derrota para o Guarani com um gol em que a bola bateu na bunda de Ruço antes de entrar, o Corinthians teria que vencer seus três últimos jogos para ir à decisão. Este 1 x 0, gol de Romeu, manteve as esperanças corintianas e desclassificou de vez o Botafogo.

DOMINGO, 25/SETEMBRO/1977 (TARDE)

BOTAFOGO-SP 0 X 1 CORINTHIANS

E: Santa Cruz (Ribeirão Preto (SP); **J:** Oscar Scolfaro; **R:** Cr$ 824 780,00; **P:** 29 326
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Wladimir; Ruço, Basílio e Palhinha; Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
BOTAFOGO-RP: Leoneti, Wilson Campos (Zé Maria), Nei, Tonhão e Manuel; Mário, Osmarzinho e Sócrates; Zé Mário, Marciano e Zito (João Carlos Motoca). **T:** Aymoré Moreira
G: Romeu 17 do 2º

QUARTA-FEIRA, 29/SETEMBRO/1977 (NOITE)

CORINTHIANS 1 X 0 PORTUGUESA

E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP); **J:** Dulcídio Wanderley Boschillia; **R:** Cr$ 1 230 450,00; **P:** 35 223
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Wladimir; Ruço, Basílio (Lance) e Palhinha; Vaguinho (Adãozinho), Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
PORTUGUESA: Moacir, Marinho, Mendes, Beto Lima e Isidoro; Ademir, Enéas e Eudes; Valtinho, Tata (Julinho) e Alcino. **T:** Urubatão
G: Geraldão 22 do 2º

Palhinha ajuda a despachar o São Paulo

Adeus, Tricolor

Àquela altura, eram três times brigando pelo direito de jogar com a Ponte na decisão. Na quarta, o Corinthians despachou a Portuguesa com um gol de Geraldão. No domingo, o São Paulo jogava pelo empate. Mas quem ganhou foi o Timão, pela quarta vez em quatro jogos entre os dois naquele Paulista. Em todos eles, Geraldão havia deixado sua marca. Dessa vez não foi diferente, com um gol de cabeça no final do primeiro tempo, que abriu o placar e o caminho para o Corinthians disputar o título.

DOMINGO, 2/OUTUBRO/1977 (TARDE)

SÃO PAULO 1 X 2 CORINTHIANS

E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP); **J:** Oscar Scolfaro; **R:** Cr$ 3 762 770,00; **P:** 105 435
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Wladimir (Cláudio Mineiro); Ruço, Basílio (Adãozinho) e Palhinha; Vaguinho, Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
SÃO PAULO: Toinho, Nélson, Eduardo, Bezerra e Gilberto; Chicão, Teodoro (Viana) e Pedro Rocha (Terto); Perez, Serginho e Zé Sérgio. T: Rubens Minelli
G: Geraldão 42 do 1º; Romeu 8 e Serginho 32 do 2º

3º TURNO – CLASSIFICAÇÃO FINAL

GRUPO A	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
PONTE PRETA	**12**	**7**	**5**	**2**	**0**	**9**	**2**	**7**
BOTAFOGO	4	6	2	0	4	6	7	-1
PALMEIRAS	4	6	0	4	2	4	7	-3
SANTOS	4	7	1	2	4	4	9	-5

3º TURNO – CLASSIFICAÇÃO FINAL

GRUPO B	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
CORINTHIANS	**9**	**7**	**4**	**1**	**2**	**8**	**5**	**3**
SÃO PAULO	8	7	3	2	2	8	6	2
PORTUGUESA	7	7	2	3	2	5	6	-1
GUARANI	6	7	2	2	3	6	8	-2

Palhinha prepara-se para marcar

Com a cara e a coragem

Corinthians x Ponte na decisão: quem fizesse quatro pontos primeiro (a vitória, naquela época, valia só dois) seria o campeão. Em caso de igualdade ao final da prorrogação do terceiro jogo, o Timão levava vantagem, por ter mais vitórias ao longo do campeonato (26 contra 23). E ainda ganhou a primeira, com um gol muito estranho de Palhinha. Ele chutou, o goleiro Carlos rebateu, a bola voltou em cheio na cara do craque corintiano. E só foi parar no fundo do gol da Ponte.

QUARTA-FEIRA, 5/OUTUBRO/1977 (NOITE)

PONTE PRETA 0 X 1 CORINTHIANS

E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP);
J: Dulcídio Wanderley Boschillia; **R:** Cr$ 2 628 890,00; **P:** 65 806
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Wladimir; Ruço, Basílio e Luciano; Palhinha, Geraldão e Adãozinho (Lance). T: Oswaldo Brandão
PONTE PRETA: Carlos, Jair, Oscar, Polozzi e Odirlei; Vanderlei, Marco Aurélio e Dicá; Lúcio, Rui Rei e Tuta.
T: José Duarte
G: Palhinha 14 do 1º

A última Ponte

O Morumbi jamais recebeu, nem receberá, tanta gente em um jogo de futebol. Entre pagantes e não pagantes, 146 082 pessoas viram Vaguinho fazer 1 x 0 para o Corinthians, resultado que devolveria a taça depois de 22 anos já naquele domingo ensolarado. Mas a Ponte empatou, em cobrança de falta magistral de Dicá, e virou o jogo com seu artilheiro Rui Rei. Ficava tudo para quinta-feira, a Noite de São Basílio.

DOMINGO, 9/OUTUBRO/1977 (TARDE)

CORINTHIANS 1 X 2 PONTE PRETA

E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP);
J: Romualdo Arppi Filho; **R:** Cr$ 4 239 010,00;
P: 138 032 (8 050 menores)
CORINTHIANS: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Wladimir; Ruço, Basílio e Luciano (Adãozinho); Palhinha (Vaguinho), Geraldão e Romeu. **T:** Oswaldo Brandão
PONTE PRETA: Carlos, Jair, Oscar, Polozzi e Odirlei; Vanderlei, Marco Aurélio e Dicá; Lúcio, Rui Rei (Helinho) e Tuta (Parraga). **T:** José Duarte
G: Vaguinho 42 do 1º; Dicá 22 e Rui Rei 38 do 2º; **E:** Adãozinho

Dicá, de falta, empata para a Ponte

QUINTA-FEIRA, 13/OUTUBRO/1977 (NOITE)

PONTE PRETA 0 X 1 CORINTHIANS

E: Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (SP); **J:** Dulcídio Wanderley Boschillia; **R:** Cr$ 3 325 470,00; **P:** 86 677
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir e Wladimir; Ruço, Basílio e Luciano; Vaguinho, Geraldão e Romeu.
T: Oswaldo Brandão
PONTE PRETA: Carlos, Jair, Oscar, Polozi e Ângelo; Vanderlei, Marco Aurélio e Dicá; Lúcio, Rui Rei e Tuta (Parraga). **T:** José Duarte
G: Basílio 36 do 2º; **E:** Rui Rei, Geraldão e Oscar

Ecos da vitória

A CONQUISTA CORINTIANA DE 1977 INSPIROU CARTUNS, PUBLICIDADE, MANCHETES DE JORNAL, REVISTA E ATÉ LITERATURA DE CORDEL

Depois dos 2 x 1 para a Ponte no jogo do domingo, Laerte, o cartunista corintiano que assinava uma página na Placar, não se rendeu. Inspirado no clássico King Kong, ele fez esta charge para reconhecer a resistência da Ponte, conhecida como "Macaca".

Por causa da lenda do sapo enterrado no Parque São Jorge, Franklin Machado (que também assinava como "Maxado Nordestino") escreveu o cordel *Corinthians não é mais aquele do sapo cururu*. Que termina assim: "O goleador foi Basílio/ 1 x 0 foi placar/ Agora que cantei tanto/ Vou parar pra descansar/ Boto a viola no saco/ Vou cantar noutro lugar".

©1

As três maiores rádios paulistas lançaram discos comemorativos da conquista corintiana, com as narrações dos gols da campanha e principalmente do de Basílio, nas vozes de Fiori Gigliotti (Bandeirantes), Osmar Santos (Globo) e José Silvério (Jovem Pan). O da Pan, reproduzido acima, trazia ainda o histórico programa humorístico Show de Rádio, produzido por Estevam Sangirardi, em que São Jorge em pessoa baixou no barraco do personagem corintiano, o Crioulo Joca, na noite da grande festa.

©1

O Corinthians fez a festa dos jornais paulistanos, que no dia seguinte venderam como água. E também dos de fora de São Paulo:
"Corinthians é um grito só de alegria: campeão de 1977" (Cidade de Santos)
"Enfim, Corinthians!" (Última Hora, RJ)
"Corinthians vence e leva 1 milhão de pessoas em carnaval às ruas" (Jornal do Brasil, RJ)
"Depois de 23 anos, Corinthians campeão" (O Globo, RJ)
"O pesadelo chega ao fim" (Veja)

©1

Essa revendedora de peças para veículos resolveu saudar a façanha alvinegra com uma publicidade em português, inglês, espanhol, alemão, italiano, francês, japonês e russo.

©1

E tome Corinthians, era a capa de Placar. A edição especial, que chegou às bancas horas depois da conquista, era mais otimista: "Agora, o bi!" Só que em 1978 deu Santos.

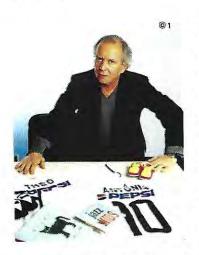
©1 REPRODUÇÃO

Onde você estava quando...

...O CORINTHIANS FOI CAMPEÃO DEPOIS DE 22 ANOS? AQUI, SEIS GRANDES CORINTIANOS RESPONDEM A ESSA INQUIETANTE PERGUNTA COM MUITA EMOÇÃO

WASHINGTON OLIVETTO

PUBLICITÁRIO
55 anos

©1

"Assisti ao jogo no estádio, numa das cabines de transmissão, ao lado do meu amigo Osmar Santos, que tinha acabado de trocar a Jovem Pan pela Rádio Globo. Me recordo de cada segundo da histórica narração do Osmar e recomendo a quem nunca teve o privilégio de ouvir essa obra-prima da radiofonia brasileira que procure no You Tube (o histórico gol do Basílio na antológica narração do Osmar está lá – com a mesma vitalidade de 1977).

Me lembro que, depois que o jogo terminou, ainda ficamos um tempão na cabine, já que o Osmar tinha que continuar seu trabalho, e eu, como todos os outros corintianos presentes naquela noite, não pretendia sair do estádio.

Horas depois, finalmente saímos para jantar no Parreirinha, clássico das madrugadas paulistanas daquela época. No Parreirinha, tomei dois uísques, comi camarão com chuchu, bebi uma cerveja e meia e, lá pelas 4 da manhã, resolvi que tinha que ir pra casa. Me despedi do Osmar e dos outros amigos, mas acabei não indo pra casa coisa nenhuma. Fiquei vagando pela cidade e observando outros corintianos que comemoravam em grupos ou solitários, tão ou mais eufóricos do que eu. Lá pelas 7 da manhã, até que enfim fui pra casa. Tomei um banho e me mandei pro trabalho. Com o corpo e a alma lavados."

Eu, como todos os outros corintianos presentes naquela noite, não pretendia sair do estádio [...]. Fiquei vagando pela cidade e observando outros corintianos que comemoravam, tão ou mais eufóricos que eu."

JUCA KFOURI

JORNALISTA, COMENTARISTA DA RÁDIO CBN E DA TV ESPN BRASIL, MANTÉM UM BLOG NO PORTAL UOL
57 anos

"Ora, e isso é pergunta que se faça? Eu estava no Morumbi para comemorar o 16º título paulista do Corinthians, queriam que eu estivesse onde? Verdade que se a memória de tudo é bem nítida até o gol de Basílio, do gol em diante as coisas ficam meio confusas – embaçadas, digamos assim...

Recapitulemos: eu era, então, chefe de reportagem desta Placar. Vi o jogo como penetra nas cadeiras cativas superiores do estádio, setor 3, porque não era jogo para se ver na cabine de imprensa. Felizmente, não era ainda uma cara conhecida, razão pela qual podia me misturar com a massa numa boa. Não que tivesse massa propriamente dita nas cadeiras cativas, mas daqui a pouco você entenderá por que. E Basílio fez o gol da libertação, que abriria um futuro que culminaria, outros 23 anos depois (alguém já tinha se dado conta disso?), no primeiro título mundial de clubes da Fifa.

Do que me lembro, então? Lembro que o corintiano que estava sentado ao meu lado olhou para mim, pôs a mão no meu peito e perguntou: 'Você está se sentindo bem?' Lembro que respondi: 'Nunca me senti tão bem na vida, amigo'. E, depois, só me lembro de estar no gramado do Morumbi, com uma bandeira alvinegra nas mãos, nem sei como fui parar lá e quem me deu o estandarte, se é que não o comprei.

Mas eu tinha um compromisso, ir atrás do trio-elétrico que Placar tinha trazido de Salvador desde o sábado anterior e que estava escondido em São Paulo. Eu havia prometido para minha mulher, grávida de cinco meses, que a pegaria em casa e iríamos para a avenida Paulista, ver o trio passar. Peguei o carro e saí correndo, com o cuidado de não ouvir Osmar Santos, porque sabia que não agüentaria. Pus na rádio Bandeirantes, em tempo de ouvir o saudoso "senador" Mauro Pinheiro dizer: "Antes de falar do jogo, quero abraçar um jovem companheiro que deve estar perdido por algum canto deste festivo Morumbi, o chefe de reportagem da Placar, Juca Kfouri". Pronto! Pra quê? Subi na ilha da avenida Cidade Jardim, parei o carro e chorei convulsivamente não sei por quanto tempo.

©2

> O corintiano que estava sentado ao meu lado olhou para mim, pôs a mão no meu peito e perguntou: 'Você está se sentindo bem?' Respondi: 'Nunca me senti tão bem na vida, amigo' ."

Recuperado, peguei minha mulher, fomos à Paulista, o trio já tinha ido, e resolvemos jantar no Gigetto, um dos poucos restaurantes, àquela época, que ficavam abertos na madrugada paulistana.

Lá nos encontramos com o presidente Vicente Matheus, um pé calçado, outro descalço.

'Uai, presidente, cadê o seu sapato?', perguntei. 'Sei lá, nem notei que estava sem', ele respondeu. E nos abraçamos como dois felizardos."

©1 MÁRIO RODRIGUES2 CARLOS FENERICH

FÁBIO ALTMAN

JORNALISTA, REDATOR-CHEFE DA *REVISTA DA SEMANA*
43 anos

"O aparelho celular tocou com o irritante ruído de sempre, que antes constrange quem está ao redor. Levantei-me rumo ao corredor, levei comigo o chato som e atendi. 'Queria falar com o Fábio.' À minha resposta, 'sou eu', veio a identificação, em voz grave. 'É o Basílio'. Seguiram-se segundos de silêncio, de ambos os lados, até que pudesse me recompor do susto e da emoção. Basílio? Ele existe, e sempre imaginei que fosse um sonho. Tinha deixado recado horas antes, queria falar com o Basílio para um texto, mas nunca supus que um dia o pé-de-anjo pudesse aparecer ao telefone. Há 30 anos, desde o 13 de outubro de 1977 em que ele marcou o gol diante da Ponte Preta aos 36 do segundo tempo e encerrou o jejum de títulos do Timão, João Roberto Basílio virou lenda. Antes que me acusem de exagero, cabe uma comparação para dar a noção exata do que significa tê-lo na linha. Imagine que um jornalista estivesse preparando uma reportagem a respeito da primeira viagem do homem à lua e alguém telefonasse anunciando: 'Aqui é o Neil Armstrong'. Com um detalhe: Basílio é muito mais importante que Armstrong. Recentemente, ele chorou quando um homem de seus 40 anos entrou no vestiário com uma réplica da camisa dos anos 1970. 'O sonho do meu pai, já falecido, era ter um autógrafo seu', disse. 'Finalmente consegui realizar o sonho dele.' O autógrafo e o sonho fizeram Basílio ter a certeza que aquele gol, um único gol, o transformou num atleta especial, um brasileiro com uma história única. Em uma só palavra: herói. 'Dizem que brasileiro não tem memória, mas corintiano tem', decreta.

Memória e saudades daqueles dias de três décadas atrás passaram a me atormentar. Cismei em localizar, na casa do meu pai, onde cresci corintiano, o ingresso daquela partida de 13 de outubro de 1977. Nada dele. Mas achei uma série de slides, amarelados, ligeiramente mofados, do século passado. São fotos daqueles dois jogos decisivos. As fotos de domingo, claras de sol, parecem escuras porque perdemos. As de quinta, escuras, parecem claras porque vencemos. Estamos todos lá. Meu pai, Max, meu irmão, Rogério, e a Fiel. O terceiro irmão, Breno, é santista, e naturalmente não foi ao jogo, já viúvo do Pelé. Minha mãe ficou em casa porque aquele evento noturno era programa para homens corintianos..." Hoje, vou aos jogos com o Gustavo, meu filho de nove anos, para, suados, desgrenhados, gritar a plenos pulmões para toda a vizinhança ouvir: Corinthians Campeão! E lá na frente, bem na frente, no futuro, dentro de 30 anos, juntos poderemos lembrar a frase do Basílio, o pé-de-anjo: "Dizem que brasileiro não tem memória, mas corintiano tem".

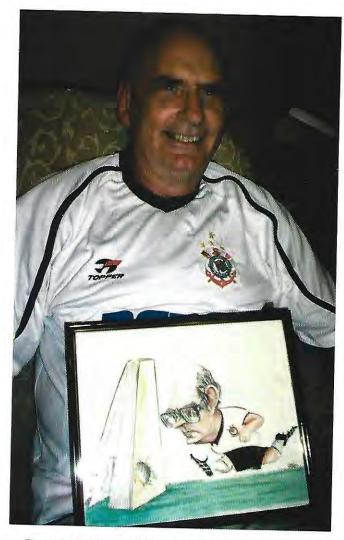
Achei uma série de slides daqueles dois jogos decisivos. As fotos de domingo, claras de sol, parecem escuras, porque perdemos. As de quinta, escuras, parecem claras porque vencemos."

RAUL DREWNICK

JORNALISTA E ESCRITOR,
68 anos

"Trinta anos depois, talvez eu já possa admitir um sentimento que jamais confessaria em 13 de outubro de 1977. Não é fácil dizer isto, mas era medo que eu tinha naquela noite. Medo? Medo era pouco. Eu tinha pavor, eu tinha pânico, um pavor e um pânico tão densos e agudos que quase me impediam de respirar.

Quinze minutos antes do início do jogo, eu tentava reincutir em mim a crença de que a virtude primordial de um corintiano era a fé. Inspirei fundo, bem fundo, e disse baixinho: tenho fé, tenho fé, tenho fé...."

Era vergonhoso. Um corintiano aterrorizado, um corintiano com tremedeira nas mãos e nas pernas antes de um jogo, era algo que só teria sentido se no time adversário houvesse Pelé. E Pelé, graças a Deus, já era para nós só uma amarga lembrança. Quinze minutos antes do início do jogo, eu tentava reincutir em mim a crença de que a virtude primordial de um corintiano era a fé. Eu precisava ter fé, eu queria ter fé. Inspirei fundo, bem fundo, e disse baixinho: tenho fé, tenho fé, tenho fé. Eu trabalhava no Estadão, nesse tempo. Havia uma tevê ligada na seção de Esportes e eu, que era de outra editoria, tropeçava nas vírgulas e atropelava o texto para ir ver, de instante em instante, o que estava acontecendo no Morumbi. Alguns minutos de jogo foram suficientes para que eu me fizesse uma pergunta: a fé removia montanhas, tudo bem, mas a fé bastaria para derrotar a Ponte Preta? Não era uma pergunta descabida. O Corinthians havia jogado contra a Ponte Preta cinco partidas naquele campeonato e perdido quatro.

Durante os noventa minutos, fiquei fazendo com a minha fé o jogo do bem-me-quer mal-me-quer: tenho, não tenho, tenho, não tenho. Para ser honesto, nem depois do gol de Basílio eu parei de suar frio. E, acabado o jogo, a sensação que tive era muito menos de júbilo que de alívio. Saí do trabalho com essa sensação. A caminho de casa, passei pelo Minhocão, que nesse tempo não era fechado à noite. No fim dele, ali pela Bela Vista, eu e outros motoristas fomos obrigados a parar: torcedores do Corinthians, com uniforme e bandeiras, atravessavam à nossa frente, de joelhos. Sei que a expressão é fraca, mas não acho outra melhor: eles estavam loucos de alegria, mas, no rosto de um que chegou mais perto do meu carro e gritou "É campeão!", vi que havia ainda, como devia haver no meu, um pouco do temor que lhe havia sido inspirado pela Ponte Preta de Carlos, Oscar e Dicá."

No dia do jogo, acordei com uma certeza de que seríamos campeões. Como seria minha reação ao final da partida, da fila, do sofrimento que me acompanhou por toda a infância?"

SILVIO DANIEL RIBEIRO BARBOSA

PROFESSOR E ANALISTA DE RECURSOS HUMANOS APOSENTADO

47 anos

"Acho que todo corintiano legítimo e de coração tem algo dentro de si, muito especial, capaz de antever glórias e fracassos. Naquele dia, acordei sem um pressentimento que me perseguia desde a infância. Eu tinha 17 anos, vinha de experiências marcantes, como nas decisões de 1974 e 1976, quando nas manhãs correspondentes acordei com certa desconfiança de que ainda não era o dia de soltar a gargante e abrir o coração. Essa premonição me perseguiu até o domingo anterior, quando infelizmente se confirmou ao final do segundo jogo contra a Ponte Preta. Entretanto, no dia do jogo decisivo, acordei com uma certeza de que seríamos campeões.

Comecei, então, a me preocupar. Como seria minha própria reação ao final da partida, da fila, enfim, do sofrimento que me acompanhou por toda a infância?

Onde eu estava? É claro que na úmida arquibancada do Morumbi. Na época, tinha mais de dois anos que trabalhava como mensageiro da extinta Fepasa, no escritório da Barra Funda, de onde saí correndo às dezessete horas, em direção ao estádio, já com o ingresso comprado, com outros dois colegas de trabalho, Luiz e Jackson.

Sentamos num lugar privilegiado, levando uma bandeira que nós mesmos fizemos, com um "Ti" num dos gomos brancos e no outro o desenho de uma mão. Na hora do gol do Basílio, só vi o Zé Maria cobrar a falta em direção à área, e aí todo mundo ficou em pé.

Quando consegui olhar para o campo de novo, a bola estava entrando e a gente se abraçando, gritando e chorando. Depois me lembro perfeitamente quando do Dulcídio, bem à minha frente, pediu a bola e apitou o fim de tudo.

E a festança foi emocionante. Fiquei surpreso ao chegar em casa quase às seis horas da manhã, com a vizinhança me abraçando tal como aconteceria no dia seguinte no trabalho. Até as pessoas que não gostavam de futebol vinham me cumprimentar, como se eu tivesse sido o herói predestinando a pôr um fim naquilo tudo.

Hoje, me sinto como muitos que viveram a época, um corintiano genuíno. Afinal, mesmo que o Corinthians venha a ganhar outros Brasileiros, cinco Libertadores, outros Mundiais, Interplanetários, nenhum título vai ficar no meu coração e na minha memória como aquele ficou."

JOSÉ FERREIRA NETO

EX-JOGADOR DE FUTEBOL, CAMPEÃO BRASILEIRO PELO CORINTHIANS EM 1990

41 anos

"O que poderia deixar um garoto de 11 anos mais feliz do que ver seu time campeão pela primeira vez? É, ao ver o gol do Basílio, o verdadeiro Pé-de-Anjo, senti uma das maiores emoções da minha vida. Lembro como se fosse hoje que saí pelas ruas da minha cidade natal, Santo Antônio de Posse, pulando e gritando: 'É Campeão! É Campeão!'

O fato é que já nasci corintiano. E isso aconteceu por pura influência da minha mãe. Aliás, na minha família, só havia dois corintianos. O mais curioso é que naquela época em que começava a dar meus primeiros chutes no União Possense nunca imaginaria que fosse me tornar um jogador profissional. Mas Deus me reservou muito mais do que isso. Ele me tornou ídolo e primeiro capitão a erguer o primeiro título brasileiro do clube que amo.

Hoje, 30 anos depois da turma do Oswaldo Brandão conquistar aquele título histórico, posso dizer que o Corinthians faz parte da minha história. Sem o Timão o ser humano Neto não seria nada, o que dirá o jogador! Às vezes, quando dou um autógrafo ou tiro uma foto com um fã, me recordo daquele menino pobre, mas feliz e realizado por ver seu time campeão. Queria agradecer a todos daquele grupo de 77. Vocês foram muito importantes na minha vida".

Antônio Pecci Filho (Toquinho)

CANTOR, COMPOSITOR E INSTRUMENTISTA

61 anos

"Assisti ao jogo com amigos, na casa de meu irmão. O gol demorou a sair, a bola parecendo não querer entrar, um sufoco a cada lance. Então, quando aconteceu, depois de bola na trave e confusão, foram gritos, abraços e gestos que caracterizam um transe que fica num local oculto da memória. A gente só sabe que passou por ele, e que foi maravilhoso.

Quando acabou o jogo, foi aquela coisa que todos sabem. Abraços, beijos, pulos. A buzinação das ruas retumbando nas casas. Lembro-me que depois de uns 15 minutos do fim do jogo chegou lá em casa o Paulinho Nogueira (violonista, mestre do próprio Toquinho e autor da música "Ai, Corinthians") e toda a família dele, com bandeira e tudo. Outros amigos chegavam, aquela casa era um ponto de encontro festivo. Foi lindo! Reverências a Basílio, terna e eternamente."

FOTOS REPRODUÇÃO SATTI LETÍCIA BELMONTE

7 coisas que você não sabia sobre 77

1 - O verdadeiro recorde de público

Muita gente ainda pensa que o recorde de público do Morumbi foi estabelecido na noite do gol de Basílio. Mas aquele foi o público do domingo. Na quinta, havia 86 677 pagantes.

2 - Classificação por renda é lenda

Pelo confuso regulamento do Paulista de 1977, estariam garantidos no terceiro turno, a fase decisiva do campeonato: o campeão e o vice do primeiro turno; o campeão e o vice do segundo turno; os dois times com mais pontos na soma dos dois turnos; as duas equipes com melhor renda em seus jogos. O Timão, com um público total de 2 257 643 pessoas e média de 47 034 pagantes, pegaria com folga uma das vagas por renda. Mas não precisou disso para chegar às finais, pois ganhou o segundo turno e ficou em segundo lugar na soma geral dos pontos, com 55, ao lado de São Paulo e Botafogo de Ribeirão Preto e atrás do Palmeiras, que fez 61.

3 - Ingressos com a marca dos rivais

Os ingressos das finais foram impressos por antecipação e identificados apenas por um carimbo batido às vésperas da partida. Isso explica por que traziam o escudo e a foto posada de três times rivais do Corinthians: Portuguesa (no primeiro jogo), Santos (no segundo) e São Paulo (na terceira partida, aquela em que o título finalmente foi decidido).

4 - O governador corintiano

Em 1977, o empresário Paulo Egydio Martins era o governador de São Paulo. Eleito indiretamente em 1975, ficaria no cargo até 1979. Corintiano, recebeu Vicente Matheus no Palácio e posou ao lado da taça.

5 - E se o jogo terminasse empatado?

Ia dar a maior confusão. Pelo regulamento, deveria haver prorrogação de 30 minutos, na qual o Timão jogaria pelo empate por ter mais vitórias ao longo do campeonato (26 contra 23). A Ponte, porém, alegava que o regulamento era falho, e entrou em campo dizendo que não jogaria o tempo extra.

6 - Mobilização política

Às vésperas do segundo jogo das finais, em um domingo, o vereador José Bustamante levantou a hipótese de que se decretasse ponto facultativo na segunda-feira, em caso de vitória corintiana, mas o prefeito Olavo Setúbal negou o pedido.

7 - O caso Rui Rei

Em seu livro *A História de um Tabu Que Durou 22 Anos*, o professor José Teixeira, preparador físico corintiano naquela campanha, apresenta sua versão: "O controle feito pelos especialistas da ciclobiologia para a última partida afirmavam que Rui Rei estaria em dia crítico, principalmente no aspecto emocional. Foi dada uma importância e maior atenção a essa informação". A "importância" que o Corinthians teria dado foi plantar um falso repórter para abordar Rui Rei no gramado antes do jogo e desestabilizá-lo emocionalmente, com provocações descabidas sobre ele e sua família. A tática, pelo visto, deu certo.